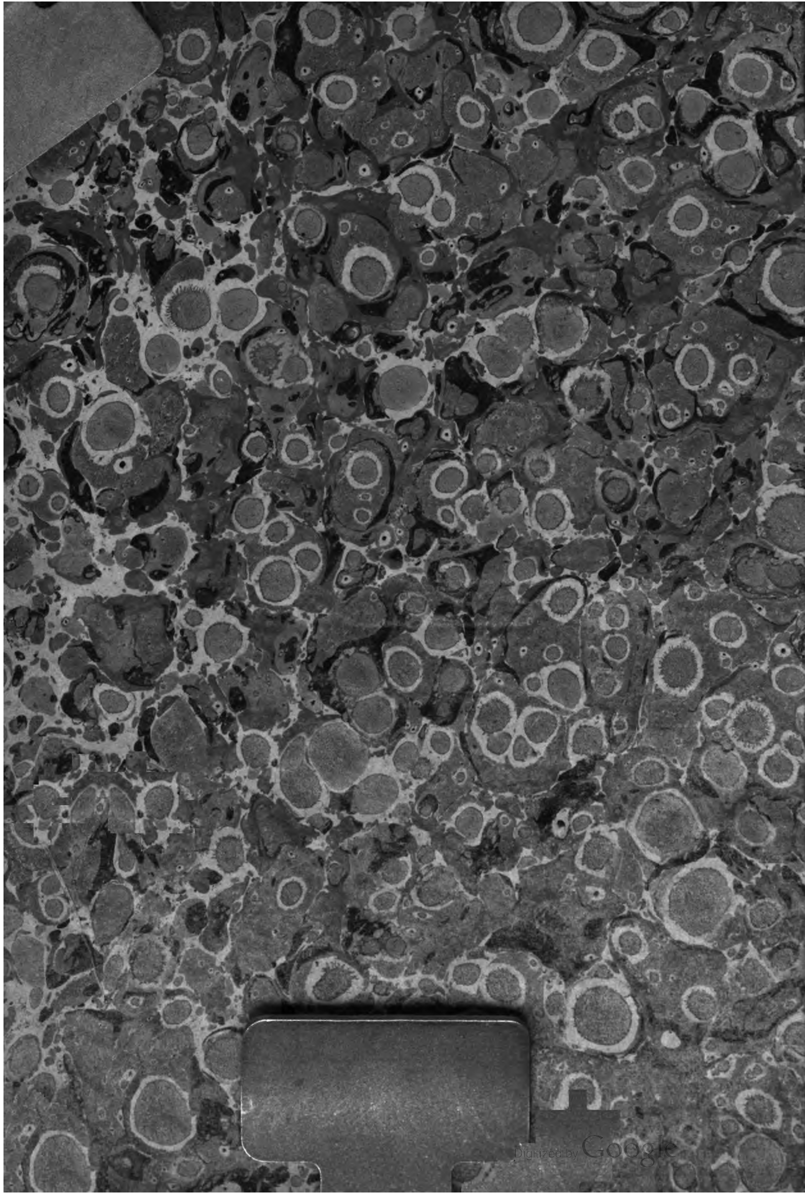
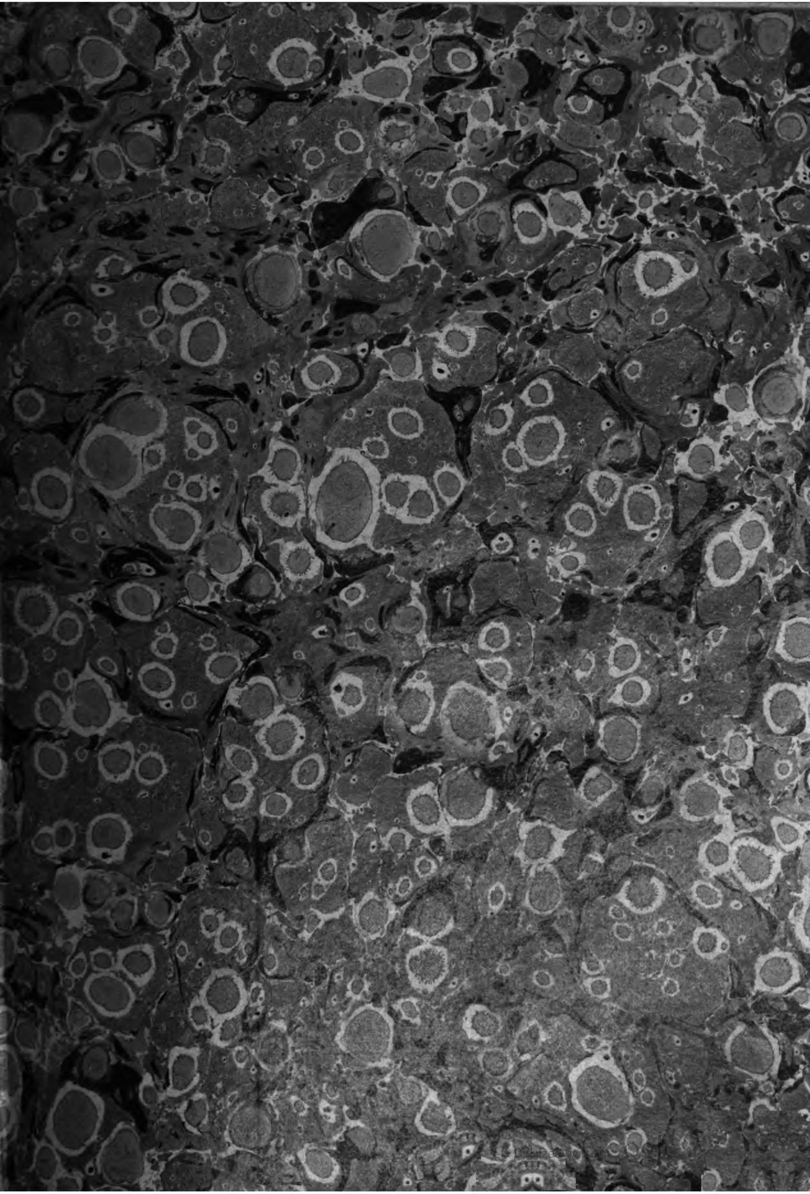




Lucretius

A NATUREZA DAS COISAS.

A NATUREZA DAS COISAS.

POEMA

DE

TITO LUCRECIO CARO,

TRADUZIDO DO ORIGINAL LATINO PARA VERSO
PORTUGUEZ

POR

Antonio José de Lima Leitão,

DOUTOR EM MEDICINA PELA ESCOLA DE PARIS; LENTE DE CLINICA MEDICA DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA; DA ASSOCIAÇÃO MEDICO-CIRURGICA PROVINCIAL DE INGLATERRA; DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRASIL; DA ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA, ETC.

TOMO I.

LISBOA.
TYP. DE JORGE FERREIRA DE MATTOS,
Rua da Barroca, 91.

1851.

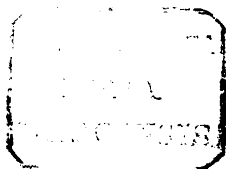
Para

O Ill.mo Sr. José Joaquim de Noronha Fetal.

offerecido em signal de respeito e de gratidão pelo

Traductor.

Todos os exemplares desta versão que no seu primeiro volume não estiverem neste logar assignados com o meu signal, serão julgados contrafeitos com as consequencias necessarias dispostas na lei da propriedade litteraria.



Lima Leitão

A SUA ALTEZA O PRINCIPE REAL.

SENHOR.

Luiz 14.º de França, Protector de todas as Sciencias e Artes, reconheceu o merito de Lucrecio, e, repellindo as falsas interpretações que alguns davam á Moral deste poeta-philosopho, mandou que o Poema *a Natureza das Coisas* entrasse nos estudos do Herdeiro Presumptivo da Coroa. Este Poema fazia as delicias de um Rei que a Posteridade respeita e admira como guerreiro, como estadista, como philosopho, como poeta, e como homem de bem, em summa de Frederico 2.º de Prussia.

V. A. R., destinado a ser no throno de Portugal o que foram aquelles Soberanos em seus respectivos thronos, e igualmente a ser o que nelle se mostraram os mais Heroicos de Seus Augustos Predecessores, anima-me, pela desenvolução do seu talento guiada por uma excellente educação, validos garantes do destino que lhe traça a Providencia, a offerecer a V. A. R., com a sua previa permissão precedida do assentimento de SS. MM., a minha humilde versão *da Natureza das Coisas* como offereceram as suas Marchetti em italiano a Luiz 14.°, e Pongerville em francez a Luiz 18.°

Feliz eu, e mui feliz, se V. A. R. poder aqui ler, copiado dignamente na lingua de Camões, o sublime systema de Epicuro com as sublimes galas de que na lingua de Roma o ataviou Lucrecio fazendo a admiração de todos os seculos, especialmente pela penetração com que, celebrando a ordem da Natureza, foi o primeiro a pressentir a unidade de Deus: não me ficando a mim a menor duvida de que, para felicidade de Portugal, V.

A. R. abraçará a divina Moral deste Poema, e a heroicidade com que elle ensina a subjugar os prejuizos que tanto deshonram e desgraçam o genero humano.

O Ceo abençoe os preciosos dias de V. A. R., de quem eu, com a mais viva e respeitosa gratidão, tenho a honra de ser,

Senhor,

De V. A. R.

Lisboa 16 de Septembro
de 1851.

O mais humilde, obediente e fiel servo,

Antonio José de Lima Leitão.

DO TRADUCTOR.

Nos fins de 1818 regressei ao Rio de Janeiro vindo de exercer o logar de Physico Mor de Moçambique, e levei a Eneida vertida tal qual se imprimiu no anno seguinte. Estando eu um dia a ler o manuscripto do 7.º canto daquelle poema, e em sua propria casa, a Januario da Cunha Barbosa, presbytero secular e professor de Philosophia Racional e Moral naquella corte, varão de uma instrucção extensa e variada, mui dado á Litteratura portugueza, e que há pouco morreu sendo conego da Sé do Rio de Janeiro, e tendo tido a gloria de concorrer poderosamente para a fundação do Instituto Historico e Geographico do Brasil, instituição que já tantos serviços tem feito áquelle paiz, e muitos mais promette; interrompeu-me elle, e foi buscar as edições de Lucrecio, a de Lambino, a de Creech e a de Lagrange, dizendo-me : — *quem traduz assim Virgilio, deve á sua patria a traducção de Lucrecio*; *e eil-o aqui.* — Deste modo e por esta causa emprehendi este irabalho.

Verti ainda ali a invocação a Venus; mas em Goa, para onde parti no meado de 1819, despachado Physico Mór e Intendente de Agricultura do Estado da India, lancei-me a continuar o primeiro canto, e em tres annos não verti quinhentos versos: por muitas vezes

desanimei; por outras tantas tornei a pegar-lhe; até que me persuadi que tal trabalho não era para mim, e abandonei-o com proposito de não voltar a elle. Vim para Lisboa em 1823: tendo precisão em 1832 de recordar o estudo da Philosophia Corpuscular, por occasião de analysar, na regencia da minha cadeira de Clinica Medica, o systema de Hahnemann fundado nesta Philosophia, e que não é entendido pelos tarelos que se mettem uns a abocanhal-o, outros a empregar-lhe as formulas, peguei em Gassendi, Creech e Lagrange, que para esse estudo me tinham servido em Paris; e eis-ahi me accommette de novo o desejo de continuar com a versão de Lucrecio, tanto mais lembrando-me que tão honrosamente me havia sido rogada por tão respeitavel amigo.

Succedeu-me em Lisboa o mesmo que em Goa: por muitas vezes, e cada uma por muitos mezes, suspendi os meus esforços ao ver que, vencida uma difficuldade, lá se erguia outra ainda maior, e assim por diante; afigurando-se-me o poema de Lucrecio, como em Silio Italico os Alpes se apresentaram a Annibal monte sobre monte, cada vez a mais altos. Quando me resolvi a dar para sempre de mão á empreza, consolava-me com a idéa de que Voltaire não se abalançou a ella, tendo o aliás promettido.

Tendo vertido Virgilio, indo vertendo Milton, habituado por isso a estudos destes; não me sendo estranha a Philosophia de Epicuro; jogando *a Natureza das Coisas* com todas as Sciencias accessorias á Medicina, e com a mesma Medicina; penalisava-me, não obstante quantas consolações pretextava, a idéa de não poder levar ao cabo uma empreza ainda não tentada em nenhuma das linguas áquem dos Perinneos. — En-

chendo-me pois a final de teimosa temeridade, depois de impresso o *Paraiso Perdido*, puz exclusivamente o peito, desde 1840, á *Natureza das Coisas* nas horas vagas que sempre tenho destinado para o estudo das Sciencias e Lettras como subsidios não só uteis, mas tambem indispensaveis para o estudo, pratica e ensino da Medicina, como o tem feito os medicos mais abalisados de todos os tempos, que, em vez de irem passar nos theatros, no jogo, nos saráos horas n'um medico preciosas, gastam-nas em toda a sorte de estudos com que se esclareça a Medicina, que de todos elles imperiosamente necessita, e que sem elles a cada passo escorrega fazendo milhares de victimas; mas estudos que nesta nossa Lisboa (e que nação culta o crerá!) servem aos madraços, que nada de bom fazem, nem podem fazer, para desacreditar, na mente dos incautos que muitissimos são e que de ordinario cahem victimas da sua credulidade, os collegas que com taes estudos sabem escorar a sua profissão, e se lhes ostentam, posto que não ricos porque não o tem querido ser nem por embustes, nem por baixezas, uma viva e permanente censura á sua madraçaria e aos seus necessarios desastres.

Lambino, Creech, Lagrange, Gassendi, Panckoucke foram os meus essenciaes auxilios. Confesso porém que não poucas vezes, com o respeito devido a cada um delles, deixei de seguil-os na interpretação de Lucrecio que tem difficuldades de dois generos, cada qual a mais custosa: no primeiro, as do assumpto; no segundo, as da linguagem em que foram introduzidas de proposito pelo poeta frases, palavras, construcções etruscas e já antiquadas. Em ambos estes generos de difficuldades, não poucas vezes me metti a *adevinhar* com a mente cravada na coherencia da doutrina epicuria-

na que Lucrecio estava desenvolvendo: e já se vê quanto eu me arrisquei, e quanto devo ficar em duvida nestes meus atrevimentos, aliás somente praticados quando nenhuma outra sahida achava para a clareza da minha exposição.

Tive tambem presente a versão em verso italiano pelo insigne mathematico Marchetti, lente na Universidade de Pisa; este trabalho é em si de grande valor, e teve a honra de ser acceita a sua dedicatoria por Luiz 14.° de França; mas de pouco me serviu por estar nimiamente cosido com o texto, e mostrar as mesmas difficuldades que nelle se encontram. Só nestes ultimos mezes é que vi as duas traducções em verso francez de Le Blanc de Guillet, impressa em 1787, cuja versificação e estylo são mui escabrosos e difficeis; e a de Pongerville, publicada em 1823 e dedicada a Luiz 18.° de França, cuja versificação e estylo tem a maior amenidade, posto que o autor, á força de querer floreal-os, se afasta não poucas vezes da força e colorido com que Lucrecio se exprime. Há dias publicou o Sr. Conselheiro José Duarte Machado Ferraz, Juiz da Relação de Lisboa, uma versão em verso portuguez da *Natureza das Coisas*, impressa o anno passado: é muito para louvar a dedicação com que este respeitavel magistrado se lançou a trabalho tão improbo; mas deixa aliás a desejar uma versificação mais amena.

Devo advertir que para exprimir o *semina et primordia rerum* do texto, quase sempre uso da palavra *atomo* que lá não vem nem só uma vez; mas vendo que na Philosophia de Epicuro vem claramente designado o termo *atomo* como exprimindo o *semina et primordia rerum*, assentei que convinha introduzil-o n'uma versão portugueza, principalmente poetica, não só por con-

cisão, mas tambem por energia. Achando boas, na versão de Pongerville, as reflexões sobre este poema, as vidas de Epicuro e de Lucrecio, não fiz mais do que vertel-os para aqui. Quanto ás notas, são, na sua maior parte, de Lagrange que, por seus especiaes estudos e por sua profissão, entendia perfeitamente de todas estas materias.

Ahi fica pois na Litteratura portugueza esta difficilima versão desta peça, talvez o mais sublime e atrevido rasgo de genio de que em Poesia haja memoria: estou mui longe de dal-a por perfeita, mas não pude fazel-a melhor: oxalá que venha para corrigil-a alguma penna mais cabal e mais feliz.

Vão marcadas as principaes erratas que achei: attenda-se que quem corrige peor provas de imprensa é o autor, que de ordinario lê mais o que tem na imaginação do que o que está nellas: creio comtudo que as essenciaes vão marcadas; e o bom senso do leitor corrigirá na leitura o que a mim me escapou na revisão das provas. — Peço ao benigno leitor que, antes de ler a obra, veja bem as paginas das erratas, que vão no fim de cada volume, para com a lembrança dellas ir fazendo as precisas correcções na leitura de materias tão difficeis.

REFLEXÕES

Sobre o poema e o systema de Lucrecio pelo sr. Pongerville que ultimamente o verteu em francez.

O poema da *Natureza das Coisas*, um dos mais bellos ornamentos da poesia latina, digno modelo dos grandes escriptores da antiguidade, é só conhecido imperfeitamente dos nossos contemporaneos; ou por que o seu genero de latinidade, que o mesmo Quintiliano achava difficil de entender, tenha offerecido demasiados obstaculos; ou por que os desenvolvimentos, ás vezes aridos, de um systema tão vasto como extraordinario, hajam repellido os litteratos; ou finalmente por que uma desgraçada prevenção, acreditada desde o começo do ultimo seculo, tenha dado a Lucrecio o titulo de atheo. O certo é que o objecto do poema, a totalidade do seu plano, as numerosas bellezas, só tem alcançado depois uma estima sempre restringida por uma opinião, louvavel em apparencia, mas desprovida de fundamento. O estudo de Lucrecio foi absolutamente despresado: só era gabado este genio por tradição e vagamente: a invocação a Venus e a peste de Athenas são quase que as unicas passagens que chamam a attenção dos litteratos. Esta estima exclusiva parecia condemnar ao esquecimento uma multidão de

quadros sublimes ou de episodios encantadores, que offerecem no mesmo gráo de perfeição o mais vivo interesse. La Harpe parece haver esquecido a respeito de Lucrecio toda a justeza de analyse; passa ligeiramente por suas bellezas, e julga-lhe sem exame os defeitos: em uma palavra o veo que vedava esta antiga e grande producção á estima publica, havia-se de tal forma estendido, que uma parte consideravel do poema deve ser tida como um monumento com que nos enriqueceria uma recente descoberta.

Lucrecio, criado na doutrina de Epicuro, cidadão de uma republica em que os homens os mais illustres faziam gloria de professal-a, concebeu o designio audaz de pol-a em verso. As grandes difficuldades parecem convidar o genio a vencel-as: o poeta philosopho entrà na carreira, e faz-se o rival de Empedocles, que, na lingua de Homero, tinha cantado o poder da Natureza. Lucrecio revela aos romanos a Philosophia dos gregos; elle, o primeiro, põe-lhes diante dos olhos a estructura do Universo, arranca á Natureza os seus mais profundos segredos, segue-a na formação, na extincção e na reproducção dos entes. O poeta colhe a cada instante innumeraveis bellezas, e livra-se dos escolhos multiplicados que lhe atravessam o caminho. Emprega incessantemente os prestigios da arte para captivar a imaginação: depois de havel-a impellido além dos limites do mundo, e de havel-a feito percorrer por

entre esses orbes innumeraveis que nadam nas regiões infinitas do espaço, dá-lhe então descanso trazendo-a ás scenas encantadoras e singelas da Natureza campestre.

Convencido que, se a poesia epica só vive de ficções, a poesia didactica só vive de pinturas, Lucrecio anima tudo que toca, e os seus raciocinios desenvolve-os por imagens; daqui nascem no seu poema esses numerosos detalhes simples e nobres, tocantes e graciosos que, ligados todos com imperceptiveis nós, e prestando-se mutuos soccorros, formam um todo tão regular. Assim Lucrecio mostra-se quase sempre poeta nos objectos os mais estereis, e consegue esconder o arido nos mais abstractos raciocinios.

Sigamol-o em sua marcha audaz. Começa por invocar Venus, tida como a mãi e a protectora dos romanos; pede-lhe cantos dignos de celebrar a ordem immutavel da Natureza e a nobre essencia dos deuses. Indignado contra o fanatismo, assignala-lhe os crimes e os perigos; annuncia que, longe de pregar a impiedade, elle, defensor da virtude, só se arma contra os excessos da superstição que perturbam o repoiso dos homens, e os fazem tantas vezes criminosos; dá a esta opinião uma irrisistivel força, pintando com calor o sacrificio de Iphigenia. O poeta desenvolve o seu systema, e mostra que a Natureza inteira não é mais do que a união de elementos e de vacuo; esforça-se em provar a existencia deste, a marcha

daquelles, e a infinidade de sua extensão reunida Offerece então a imagem, tão sublime e tão verdadeira, da seta que, lançada do logar que se suppozesse o limite do universo, pararia ou correria successivamente pelo vacuo, sem nunca encontrar o termo, o fim da Natureza. (Cant. 1.° — v. 1253.)

Ou ache a seta estorvo que lhe embargue
A área correr em proporção do impulso,
Ou, despedida, livremente voe,
Do Universo aos limites não alcança.
Deste modo te aperto, e onde supponhas
Estarem esses ultimos limites,
Preguntar-te-hei o que succede á seta?
Succederá que nunca nelles tope;
Sempre espaço ou materia tem presente.

Esta idéa poetica, simples e majestosa traz o signete do genio que a concebeu. Lucrecio explica e refuta os differentes systemas philosophicos recebidos no seu tempo; antes de voltar ao seu objecto, dirige um pomposo elogio a Epicuro; traça a pintura encantadora de uma vida isenta de ambição, e cheia dos suaves prazeres da Natureza. Virgilio fez, no segundo canto das *Georgicas*, uma imitação desta passagem que, quanto ao fundo do quadro, ficou abaixo do modelo: a alma de Lucrecio está toda inteira pintada nestes versos. (Cant. 2.° — v. 25.)

Não muitas são as precisões do corpo:
De dores se eximir custa barato,
E de mil gosos disfructar a posse;
Nada requer mais que isto a naturesa.
Se estatuas juvenís, fundidas de oiro,
Por cadeias não tem da mão pendentes
Igniferos lampiões, que em teu palacio
Nobres ostentem os festins nocturnos,
Sem baixelas de prata e moveis de oiro;
Se não reboam consonantes lyras
Pelo amplo das abobadas doiradas:
Comtudo, reclinado em molle relva,
Junto ao rio, das arvores á sombra
Podes viver felis sem grande custo,
Principalmente nas risonhas quadras
Que matisam com flores a verdura.

A este quadro succedem novos principios extremamente complicados sobre a essencia, a modificação e o movimento da materia: digressões interessantes compensam aqui a sequidão metaphysica; o poeta dá a explicação do mecanismo da vida nos seres animados; annuncia a pluralidade dos mundos, sua formação simultanea ou successiva, e sua destruição futura; refuta com uma eloquencia irresistivel as declamações especiosas sobre a aniquilação do mundo e das especies que o habitam. Em fim a famosa theoria da alma, tão admirada da antiguidade, apresenta tudo que o espirito humano tem de mais ingenhoso

sobre um objecto em que os esforços do raciocinio são quase sempre empurrados por difficuldades invenciveis.

Logo o autor mostra que os homens, por seus vicios e por seus excessos, tem corrompido os prazeres da innocencia e da virtude. Aqui Lucrecio, elevando-se ao mais alto gráo da Philosophia, e desenvolvendo toda a força do talento, espanta a imaginação com esta brilhante prosopopea em que a Natureza personificada dirige á fraqueza humana reprehensões tão justas e tão nobremente exprimidas. Os supplicios dos infernos, expostos de modo allegorico, reunem tudo que a Moral tem de mais puro ao que a Poesia tem de mais sublime. O poeta prova que se os castigos infernaes não passam de ficções, esses tormentos realizam-se no coração dos máos; faz notar, com um enthusiasmo digno do assumpto, que se o crime parece triumphar um momento, há um poder occulto que pune os culpados felizes, embebe-os em amargura e castiga-lhes as perversidades que elles acreditavam esconder dos homens e da divindade.

Sed metus in vita pœnarum pro malefactis
Est insignibus insignis, scelerisque luela
Carcer etc.

Mas das penas, em vida, o afflicto medo

Em referencia aos crimes perpetrados,
E' de maldades tantas o castigo.
São taes penas os carceres, o fogo,
As polés, os algozes, os flagellos,
As torturas, o pez; mas se faltassem,
A consciencia medrosa se ergueria
Armada c'os aculeos dos remorsos,
E rasgaria o peito dos culpados.
Demais, não pode conhecer-se o termo
Imposto a tanto mal, a penas tantas;
Teme-se mesmo que os aggrave a morte.
Assim pois dos estupidos a vida
Delles se torna o verdadeiro inferno.
(Canto 3.° — v.° 1377.)

Em seguida do desenvolvimento sobre a natureza da alma, Lucrecio expõe com arte admiravel a theoria ingenhosa da visão, dos simulacros, da causa dos nossos pensamentos, e dos sonhos: termina estas digressões por uma sabia pintura das desordens causadas pelo amor moral e physico; estes quadros, que são de uma verdade horrorosa, corrigiriam as almas depravadas, mais efficazmente que os mais persuasivos discursos.

Levado por seu objecto, o poeta celebra a Moral consoladora e pura e o espirito de moderação que fazem a base do systema de Epicuro, a quem Lucrecio, no enthusiasmo do reconhecimento e da admiração, mostra vontade de erigir altares. Depois descreve as imperfeições apparentes do mun-

do: mostra a sua formação, a sua desenvolução gradual, a sua dissolução futura, a revolução dos astros, a causa dos eclipses e dos outros grandes phenomenos do Universo. Lucrecio revela os desastres por que tem passado a terra em differentes epocas, e por que catastrophe os povos foram aniquilados: então o poeta penetra, por assim dizer, no laboratorio da Natureza; faz-nos contemplar a terra novamente sahida das mãos desta mãi commum, ainda com toda a sua fresquidão virginal, e proxima a pôr em acção a sua fecundidade; envolta primeiramente em hervas, em flores, em vegetaes, e cobrindo o seio maternal de innumeraveis especies de entes vivos a quem ella dá um pasto abundante. O nascimento dos homens, sua vida selvagem, a origem da sociedade e da falla, os primeiros ensaios das artes e da industria; estas scenas pictorescas das primeiras idades, de que o poeta parece ter sido testemunha, espalham na sua obra uma grandeza, um encanto magico, que nenhum poeta havia apresentado antes delle, e que nenhum poude igualar depois. Só o quinto canto é talvez uma das mais bellas criações do genio.

Depois de haver descripto o poder dos elementos, seus effeitos variados e necessarios, a ordem da Natureza, o descanso e a felicidade dos deuses, a formação dos mundos e de seus habitantes, o poeta canta os phenomenos celestes, os effeitos dos raios e as trombas, a combinação das nuvens,

da chuva e do arco Iris. Guiado por um solido raciocinio e por uma brilhante imaginação, torna a descer ás entranhas da terra, e busca ali as causas dos tremores que lhe derrocam a superficie. Explica como a Natureza põe freio ás ondas do mar; porque poder os volcões vomitam as lavas inflammadas; por que as fontes aquecem e esfriam; que exhalações se elevam dos Avernos; que vapores maleficos se formam debaixo da terra, de lá sahem, e percorrem-lhe a superficie espalhando o contagio e a morte de clima em clima; por fim, o horrivel quadro da peste da Attica termina estas magnificas descripções.

O tempo em que vivemos, os acontecimentos de que somos testemunhas tem influencia absoluta em nosso espirito: Lucrecio, profundamente sensivel, justo e moderado, observando os crimes odiosos de que seus contemporaneos se manchavam impunemente, persuadiu-se de certo que os deuses não se dignavam reger os homens. Simples, nobre e bom como a Natureza de que elle é o pintor, buscou este sabio, no seio desta mãi commum, o refugio que não achava sob o imperio desses deuses, emblemas de todas as paixões. Implacavel inimigo do crime e da impostura, Lucrecio só levanta a sua voz consoladora e melodiosa para convidar os homens a seguirem a virtude. Os seus guias fieis são a sabedoria, a ordem, a moderação, e se elle condemna a um nobre descanso esses deuses quimericos, respeita

nelles a idea da divindade; é, digamol-o assim, prostrando-se a seus pés que elle os despoja do seu imperio: faz ainda mais; reconhece, na regularidade e na energia da Natureza, um poder occulto, uma alma universal, que corresponde á idéa que nós hoje fazemos do Ente-Supremo. Este poeta philosopho não poude ser considerado como um atheo mesmo por seus contemporaneos, pois que, longe de destruir os deuses, falla delles em termos respeitosos. Por que o seria elle a nossos olhos, e por que nos pareceria elle mais perigoso a este respeito do que os outros poetas da antiguidade, que, ingenhosos apologistas de idolos despresiveis, cantaram, sob um pretexto religioso, as fraquezas, as paixões e os vicios?

Não se transige com a verdade. Se a adoração de deidades absurdas, tinctas de sangue humano, é realmente criminosa, asim a deveu ser em todos tempos: quem pode pois condemnar o sabio animoso que recusou o seu insenso aos objectos de uma idolatria estupida?

Os poetas antigos cantavam o funesto systema da fatalidade; erigiam o destino em deus supremo, sob o poderio dos quaes reinavam, como tyrannos subalternos, divindades fracas e numerosas; dogma monstruoso que desanima a virtude, adormece a prudencia, quebra o freio de todas as paixões, e faz do homem um automato obediente á fluctuação de seus desejos que o arrastam de abysmo em abysmo! Lucrecio lança por

terra esse fantasma perigoso, e faz reinar em seu logar a alma universal da Natureza; elle ensina em que limites esta sabia e poderosa soberana restringe todos os entes, e por que meios infalliveis a virtude conduz á felicidade, e o vicio ao infortunio.

Eis aqui pois o arbitro supremo que Lucrecio preferia ás deidades quimericas. Recusou submetter-se ao seu jugo deshonroso por que presentia que a Natureza era regida por outros senhores. Descrevendo a regularidade eterna e o encadeamento dos principios e dos effeitos, Lucrecio não dirige por ventura uma homenagem indirecta á Providencia? Não parece elle definil-a por estas expressões cheias de exactidão e de energia? (Canto 5.°)

Usque adeo res hvmanas VIS ABDITA QUŒDAM
Obterit, et pulchros fasces sœvasque secures
Proculcare, ac ludibrio sibi habere videtur.

Tanto é verdade que um poder occulto
Das concepções humanas zomba, e calca
Honrosos fasces, horridas segures,
Tendo isso tudo em conta de ludibrio.

Bayle não dava a estes versos outra interpretação; reconhecia nelles o presentimento da existencia de um poder acima dos acontecimentos:

se é assim, Lucrecio é o primeiro entre os poetas que cantou a unidade de Deus; e força é reconhecer que a palavra Natureza é para elle uma expressão equivalente ao termo que nos mostra o verdadeiro regulador do universo.

A gloria de Lucrecio, respeitada de geração em geração, tinha atravessado dezesete seculos e brilhava ainda com o mais vivo explendor no reinado de Luiz 14.° Este princepe, digno de apreciar-lhe o merito, mandou fazer com esmêro uma nova edição do poema da *Natureza*, obra que elle destinava especialmente aos estudos do herdeiro presumptivo da coroa. Molière, discipulo de Gassendi, admirava Lucrecio; elle ensaiou mesmo traduzir-lhe uma parte: ignora-se a que ponto elle tinha levado o seu trabalho, e o motivo que lhe fez abandonal-o: pretende-se que elle perdeu o manuscripto por um accidente cuja causa não tem verosimilhança alguma. Molière, inteiramente occupado com suas producções sublimes, deixou-se talvez de uma empresa que o teria afastado do alvo para o qual elle marchava com tanto esplendor; talvez via elle que o seu talento não era analogo ao genero de poesia adoptado por Lucrecio; talvez tambem cedesse elle á injusta e desgraçada prevenção que começava a estabelecer-se sobre o poema da *Natureza das coisas*, prevenção que se fortificava de dia para dia. Finalmente elle não conservou dos seus ensaios de traducção senão um fragmento collocado

depois na sua comedia do *Misanthropo*. Depois delle, Heinault traduziu a invocação; este unico pedaço, de duzentos versos pouco mais ou menos, fez a sua reputação; tanto a obra parecia interessante e difficil de traduzir!

Nesta epoca, o cardeal Polignac, partidario do systema de Descartes, concebeu a idéa de expol-o em versos latinos; entrou no seu plano combater o systema de Epicuro, oppondo lhe as hypotheses da nova doutrina. Lucrecio, interprete do philosopho grego, foi o adversario escolhido pelo poeta *gallo-latino*; elle, fingindo combatel-o, buscou assim o meio de paraphrasear-lhe a sua sublime poesia. O cardeal mostra-se com effeito admirador do talento de Lucrecio; elle enche de louvores o poeta, e declara guerra ao philosopho. Intitulou pois a sua enorme collecção de versos latinos o *Anti-Lucrecio*, e assim conseguiu chamar a attenção do publico instruido, que, pelo titulo da obra, acreditou que este escriptor tinha seriamente refutado e vencido o cantor da Natureza. Nenhuma voz se levantou contra esta heresia litteraria; poucas pessoas esclarecidas reconheceram que a obra do cardeal Polignac não era mais em certo modo do que a exposição metrificada do systema cartesiano.

Depois do seculo de Luiz 14.°, a opinião publica sobre o poema de Lucrecio foi quase sempre injusta; os ataques de atheismo e de immoralidade tornaram-se logares communs adoptados

por tradição, e repetidos por habito: Lucrecio, sendo pouco lido, e por consequencia pouco conhecido em sua totalidade, carregou mesmo com um rigor injusto da parte de homens de merito eminente. O abbade Dilille, que tantas vezes testemunhou a sua admiração por Lucrecio, deixou-se levar pela opinião commum. — «Virgilio — diz elle — «invejou a Lucrecio a felicidade de «ter sido o primeiro que cantou a Natureza, as-«sumpto mais philosophico e mais fecundo do «que o das *Georgicas.*» — Depois ajunta: — «A «epoca em que Lucrecio escreveu o seu poema «decidiu-lhe o caracter e os principios: um poe-«ta que vinha sobre os passos de Epicuro recom-«mendar aos romanos o goso do presente, e tra-«tar de fabulas os supplicios infernaes, devia, es-«coltado das paixões, chegar com rapidez ao fa-«vor publico, e fazer-se ler com gosto por uma «geração avida de crimes e de impunidade.» — Para apreciar quão pouco é fundada esta asserção, examinemos se é verdade que o poema da Natureza produzisse um effeito tão perigoso nos romanos: este povo corrompido esperava elle por ventura a explicação poetica do systema de Epicuro, para convencer-se do nenhum poder de suas ridiculas divindades? No senado, nos tribunaes, no foro, no theatro, o atheismo era altamente proclamado. Os philosophos discutiam sobre os meios empregados pela Natureza, mas convinham todos sobre a nullidade dos deuses; Lucrecio, pe-

lo contrario, fazendo a seus contemporaneos uma especie de concessão sobre a incuria das falsas divindades, apresenta, o só freio á devassidão do seu seculo, as leis da Natureza, e esta ordem universal cuja marcha invisivel contribue cedo ou tarde para punir os excessos condemnaveis. Elle ensina aos romanos ambiciosos a despresar as honras vãs e o luxo comprados por crimes; e mostra-lhes a felicidade em uma vida socegada, obscura e virtuosa. Liga elle aos passos dos criminosos subtrahidos á vingança das leis, a vergonha, a dor e os remorsos lacerantes. Como pois um tão severo moralista que aterrava o vicio por meios sempre mais energicos do que as ameaças exageradas de superstição pagã, como um sabio que só via o prazer na moderação dos desejos, teria elle contribuido para a corrupção de seus compatriotas? Por ventura os homens prevertidos, esses novos tyrannos que Roma degradada criava já em seu seio, não deveriam achar antes a sua condemnação nas paginas eloquentes de Lucrecio? A pureza de sua Moral, os seus quadros deliciosos dos prazeres da innocencia e da virtude, teriam bastado para calmar nos corações a tormenta das paixões. Um Catelina que tivesse sido obrigado a estudal-os, teria talvez quebrado a adarga destinada a degolar os sustentaculos da sua patria.

Censurá-se tambem Lucrecio por haver condemnado a alma á destruição. Mas nenhum poe-

ta ou philosopho antigo reconheceu a immortalidade da alma, tal como o christianismo a tem annunciado. As sombras, os manes não eram mais do que as imagens, os simulacros dos corpos, cuja essencia fugitiva e vã escapava mesmo ao pensamento. Os autores antigos variam sobre o genero de existencia que lhes concedem; em Virgilio, ella não passa ás vezes de uma representação, uma effigie de todo o individuo a que pertencia; ella traz mesmo o signal das feridas que desfiguravam os corpos; Deiphobo apparece a Eneas, nos campos elysios, com as numerosas mutilações porque sua mulher o fez passar. Muitas vezes os poetas consideram a alma como uma substancia ignea que se desfaz pelo contacto da agua. Eis aqui porque Homero e Virgilio descrevem os heroes tão timidos quando são ameaçados de ser engolidos pelas ondas: era uma opinião assaz espalhada entre os antigos que, quando os corpos morriam no fundo das aguas, a extincção da alma era completa, e que não restava do homem nem sombra, nem manes. O que é pois uma alma tal? Um escriptor judicioso disse: — « esta segunda vida, na crença dos antigos, é triste como a morte, e vã como o nada. » — A hypothese de Lucrecio é menos absurda; elle não dá á alma uma essencia tão subtil, pois que a compõe de differentes substancias, que, depois da dissolução dos corpos, voltam para as origens donde ellas emanaram.

Finalmente, Lucrecio tem sido victima de accusações em todo o genero; a reprehensão que se lhe dá mais geralmente é por ter attribuido a ordem do mundo ao acaso: esta asserção prova assaz quanto a sua obra é pouco conhecida, mesmo de seus detractores. Não somente esta idéa lhe é estranha, mas elle combate por toda a parte este absurdo systema: (*) elle declara-se o maior inimigo do acaso. (Canto 1.° — v. 203).

Se entes podesse produzir o nada,
O germen nullo fora, e sem diff'rença
Tudo havia poder nascer de tudo.
Ver-se-hia que do mar brotavam homens,
Da terra as aves e escamosa estirpe;

(*) Comparando-se esta asserção do Sr. Pongerville com os seguintes versos do Canto 3.°

Sed magis in vita divum metus urget inanis
Mortales, casumque timent, quemcunque ferat fors.

Mas é certo que o vão pavor dos deuses
O peito dos mortaes rala na vida,
Julgando que dos deuses lhes emana
O que nada mais é que obra do acaso.

parece claro que Lucrecio admittia o acaso, não como designando, segundo a accepção vulgar, factos occorridos sem causa, sem razão sufficiente, e independentes

Os armentos e as greis romper das nuvens;
E as feras, filhas de casual consorcio.
Povoar de anhelo igual jardins, desertos.
Não conteriam sempre os mesmos troncos
Entre sua folhage os fructos mesmos:
Todo o tronco criara os fructos todos.

É com tão pouco fundamento que tem sido reprehendido de ser immoral e obsceno: Lucrecio faz a pintura do amor moral e do amor physico; porém para mostrar os seus perigos, e para convidar a que se evitem. Elle diz, fallando dos tormentos desta paixão: (Canto 4.°)

Une a tormentos taes quanto as fadigas
Quebram, consomem do organismo as forças;

---

dellas, o que seria o maximo absurdo que o vulgo nescio crê; mas como indicando factos provindos da execução de leis naturaes, cujo nexo e andamento estão muitas vezes fora do alcance da limitada comprehensão humana, mas nem por isso menos reaes, nem menos existentes. Daqui provém que os homens judiciosos chamam *acaso* a occurrencia imprevista para que não concorreram, nem conhecem quem haja concorrido, nem de que modo o fez.

Posta a questão assim, desvanecem-se as difficuldades, e vê-se que Lucrecio admittia o acaso como não é possivel deixar de admittil-o.

Lima Leitão

Une uma vida inteiramente escrava
Sob os caprichos de vontade alheia;
Da subsistencia gastos os recursos;
De dividas gravosas o vexame;
Dos deveres sociaes une o desleixo;
Une da fama a quebra deslustrosa.

Termina com esta reflexão sobre os voluptuosos, depois de havel-os pintado tendo em roda de si os prestigios da seducção.

Em vão: que do prazer mesmo na fonte
Nascem e crescem ondas de amargura,
Verdadeiros espinhos entre flores.

Feliz teria sido que os poetas que lhe succederam tivessem seguido sempre os seus principios; as suas obras, andando frequentemente pelas mãos da mocidade, não lhe offereceriam o vicio revestido de um colorido seductor. Os preceitos de Lucrecio, o seu amor pela moderação, a sua Moral tão nobre e tão verdadeira, o seu despreso para a ambição, o seu odio para a mentira e a baixeza, fizeram do seu poema uma especie de codigo, permitta-se-me dizel-o assim, onde são analysadas todas as leis da sabedoria e da virtude. Não somente os grandes litteratos de todos os seculos beberam nelle as riquezas dos seus escriptos; mas os proprios padres da Igreja conheceram-lhe o merito: de certo, não conside-

ravam elles Lucrecio como um impio, logo que collocavam a edificante Moral delle em suas obras sagradas. Santo Ambrosio e Santo Agostinho empregaram muitas vezes as maximas de Lucrecio.

Nos primeiros seculos christãos, a admiração a respeito deste poeta philosopho era universal; preferiam-no em varias coisas aos poetas do seculo de Augusto: sem duvida, pensava-se então que havia menos impiedade em condemnar a um nobre descanso o injusto e voluptuoso Jupiter do que em fazer a apotheose do molle e debochado Octavio Cepias.

O desfavor ligado á obra de Lucrecio estendeu-se a seu merecimento poetico. Trabalhou-se por multiplicar os defeitos, e obscurecer as bellezas de um escriptor que se teimava em tratar como impio. Reprehenderam-lhe com muito azedume os seus erros em Physica; mas seus erros não são communs a Virgilio e a Ovidio? Há mesmo esta differença: a Physica dos escriptores do seculo de Augusto não passa do resumo das fabulas populares: as hypotheses de Lucrecio tem ás vezes verosimilhança e trazem o signete do genio. Seja como for, quando nas descripções das scenas da Natureza um poeta poz ornatos poeticos; quando poude, em um mundo ideal, offerecer quadros agradaveis ou sublimes; quando soube, finalmente, interessar ou agradar, não attingiu elle o seu fim? Quem podia além disso li-

songear-se de estabelecer com certeza systemas de Physica, antes que a sciencia tivesse assentado as bases da verdade? Por muito tempo elles se succederam como sonhos apagados por outros sonhos.

De mais, o genero de Physica reprehendido em Lucrecio é somente mui accessorio no seu plano; o systema corpuscular nelle entra por muito mais: entre os modernos, Gassendi é quase o unico que justamente o apreciou; em geral só nelle se achou um objecto de ataque ou de zombaria contra Epicuro e contra Lucrecio. É sobre tudo nesta aggressão que a má fe ou, pelo menos, a cegueira de seus detractores se patenteou em toda a sua extensão; elles censuraram no poeta philosopho haver construido o Universo com atomos compridos, ganchosos ou redondos. A sua censura era pois fundada sobre um abuso de palavras.

Dirigindo-lhe esta reprehensão, chegaram elles ao ponto de tomar uma comparação do segundo canto, relativa aos atomos, por uma consequencia do raciocinio de Lucrecio. É inutil demonstrar que, por *semina et primordia rerum*, o poeta designa os elementos, principios de todas as coisas, dos quaes nenhuma seita de philosophos, antigos ou modernos, negou a existencia; elle quiz fallar por fim dessa fonte infinita de materia que a Natureza esgota e alimenta de continuo, donde tudo sahe, e para onde tudo volta

para tornar a sahir sob nova forma. Combateu-se igualmente a configuração que Lucrecio suppõe necessaria aos elementos; ás suas idéas a este respeito não falta verosimilhança, e são apresentadas do modo o mais engenhoso; por exemplo, quando os elementos dos corpos odoriferos volteam invisiveis nos ares; se uns, emanados das rosas, afagam deliciosamente o olfato; se os outros, sahidos de um lodaçal immundo, o irritam e incommodam, será absurdo suspeitar que estas duas especies de elementos tem uma differente configuração?

É justo observar que os detractores de Lucrecio, quando elles o tem sido de boa fé, tem errado por que só lhe conheceram a sua obra em fragmentos desligados, qne tomaram a seus olhos uma physionomia estranha, e muitas vezes opposta á que elles apresentam no total do poema. Reservo-me a fazer sobresahir os erros deste genero nas notas que seguirão o texto. Terminarei respondendo aos que tem pretendido que o estylo de Lucrecio se resentia demasiadamente da linguagem etrusca, e que este grande poeta se havia servido de um idioma que, não estando formado, ainda mostrava a sua barbara origem. Homens de uma reputação grande tem deste modo arrastado a opinião; esta opinião está ainda em toda a sua força, e os litteratos superficiaes, que não tem nem tempo, nem meios de folhear de per si as fontes, atem-se á decisão dos que

apresentaram o primeiro juizo. Nas mesmas artes, os prejuizos são tyrannos: cumpre fazer todo o possivel para evitar-lhes o jugo.

Na epoca em que Lucrecio produzia um dos mais bellos monumentos do espirito humano, a lingua de Roma já não estava na infancia; escriptores de ordem distincta já tinham mostrado os recursos della, haviam-lhe empregado felizmente as riquezas. Ennio, contemporaneo de Scipião, quase seculo e meio antes de Lucrecio, tinha cultivado a poesia com applauso; pouco mais ou menos no mesmo tempo, Terencio escrevia as suas comedias: varios poetas distinctos marchavam á pista delles e ajuntaram novas bellezas a este idioma. Um delles, Cornelio Severo, fez-se notar pela pureza e elegancia de estylo, por imagens nobres, atrevidas, pelo encanto da harmonia imitativa. Precedendo de alguns annos o interprete de Epicuro, Catullo, seu emulo de gloria, produzia obras cujo merito todo o mundo aprecia. Cicero, contemporaneo e amigo particular destes dois escriptores celebres, tambem cultivava a poesia; a sua comparação da *aguia e da serpente*, imitação de Homero, que elle havia posto no seu poema de *Mario*, é digna dos maiores mestres. Em fim a lingua que tinha sido enriquecida com tantas obras celebres, a lingua do maior dos oradores já não era barbara. Lucrecio, sem attingir a essa elegancia sustentada, a essa concisão cheia de graça, de que Virgilio depois del-

le offereceu o modelo aos poetas do seculo de Augusto, Lucrecio deu, em outro genero, um grande impulso á lingua latina. As expressões envelhecidas que se acham muitas vezes no meio de suas mais bellas passagens são evidentemente empregadas de proposito; elle quiz ter o gosto de exprimir certas imagens pictorescas por locuções antigas que, em falta de harmonia, gosam de uma precisão energica.

Virgilio, excitado pelo cantor da Natureza, ambicionou loiros desconhecidos a seu rival: senhor de um tempo que tinha faltado a seu predecessor, dotado de um genio mais flexivel, achou o feliz segredo de dar a seus quadros esta justa extensão com que a imaginação folga sem nunca fatigar-se. Elle aproveitou preciosos rasgos da musa dos gregos, e o seu gosto exquisito, o seu ouvido delicado, enriqueceram a sua poesia de continua elegancia que parece ser o ultimo termo da perfeição desta arte encantadora. Mas se Virgilio é quase sempre mais harmonioso do que Lucrecio, Lucrecio é quase sempre mais expressivo; um copía fielmente as phases da Natureza, o outro penetra-lhe os mais profundos mysterios; o primeiro encanta a imaginação, o segundo admira-a e obriga-a; oppostos em gosto e methodo, approximam-se muitas vezes por suas concepções, e pela exactidão dos raciocinios; um e outro dotados de um genio brilhante e solido, fundaram monumentos eternos: se Virgi-

lio galga a passos de gigante a sua carreira gloriosa, Lucrecio brilhou nella primeiro, e aplainou-lhe as difficuldades; finalmente a mesma perfeição do autor das *Georgias* é ainda um titulo de gloria para o cantor da Natureza. Sejamos justos para com elles como o eram os seus compatriotas; Ovidio os admirava sem exclusão; elle falla sempre de Lucrecio com enthusiasmo; testemunha este distico:

Carmina sublimis tunc sunt peritura Lucreti
Exitio terras quum dabit una dies.

O juizo de Ovidio sobre um poeta latino deve prevalecer, na balança da opinião, sobre todas as autoridades modernas.

A falta de uma adequada traducção tem contribuido para firmar as prevenções que de algum modo tem banido de nossa litteratura o poema de Lucrecio. Os nossos visinhos tem sido mais felizes do que nós; a Italia tem delle duas traducções versificadas; ella honra-se principalmente com a de Marchetti. Em Inglaterra, a versão de Creech obteve um grande successo. A França, no seculo 16.°, viu apparecer, com pouca distancia uma da outra, as versões do abbade de Marolles e do barão des Coutures. O ensaio do segundo poude ser util; mas a sua linguagem barbara revoltou, e a ignorancia em que ambos estavam do systema de Lucrecio lançou-os em ca-

minho errado. A compilação de Panckoucke suppria fracamente a imperfeição daquelles trabalhos: é uma obra incompleta onde se mistura alguma instrucção com muitos erros. Não fallarei da pretendida traducção de le Blanc de Guillet se não para ser exacto na enumeração dos litteratos que tentaram ser interpretes de Lucrecio. Este escriptor, todavia instruido, mas cujo estylo é anti-poetico, parece haver-se ligado com os inimigos deste grande homem para dar o ultimo golpe em sua gloria. O seu estylo obscuro, e o seu singular systema de versificação fizeram ininteligivel o poeta latino.

A nossa litteratura só tem realmente a traducção em prosa de Lagrange; porém seja qual for a sua exactidão, ella não dá mais do que uma idéa mui imperfeita de uma obra formada de uma serie immensa de quadros cujas cores só a poesia pode animar. Os longos desenvolvimentos dos diversos systemas da Philosophia antiga devem ter parecido repugnantes, sendo despojados dos encantos da versificação; e a aridez da prosa desvaneceu o brilho das imagens tomadas na Natureza. Cumpre notar tambem que Lagrange, partidario de uma especie de Philosophia que se estabelecia em seu tempo, tentou dar a Lucrecio uma certa cor de atheismo opposto ao espirito da sua obra. Este genero de infidelidade não foi bastantemente notado, de certo por causa da prevenção que já pesava sobre Lucrecio; e esta prevenção mesma devia adquirir assim uma força nova,

Pode reconhecer-se quantos motivos perigosos contribuiram para cobrir de verniz desfavoravel este bello monumento. Todo o amigo das artes que quizer aprecial-o, desejará por certo vel-o reproduzir em nossa litteratura com seu verdadeiro aspecto. É verdade que são immensas as nossas riquezas poeticas; mas os thesoiros da antiguidade são mui preciosos para serem despresados ou desconhecidos.

O poema de Lucrecio é uma das producções as mais proprias para enriquecer a nossa poesia de imagens que lhe são de todo estranhas. Os fragmentos desta obra, imitados pelos antigos e modernos, tem sido modificados; tem perdido na sua passagem para as obras dos escriptores que delles se serviram, as cores originaes e fortes, que só se encontram na palheta de Lucrecio. Parece que a Natureza o escolheu para pintar as primeiras scenas do Universo nascente; o genio deste poeta extraordinario sobe até á origem dos seculos para ahi colher bellezas, cuja grandeza e brilho deixam na imaginação uma impressão inextinguivel. Feliz de quem podesse retratar algumas dellas, e ao mesmo tempo contribuir para desvanecer a falsa interpretação que nunca teria devido obscurecel-as!

Seria justo esperar, no interesse da litteratura, que os homens esclarecidos, que são ao mesmo tempo os amigos da Moral e das artes, julgassem com menos rigor as hypotheses engenhosas de um

escriptor, defensor da virtude, e moralista severo, de um sabio, que, não achando nas indoles de um culto perigoso os objectos dignos do seu recenhecimento, o dirige á Natureza cujo Deus elle procura, este Deus que elle parece adevinhar, e a quem rende um reservado culto. Esses mesmos idolos que Lucrecio condemnava ao repoiso, cahiram de per si; o poder invisivel que elle annunciava mostra-se ainda aos olhos de todos os homens. Perante quem pois seria elle culpado? Os seus erros em Physica, e os sonhos sublimes de sua poetica e ardente imaginação podem por ventura ser perniciosos? Os jogos brilhantes do pensamento neste poema, como em todas as producções deste genero, não podem influir nos principios adoptados, nem nas crenças recebidas; admira-se alì as difficuldades vencidas, e gosa-se do encanto da illusão. Alì, como uma sombra magnifica, a antiguidade apparece com suas bellezas e seus prestigios; o gosto ali acha um nobre objecto de enthusiasmo, e a razão esclarecida só reconhece ali o poder do talento: sem duvida não é mais perigoso fazer conhecer hoje um tal monumento litterario do que offerecer á admiração publica as estatuas dos falsos deuses; são thesoiros achados nas ruinas da engenhosa antiguidade; a differença dos tempos e dos logares não lhes deixa exercer outro imperio do que o do genio na desenvolução das bellas artes.

VIDA DE LUCRECIO

Pelo Sr. Pongerville.

Os commentadores nunca concordaram na data precisa do nascimento de Lucrecio: cada um emittiu a sua opinião sem proval-a. Segundo todas as inducções mais verosimeis, nasceu Lucrecio pelo fim da 171.ª olympiada: viveu nos tempos os mais revoltosos da republica, nessa epocha em que os romanos começavam a adquirir conhecimentos, e a perder a liberdade. Lucrecio foi contemporaneo e amigo dos Ciceros, dos Atticos, dos Catullos, dos Memmios, cidadãos illustres por seus talentos ou por sua dedicação á causa publica: não tomou parte alguma nos negocios do governo: poeta e philosopho, amigo da moderação e de uma prudente independencia, recusou certamente partilhar as grandezas a que o chamava a illustração de seu nascimento. O chefe reconhecido da familia de Lucrecio é o celebre Spurio Lucrecio Tricipitino, que foi criado — *interrex* — depois da funesta aventura de sua filha, a bella e infeliz Lucrecia.

Os fastos de Roma offerecem um grande numero de consules e de senadores deste nome: todavia, segundo as pesquisas de sabios, desejosos de minuciosos detailhes, a illustre familia dos Lucrecios fez-se plebea; facto que, mais ou menos fundado, não pode inspirar interesse, tratando-se de fazer delle applicação a um philosopho, que mostrou o despreso o mais absoluto sobre o prejuizo do nascimento.

Quase que só de homens revestidos de altas dignidades é que a historia refere factos particulares: assim, o afastamento de Lucrecio a respeito dos negocios do estado privou-nos de detailhes ácerca de sua vida particular, de suas inclinações e de suas qualidades pessoaes. Mas o homem de genio deixa em suas obras o rasto de suas affeições e de seu caracter: a pureza, a nobreza das maximas espalhadas no poema de Lucrecio, servem-lhe da mais lisongeira apologia: observemos tambem que o sobrenome de Caro, que lhe deram seus contemporaneos, depõe em seu favor aos olhos da posteridade. Estas considerações pessoaes, ainda que estranhas aos talentos do escriptor, não deixam de ter interesse para o publico: com tanto mais enthusiasmo se admiram as producções das artes, quanto mais motivos há para estimar os seus autores.

Os joveus romanos destinados a instruir-se, viajavam na Grecia: os crueis vencedores desta patria de todas as artes, iam avidamente interrogar

os estragados restos de que a tinham coberto, e colher lições uteis á verdadeira grandeza. Lucrecio foi a Athenas: o philosopho Zeno o iniciou logo na arte de pensar e de escrever; guiou-o, pelos passos de Epicuro, para esta vasta e alta esphera, em que seu genio ardente abriu caminhos desconhecidos. Os poetas antes delle tinham cantado os vicios dos deuses e dos homens, tinham divinisado os sonhos da imaginação: Lucrecio celebrou a Natureza, combateu os vicios pela razão, e fez amar a virtude por ser ella quem é. Privou-se dos recursos que os poetas achavam nos prestigios da fabula; mas pintou o maior dos prodigios, a harmonia do Universo. Primeiro que nenhum dos romanos, obrigou as musas a unir sua voz melodiosa aos nobres accentos da Moral e da verdade; os seus mais profundos raciocinios ataviaram-se com os encantos dellas; atravez do prisma encantador dellas mostrou todos os objectos materiaes; em uma palavra, Lucrecio fez o dominio da Poesia immenso como a Natureza.

Pretende-se que o seu poema foi acabado nos intervallos lucidos que lhe deixava uma alienação mental; mas nenhuma autoridade irrecusavel appoia esta asserção, de certo tão arriscada como a que attribue esta demencia a um *philtro amoroso*, dado ao philosopho por uma sua amante que pretendia despertar nelle a voluptuosidade cujas fontes iam estancar. É provavel que a sua morte prematura e a alteração de suas for-

ças physicas fizeram nascer esta supposição: ás vezes uma palavra mal interpretada pode dar logar a inducções as mais absurdas. Sabe-se que a força, a vehemencia do genio de Lucrecio, foi qualificada de furor poetico por Stacio — *et docti furor arduus Lucreti* —: sua expressão poude ser tomada á lettra; e o que, na linguagem das musas, se entendia do calor da imaginação, pareceu logo applicavel ao impeto do delirio. Talvez esta idéa foi malignamente acolhida e espalhada pelos admiradores do paganismo, inimigos do systema de Epicuro, para deprimir a gloria de seu harmonioso interprete que, em sua nobre ousadia, antepunha aos idolos de um culto barbaro a ordem ou a alma universal da Natureza, e cujos principios finalmente tendiam a reconhecer a unidade de Deus. A opinião quase geral sobre a loucura de Lucrecio não deve prevalecer ás conjecturas da verosimilhança e da razão: muitos são os exemplos da facilidade com que o erro se propaga; um impostor sagaz apresenta-o sob um aspecto favoravel; a multidão deixa enganar-se; alguns espiritos firmes combatem-no um momento cansando-se por fim e calando-se; a corrente faz-se geral, e o tempo dá ao erro a força da verdade.

Por que se ha de suppor gratuitamente uma alteração nas faculdades intellectuaes do mais judicioso dos poetas? Qual teria sido pois a duração de seus intervallos lucidos que lhe permittis-

se tão grandes desenvolvimentos em um systema que a mais leve expressão falsa pode desmanchar? Depois de haver dado um livre voo a seu genio poetico, Lucrecio, da alta esphera da imaginação, volta, armado da Logica a mais exacta, a seguir passo a passo uma longa serie de raciocinios, que todos exigem a maior contenção da intelligencia humana: nunca o seu juizo está em falso; por mais tensa que esteja a corda, não a quebra em parte alguma. « Pode duvidar-se » diz Mr. Villemain em um excellente artigo sobre Lucrecio, inserido na *Biographie Universelle* — « que o seu poema tenha sahido dentre os « sonhos de uma razão desvairada. O eclipse da « razão pode fazer-se o termo, porém não o in- « tervallo do genio. O poema de Lucrecio offere- « ce um methodo, uma força de analyse que não « permittem suppor que o autor só tenha tido mo- « mentos passageiros de tranquillidade e de razão.

« O que nos admira e encanta em Lucrecio » — ajunta este escriptor distincto — « é o talento « do grande poeta, talento mais forte do que os « embaraços de um systema falso, e do que a ari- « dez de uma doutrina que pareceria inimiga dos « bons versos. Lucrecio lança-se por momentos a « uma altura de enthusiasmo e de poesia, que só « tem rival na sublimidade do proprio Homero; « Virgilio imitou-o mui estudiosamente para não « suppor-se que elle muito o admirava. »

Os que acreditavam no dilirio do cantor da

Natureza affirmavam tambem que elle se tinha matado na desesperação que lhe causou a desgraça do seu amigo Memmio. De certo, o caracter de Lucrecio, tão bem pintado em sua immensa obra, deve, deve para sempre, destruir-lhes a vã supposição. Teriam esquecido que elle só considerava a grandeza como uma carga, e que, no principio do poema, elle convida o seu amigo á solidão de um modo tão urgente e tão verdadeiro,

. . . . . vacuas aures mihi, Memmiada, et te
Semotum a curis adhibe veram ad rationem.

Por que, quando duas coisas absurdas partem da mesma origem, rejeitar-se-há uma para adoptar a outra? Admitto que Lucrecio se tenha matado: todas as tradições o attestam. Mas não haverá direito de pensar que este suicidio é quem autorisa as conjecturas formadas sobre a alienação do seu espirito? Lucrecio, infeliz sem duvida por acontecimentos que o veo dos tempos nos occulta para sempre, pensou que podia arrojar de si o peso da vida, dormir no seio da Natureza que o tinha feito nascer, e desprender por fim de seus vinculos materiaes a sua alma tão pura, tão sublime, e que, segundo o seu proprio systema, devia juntar-se ao principio de que ella havia emanado, e achar um asilo no templo dos ceos.

...... *Et quod missum est ex ætheris oris,*
Id rursum cœli relatum templa receptant.

Segundo a opinião a mais acreditada, Lucrecio morreu de idade de quarenta e quatro annos e por uma casualidade bem extraordinaria nos acontecimentos: a sua morte teve logar no proprio dia em que Virgilio tomava a toga viril. O espirito humano é avido do maravilhoso, e os ornatos com que enfeita a verdade, dão muitas vezes a esta o ar de fabula: affirmou-se que Virgilio tinha nascido no instante em que a alma de Lucrecio subia aos ceos: filhos de Pythagoras pretenderam que esta alma passou para o corpo do autor das *Georgicas*. É difficil decidir a qual dos dois esta idéa faz mais honra.

Eusebio pretende que Lucrecio confiou por sua morte o seu poema a Cicero, que se apressou a dal-o a gosar aos romanos: assim, o principe dos oradores foi o primeiro editor desta obra sublime. Quem podia avalial-a melhor do que elle?

Lucrecio marcou a altura a que a poesia latina podia chegar: seus successores só adquiriram gloria seguindo-lhe os vestigios. Os poetas latinos renderam-lhe a homenagem a mais lisongeira apressando-se em imitar as suas numerosas bellezas; e a apostrophe que Virgilio lhe dirige nas suas *Georgicas*, é o testemunho eterno de sua admiração pelo poeta philosopho. (*)

(*) Lagrange pensava ter elle sido o primeiro que

Felix, qui potuit rerum cognoscere causas,
Atque metus omnes et inexorabile fatum
Subjecit pedibus, strepitumque Acherontis avari!
Fortunatus et ille deos qui novit agrestes...

Parece que elle quiz dizer aqui de Lucrecio: — « immortalisou-se elle antes de mim, revelando « os segredos da Natureza, pisando aos pês os « erros dos mortaes, e fazendo-lhes amar a verda- « de pelo encanto dos versos: o logar que me res- « ta depois delle deve bastar para a minha glo- « ria. »



---

fez a applicação destes versos de Virgilio ao autor do poema da Natureza. Mas Gifanio já tinha suspeitado que Virgilio os dirigia a Epicuro ou a Lucrecio, inclinando-se mais para applical-os a este ultimo.

NOTICIA A RESPEITO DE EPICURO

PELO SR. PONGERVILLE.

Lucrecio transmittiu na linguagem das musas o vasto systema de Epicuro: o poema da NATUREZA fez-se o eterno monumento que preservou os principios do philosopho grego do ultrage dos seculos e dos barbaros. Vi que não seria sem interesse dar aqui alguns detailhes sobre o grande homem que Lucrecio tem como seu mestre e seu guia, que foi admirado tanto tempo pelos antigos, e tão mal interpretado pelos modernos.

A maior parte dos biographos fazem nascer Epicuro em Gargetta, villa da Attica; mas parece certo que nasceu em Samos, onde seu pai tinha sido obrigado a ir com a colonia que o conselho de Athenas ali fez transportar para conter os samios cuja revolta se temia. Diogenes Laercio fixa a epoca do seu nascimento 341 annos antes da era christã: pretende que sua familia descendia de Phileo, filho de Ajax; e que o pai de Epicuro, que se chamava Neocles, tinha fundado

uma escola em Samos em que seu filho recebeu a primeira instrucção: ajunta que, na sua infancia, elle seguia sua mãi, que fazia profissão de purificar as casas, e que elle lhe recitava as formulas expiatorias. Uma similhante condicção contrasta singularmente com a illustração attribuida á sua raça: esta descendencia é sem duvida mui incerta; mas sabe-se que quase todos os historiadores, levados por um prejuizo popular, creram augmentar a gloria de um homem grande dando-lhe uma origem antiga.

Bem novo ainda, Epicuro amou a Philosophia; apenas tinha quinze annos ligou-se com Pamphilo e Nausiphanes, estudou os escriptos de Anaxagoras, de Democrito e de Archelao, mestre de Socrates. Principiou a professar os seus principios em Mitylene, depois em Lampsaco: os seus tres irmãos fóram do numero de seus discipulos. Na idade de dezoito annos foi a Athenas donde se viu na precisão de sahir quase logo em razão das desordens que rebentaram depois da morte de Alexandre. Por fim ali voltou, e um dos jardins deliciosos desta celebre cidade foi o sitio escolhido para dar as lições de sua doce Philosophia. Á margem dos arroios, á sombra dos arvoredos, rodeado de flores embalsamadas, explicava elle a seus sectarios a ordem pomposa do Universo, parecendo buscar approximar-se da Natureza de quem era discipulo e admirador. A simplicidade, a exactidão de seus raciocinios

inspiravam confiança, os seus costumes faziam-se credores de estima, e sua attractiva eloquencia dava animo á força do seu genio. Depois de haver seguido as pisadas dos maiores philosophos, rejeitou o que viu de vicioso em seus systemas, desenvolveu-lhes as idéas, estendeu-lhes as descobertas, e abriu um caminho novo. A sua celebridade cresceu rapidamente: cada dia fazia crescer a sua gloria, o mundo civilisado retumbava com seu nome, a flor da Grecia correu a augmentar o numero de seus discipulos.

Os progressos de Epicuro, a admiração que elle inspirava, despertaram o ciume de seus rivaes, e suscitaram-lhe uma multidão de inimigos: os estoicos principalmente não limitaram a sua vingança a atacar suas opiniões; calumniaram sua pessoa: a accusação de impiedade, que tinha custado a vida a Socrates, ameaçou os dias de Epicuro. A hypocrisia faz terriveis as suas armas occultando-as debaixo de um veo sagrado; mas ella atacou em vão Epicuro: o seu triumpho fel-o mais caro a seus amigos, e a sua gloria tomou por elle um novo brilho. Viu-se que as suas obras cheias de uma edificante Moral, attestavam que o seu autor tinha uma piedade mais sincera do que esses que o accusavam de não a ter.

A seita dos estoicos, em sua origem, contava entre seus membros homens exaltados por um fervor rigido, que se parecia com o enthusiasmo do fanatismo. Esta doutrina apurada pelo andar

do tempo, foi abraçada por sabios que lhe restabeleceram a honra.

Epicuro acreditava que os deuses sempre tranquillos, sempre bons, olhavam satisfeitos para a terra, e folgavam com a felicidade dos homens; os estoicos, pelo contrario, faziam delles tyrannos occupados a espreitar as menores fraquezas para terem o gosto de punil-as cruelmente.

Estes sectarios austeros tiravam á especie humana os prazeres da vida, promettendo-lhe somente um futuro pouco certo, e sobre cuja espeperança as suas proprias opiniões combatiam continuamente: em uma palavra elles embebiam a existencia em amargura, e só deixavam entrever uma eternidade confusa, pouco feita para compensar os soffrimentos que elles se infligiam de propria vontade.

Epicuro cuja alma nobre e pura fazia uma justa idéa da intelligencia suprema, ligava o homem á divindade pela gratidão: elle queria se embellesasse de flores o caminho que ella mesma nos havia traçado; elle queria que o ascendente da virtude remediasse os males que a Natureza nos impõe como paga de seus beneficios. De certo não pretendia elle que o prazer fosse o unico fim de nossas acções; mas promettia-o como a recompensa da virtude. — « Para ser feliz — dizia elle — há precisão muitas vezes de fazer sacrificios á Natureza: cumpre calcular tambem se o bem que se deseja, vale o preço que elle deve custar. »

Epicuro repetía a seus discipulos. — « Usa « de vossas faculdades, não abusai nnnca ; não sai « crificai longos dias a um curto goso. Não con-- « trarieis nunca nem a Natureza, nem a vossa con- « sciencia : deixai que a sobriedade e a moderação « façam vossos prazeres mais vivos e mais puros. « Evitai os excessos que atormentam o presente, e « empobrecem o futuro : vivendo segundo a Natu- « reza, vós não sereis nunca pobres : vivendo segun- « do a opinião, nunca sereis ricos : se é do caracter « dos deuses não precisar de nada, é do caracter « dos virtuosos contentar-se de pouco : para fazer « um homem opulento, vale mais diminuir-lhe os « desejos do que augmentar-lhe as riquezas. » Tal era a doutrina deste philosopho que seu eloquente interprete enfeita com os encantos da poesia latina ; tal era essa doutrina admirada durante tantos seculos, e tão desconhecida ou tão malignamente desfigurada no nosso. Se a Moral de Epicuro tivesse necessidade de elogios, achar-se-hiam elles na concordancia de seus discipulos, que nunca se desuniram, e que se amaram como irmãos quando o fanatismo e a ignorancia dividiam as familias e derramavam ondas de sangue.

Plinio o naturalista conta que no seu tempo, mais de tres seculos depois da morte de Epicuro, a epoca do nascimento deste homem grande era celebrada como um dos dias em que a terra tinha recebido do ceo um de seus mais preciosos beneficios. Os seus sectarios multiplicaram-

se infinitamente nas republicas da Grecia, no Egypto, na Asia; durante muitos seculos as suas escolas estiveram abertas em toda a Europa civilisàda. Em 484 da era christã, estabeleceu-se mesmo na China uma seita de philosophos com o nome de epicureus; mas n'um paiz tal, devia ella perder uma parte da sua pureza primitiva.

Gassendi foi o primeiro que deu a conhecer, ao seculo de Luiz 14.°, a Philosophia de Epicuro: desenvolveu com uma grande clareza o systema corpuscular absolutamente desconhecido.

Gassendi teve por discipulos Chapellé, Bernier, Molière e Saint-Evremont que espalhou em Londres as opiniões de seu mestre. Watter, tido então como o Ovidio da Inglaterra, auxiliado pelo espirito do cavalheiro de Grammont, e talvez pelos encantos da celebre Hortensia Mancini conseguiu propagar a doutrina de Epicuro na corte voluptuosa de Carlos 2.° — Os homens depravados que lhe rodeavam o throno, aproveitaram com ardor os meios de adornar-se com o respeitavel titulo de epicureus. Assim a voluptuosidade que nasce da vontade, esse sentimento sublime e puro que enchia o coração do sabio de Athenas, veiu a ser nesta corte corrupta a deusa da licença a mais desenfreada. Talvez esta circunstancia estranha contribuiu para espalhar a falsa opinião que, depois, fez desconhecível o systema de Epicuro. Na antiguidade mesmo os gracejos de Horacio e de Petronio a respeito da pa-

lavra *voluptuosidade*, empregada por Epicuro, tinham ás vezes dado logar a similhantes erros sobre a pureza da Moral epicuriana.

As acções deste philosopho corresponderam constantemente á pureza de seus principios: se elle pregou a virtude, elle a fez amar por seu exemplo. Feliz com a felicidade dos outros, repartiu a sua fortuna com os indigentes, e deu a liberdade a seus escravos.

Ainda que Epicuro estivesse persuadido que o santuario da divindade fosse a Natureza inteira, julgou-se obrigado a frequentar algumas vezes os templos. Diocles, um de seus mais crueis inimigos, não poude deixar de exclamar vendo-o junto dos altares: — « Jupiter, tu nunca me pareceste tão « grande como quando Epicuro se ajoelha dian« te de ti? »

Accommettido desde sua mocidade por uma doença lenta e dolorosa, Epicuro morreu em Athenas de idade de setenta e dois annos com a resignação de um sabio que, reconhecedor dos bens que lhe concedeu a Natureza, deixa-os sem pezar e entrega-se com segurança ao poder eterno que cria os homens, confia-lhes a vida por um momento, e torna-os a chamar para o seu seio.



ARGUMENTO

DO

CANTO I.

Encerra as materias seguintes na ordem em que vão aqui indicadas. — 1.° Uma invocação magnifica a Venus. — 2.° A dedicatoria do poema a Memmio. — 3.° A exposição do assumpto. — 4.° O elogio de Epicuro. — 5.° A refutação das objecções geraes que se poderiam fazer contra a doutrina do philosopho grego, e contra a audacia do poeta latino por exprimil-a em sua lingua. — 6.° Estabelecimento do primeiro principio = *o ser não pode sahir do nada, nem voltar a elle* =. — 7.° Ha corpusculos primitivos, de que todos os corpos são formados, e nos quaes elles se desfazem: ainda que invisiveis, a sua existencia não é menos incontestavel. Mas elles não poderiam obrar, mover-se, nem mesmo existir sem vacuo. — 8.° O universo é o resultado destas duas coisas, *materia e vacuo*: tudo o que não é nem uma nem outra coisa, é delles *propriedade* ou *accidente*, e não uma terceira classe de entes á parte. — 9.° Os primeiros corpos, sendo a base das obras da natureza, devem ser perfeitamente solidos, indivisiveis e eternos. — 10.° Heraclito erra dando aos corpos por principio o fogo; outros philosophos, a agua, o ar ou a terra, e Empedocles os quatro elementos. A Homeomeria de Anaxagoras não explica melhor a formação dos seres. — 11.° O *grande todo*, indestructivel em seus principios, é infinito em sua massa: não ha centro para que tendam os corpos graves: a doutrina dos *antipodas* é uma illusão.

A NATUREZA DAS COISAS.

CANTO I.

Mimosa Venus, mãi da eneide Roma,
Prazer de homens e numes; tu alentas
Os astros, que dos ceos no ambito gyram,
As ferteis terras, o naval Oceano:
Por ti todo o animal recebe a vida,
Logo ao nascer na luz do sol attenta;
Assim que assomas, diva bemfazeja,
Traja o ceo galas, foge o vento e as nuvens,
Odoras habil cria a terra flores,
Ri-se o mar, e pacato o vasto olympo

De purissima luz enche o universo.
Mal que risonha a primavera brilha,
E livre voa o zephyro fecundo;
Os habitantes do ar, na alma sentindo
A gostosa influição de teu imperio,
Tua vinda descantam, grande diva:
Retoiça ovante a grei no ameno prado,
E a nado corta arrebatados rios.
A serie dos viventes, enlevada
Nos teus encantos, nas delicias tuas,
Onde a diriges avida te segue.
No largo mar, nos empinados montes,
Nos torvos rios, nos virentes campos,
No opaco bosque, habitação das aves,
Todos os corações por ti se accendem
Do doce amor na irresistivel flamma:
Assim, á geração prazer unindo,
Geraes desejos institues d'ella.
Da natureza assentas-te no throno:
Sem ti nada recebe a luz dos astros,
Nada tem perfeição, nada se estima.
Por isso, oh deusa, vem; fulge em meu canto,
Que a natureza explanará dos entes:
Ao Memmio nosso o sagro, a quem te aprouve
De teus mais nobres dons ornal-o sempre.
Vês quão merece: empenha-te, Acidalia;
Tem jus varão tão grande a canto eterno.
  No entanto faze que pacato durma
Na terra e mar o horror da insana guerra:
Só tu tens o poder de em paz tranquilla

Dar prazer aos mortaes; que o grão Mavorte,
Deus, que as batalhas a seu gosto rege,
Nos braços teus se lança, e preso fica;
Punge-o de intenso amor ferida eterna.
O collo majestoso então inclina,
Pondo em teu alvo peito então a face,
Pasmado embebe em ti, oh deusa, os olhos,
Que em extases de amor avidos pascem,
Em quanto aos labios teus a alma lhe pende.
Quando, oh diva suave, o apertas todo,
Desfallecido em teus sagrados membros,
Com doce persuasão lhe ameiga as iras,
Alcança o bem da paz, e adita Roma.
Não me é decente desferir meus cantos
No tempo iniquo de afflicções da patria;
Nem Memmio illustre poderia ouvir-me,
Porque a commum defesa o chama ás armas.
Ás lições da sapiencia traze, oh Memmio,
Socegada a razão, attento o ouvido;
Dons, que por ti dispuz com fiel cuidado,
Antes que os bem profundes, não rejeites.
Sobre as razões dissertarei comtigo
Da ordem dos ceos, da essencia das deidades;
Explicar-te-hei os atomos primeiros,
De que os entes contrue, augmenta e cria
A natureza, que ás antigas formas,
Quando destruidos são, manda volvel-os.
Tenho de lhes chamar *primeiros corpos*,
Principios, corpos genitaes, materia,
Visto que d'elles se origina tudo.

Desfructar por essencia os numes devem
Eterna vida em ocio imperturbavel,
De nós mui longe e dos successos nossos:
Isentos de afflicções, de p'rigo isentos,
Ricos de seu, de nós não precisando,
São insensiveis ás virtudes nossas,
Sobre elles o furor não tem imperio.
Quando o homem, preso á terra, em vida immunda
Se acurvava ao pendor do fanatismo,
Que lá dos ceos, mostrando horrida a frente,
Ameaçava os mortaes com ferro e fogo;
Um grego foi que se lhe oppoz primeiro,
E contra o monstro ergueu em furia os olhos.
Nem o poder, que aos deuses se attribue,
Nem do olympo minaz o rudo estrondo,
Nem do raio os fuzis sustel-o ousaram:
Mas c'os estorvos medram-lhe as virtudes,
E elle o primeiro desmantela as portas
Dos virgens penetraes da natureza.
Seu genio vencedor saltou mui longe
As muralhas flammivomas do mundo,
E as orlas devassou da immensidade:
De lá nos ensinou com gloria tanta
Tudo que existe, e o que existir não pode;
E que o poder individual dos entes
Tem metas, com que o cinge a essencia propria.
Com este theor, que lhe chegou seu turno,
Foi a superstição aos pés calcada;
E tal victoria nos iguala aos numes.
Temo porém, oh Memmio, que acredites

Que impia philosophia te descubro,
E que do crime a estrada te franqueio:
Pelo contrario é tudo, illustre amigo:
Sempre a superstição em toda a parte
Crimes brotou, brotou impios successos.
Assim da Grecia os reis mais decantados,
Que por flor dos heroes os tem o mundo,
O altar de Diana, de Aulide nas ribas,
C'o sangue de Iphigenia profanaram.
Á coma virginal cingida a fita
Nas faces innocentes lhe fluctua,
Eis que a princeza misera c'os olhos
Dá no pai junto da ara em pé e afflicto,
Nos sacerdotes, que os punhaes occultam,
E em povo immenso, que, avistando-a, chora.
Fal-a muda o terror, ajoelha humilde;
Nem á triste aproveita, em tal instante,
Ter a primeira dado o honroso nome
De pai ao rei maior dos reis da Grecia.
Impias mãos dos ministros a levantam,
E tremula a conduzem té ás aras:
Não para que entre de hymeneo pomposo.
Feito o solemne rito, em grão cortejo;
Porém para expirar (que horror!) aos golpes
Do desgraçado pai no instante mesmo
Em que amor ia dal-a ao terno esposo.
Expirou. E porque? Para que o vento
Deixe fausto partir a grega frota.
A que immenso tropel de horridos males
Pode a superstição levar os homens!

De poeticas lições oppresso há muito
Quiçá rejeites timorato as minhas,
Que podem mil espectros figurar-te
Proprios a perverter-te a ordem da vida,
E a no peito cravar-te um medo eterno.
Mas não t'o levo a mal; pois que os humanos,
Não vendo aos damnos seus um fixo termo,
Nem na morte, em que agora se proclamam
Penas eternas que horridas assustam,
Se acham privados dos recursos todos
Contra as ameaças, que os mentidos vates,
E que a superstição lhes tramam sempre.
É um problema a natureza da alma:
Se nasce com o corpo não se atina,
Ou se, existente de antes, se lhe influe
Em seu natal momento: igual se ignora
Se morre co'elle, e em atomos reduz-se,
Se vai ver do orco vasto os lagos negros,
Ou se, pelo querer do grande numen,
Em corpos de animaes de novo vive,
Como o cantou nosso Ennio, que o primeiro
Do risonho Helicon desceu á Italia
Ornado de um laurel immarcescivel,
Que terá sempre perennal renome.
Descreve Ennio, comtudo, em canto eterno
Esse acherusio alcaçar, onde habitam,
Não terreos corpos e incorporeas almas,
Mas sim varias no theor pallidas sombras;
O phantasma entre as quaes se lhe afigura
Do sempre-floreo Homero, que avistando-o

Saudoso pranto verte, e lhe descobre,
Clausos té li, da natureza os quadros.
  Temos de perscrutar com serio estudo
Das ethereas regiões as leis constantes,
Os eclipses do sol, da lua as phases,
E as causas dos phenomenos terrestes:
Mas antes vamos com sagaz finura
Entrar na construcção do animo e da alma,
E dos objectos, que, obvios sendo á vista,
Pôr susto vem depois á mente, em quanto
A doença a enturva, ou a sepulta o somno,
De tal sorte que ver e ouvir julgamos
Os mortos, cujos ossos cobre a terra.
  Eu não ignoro quão difficil seja
Dignamente illustrar em canto ausonio
As invenções reconditas dos gregos;
E agora muito mais que me constrangem
Materias novas, e escassez de lingua
A crear palavras, que ninguem conhece.
Porém as tuas inclytas virtudes,
E o gosto, que acho em infundir verdades
N'um amigo, qual tu, que me és tão doce,
Me animam a arrostar com a ardua empresa.
Da noite apraz-me na mudez tranquilla
As frases escolher, dar alma aos versos,
Que te illuminem de fulgor brilhante,
E o seio occulto do universo te abram:
Com o raio solar, co'a luz diurna
Taes trevas, tal terror se não dissipa;
Mas c'o estudo tenaz da natureza.

Firmo nossas lições n'este principio:
Nada podem tirar do nada os numes.
Os corações mortaes tanto urge o medo
Que dos muitos phenomenos á vista
Feitos na terra e ceo, julgam que os deuses
Os artifices são, que assim os formam.
Tal crem porque nas causas não lhes entram.
Assim, quando attendermos, firme em provas,
Que nada pode produzir o nada,
O alvo melhor veremos do discurso,
O manancial dos entes, como existam
Sem carecer da intervenção dos deuses.
Se entes podesse produzir o nada,
O germen nullo fôra, e sem diff'rença
Tudo havia poder nascer de tudo.
Ver-se-hia que do mar brotavam homens,
Da terra as aves, e escamosa estirpe;
Os armentos, as greis romper das nuvens;
E as feras, filhas dc casual consorcio,
Povoar de anhelo igual jardins, desertos.
Não conteriam sempre os mesmos troncos
Entre sua folhage os fructos mesmos:
Todo o tronco criara os fructos todos.
Que ordem nas gerações suppor-se deve
Se, para as dirigir, os germens faltam?
Mas nasce tudo de perfixo germen;
E só d'onde elle existe os entes partem
A se esparzirem nas regiões etherias.
Tem, segundo os principios integrantes,
Propria energia cada qual dos entes:

Logo o tudo nascer de tudo é falso.
Porque na primavera brilha a rosa?
Porque as espigas no verão loirejam,
E a lentura autumnal sasona as uvas?
É que em epocha fixa se congregam
De cada especie os elementos proprios;
Ostenta a criação os seus productos
Quando os bafeja a quadra, e tenros inda
O viço terreo os patenteia ás auras.
Mas se sahir do nada elles podessem,
Seu nascimento repentino fôra
Em contrarias sasões, em sitios varios;
Porque dos sitios, e sasões o vicio
Não poderia o genital concurso
De elementos vedar, que não existem.
Prole do nada precisão alguma
Para encorpar os entes não teriam
Da reunião progressiva de elementos:
Confundir-se-hiam juventude e infancia;
E subito, do chão sahido o arbusto,
Alcançára o seu auge de grandeza.
Nada succede assim: de germen proprio,
Com vagar compassado, cresce tudo,
Da especie em si guardando os caracteres.
Cada individuo, pois, conclue, amigo,
Materia peculiar o cria e augmenta.
Não dera a terra os comestiveis do homem
Se as periodicas chuvas lhe faltassem;
Nem o animal, privado de alimentos,
Mantera a vida, propagara a especie.

Melbor verás d'aqui qui hajam sem conto
Moleculas communs a corpos varios,
Quaes communs ás palavras são as lettras,
Do que, feitos do nada, entes existam.
Porque não produziu a natureza
Homens, que a váo o Oceano atravessassem,
Que arrancassem á mão as altas serras,
Cuja vida excedesse a mil idades?
É que ella proporciona, em seus productos,
Duração, qualidades, elementos.
Pois que as coisas de um germen necessitam
De que sáiam á luz, é claro axioma
Que nada pode produzir o nada.
Vemos mais ferteis os lavrados campos
Do que os deixados a espontanea incuria,
E que a mão do cultor fructos melhora:
Logo ha porções na terra elementares,
Cuja energia nós, co'a relha erguendo
Os fecundos torrões aprofundados,
Liberta pomos em favor dos fructos,
Que á perfeição por si tender deviam
Sem de nós precisar, se assim não fosse.
Não ha corpos nenhuns que se aniquilem:
A seu turno os dissolve a natureza,
E os reduz ás moleculas primarias.
Se estas periveis fossem, de repente
Consumir-se-hia o corpo, que organisam:
Por si destruidos a cohesão e o nexo,
Inutil lhe ficava o lento attrito.
Vê pois que são os atomos eternos;

E só consiste a destruição dos corpos
Em que um impulso lhes desuna as partes
Já dissolvendo-os penetrando os poros,
Já porque a superficie lhes contunde.
  Se as partes da materia aniquilasse
O voraz tempo, que desmancha tudo,
D'onde aos lumes vitaes traria Venus
Sem conto as gerações reproduzidas?
D'onde pastos obtera habil a terra
Para as nutrir, e á perfeição leval-as?
Como os rios caudaes, e ingenuas fontes
Dessem tributos ao longiquo Oceano?
E quem a luz renovaria aos astros?
Serie infinita das passadas eras
Já ter devia reduzido ao nada
Os elementos subditos da morte.
Mas se, eras superando, enchendo o espaço,
Formam, quaes vemos, do universo o todo,
Eterna essencia attribuir-lhes cumpre,
Que reduzir-se ao nada lhes impeça.
  A mesma causa aniquilara os corpos
Se os seus principios immortaes não fossem,
Com mais ou menos cohesão, unidos:
Um leve choque á destruição os dera;
Que não fariam resistencia alguma
Uns frageis grupos de atomos periveis.
Não morrendo a materia, e sendo vario
Entre suas particulas o nexo,
Subsiste o corpo até que o fira um choque
D'ellas á cohesão proporcionado.

Nada morre: dos corpos os principios
Pela dissolução voltam dispersos
Á massa universal, de que sahiram.
Não se aniquila a chuva quando Jove
Da mãi terra no gremio a precipita.
Mas sim por ella surge a messe ovante,
Reverdecem as arvores, e incorpam;
Seus ramos vergam c'o pendor dos fructos.
Sustentam-se d'aqui homens e feras;
D'aqui nós vemos que as cidades fulgem
De immensos jovens, que honrarão a patria,
E que as selvas frondiferas resoam
Das novas aves c'o mimoso canto;
D'aqui a grei, que arqueja de gordura,
Descansa o corpo em relvas abundantes,
E lhes mana dos ubres tumecidos
O doce leite em candidos regatos:
D'aqui pela herva tenra os cordeirinhos,
Cujas almas renova este humor puro,
C'o pé inda tremente alegres brincam.
Não morre pois o que de nós se occulta:
Uns de outros forma a natureza os entes;
De uns a morte origina a vida de outros.
Provei que não produz o nada os entes,
E que os entes ao nada não revertem.
Mas se és propenso a desconfiar das provas
Porque invisiveis são os elementos;
Repara que a razão percebe corpos
Onde nem os vislumbra a aguda vista.
Revolve os mares furibundo o vento,

Submerge as grandes náos, dispersa as nuvens:
Correndo em revoltoso turvelino
De ingentes troncos junca os largos campos,
E c'os fragmentos dos quebrados bosques
Opprime as elevadas serranias;
Por elle enraiva e se enfurece o Oceano
Com torvo arruido, com minaz estrondo.
Eis que não vês os atomos do vento
Posto varrerem terras, mares, nuvens,
Tudo arrastando em rispida voragem.
Com tal essencia o forma a natureza.
Como um soberbo rio, que, em seu alveo
Volvendo manso as crystallinas ondas,
Recebe, desbruçadas das montanhas,
Torrentes de agua em corpulentos jorros
Cheios de espolios de arruinadas selvas:
Ponte não ha por valida que possa
Soffrer então o repentino impulso
D'esse volume de aguas, que, nos diques,
Com forças prodigiosas rebatendo,
Derroca-os com fragor, que ao longe brame,
Revira nos cachões robustas penhas,
E tudo prostra, que lhes ponha obstac'lo:
Assim dos ventos a violencia soa;
Seus repetidos impetos arrastam
Qualquer estorvo, empolgam-no instantaneo,
E em torto turbilhão no espaço o rodam.
São pois os ventos corpos invisiveis,
Pois que no effeito e condição os ventos
Iguaes aos rios são, que a vista observa.

Sentimos as moleculas cheirosas
Mas não as vemos quando o olfato buscam :
Os nossos olhos perceber não ousam
Da voz, calor e frio os elementos,
Que de essencia corporea são dotados
Visto os sentidos abalar poderem.
Tocar e ser tocado é só dos corpos.
Molham-se á beira-mar pendidas vestes,
Que estendidas ao sol vês que se enchugam.
Mas visivel não é de que maneira
Por ellas penetrava o fluido aquoso,
E pela ignea influição depois sahira ;
Que então os tenues atomos dispersos
Tocar não podem a visual potencia.
Certa quantia de annos revolvida,
Com o uso se adelgaça o annel no dedo :
Dos altos tectos do edificio a chuva,
Gota a gota cahindo, as pedras cava :
A relha ferrea gasta-se nos sulcos ;
C'os pés roçada do continuo povo
A calçada lapidia se desbasta :
Junto aos portões da capital do mundo
Vemos as dextras das estatuas bronzeas
Attenuadas c'os osculos das gentes
Ao sahir e ao entrar venerabundas.
Presenciamos por tanto que decrescem
C'o tempo e pelo attrito os entes todos ;
Mas vedou-nos ciosa a natureza
O vermos os principios, que se escapam.
Rouba-nos ella aos olhos como as coisas

De subtis elementos se organisam;
Como, de longa duração cansadas,
Romper o nexo antigo lhes consentem;
E como o sal das ondas corrosivo
Desfaz esses aerios promontorios,
Que o mar ameaçam c'o escalvado cume.
Pois logo a natureza os entes forma
De elementos, que a vista não alcança.
De materia não se enche o inteiro espaço:
Tambem de vacuo a natureza consta:
Ser-te-há de uso importante esta verdade;
As duvidosas objecções previne,
Difficeis soluções ao claro expende;
Dar-te-há confiança digna em meus dictames.
N'uma intacta amplidão consiste o vacuo:
Sem elle não houvera movimento;
E então os corpos, todos em contacto,
Uns aos outros immoveis resistissem
Que é da materia a inercia um attributo:
Mas nós o movimento presenciamos
Na terra e ceo sublime, e Oceano vasto,
De modos varios, em milhões de corpos,
Aos quaes, sem vacuo haver, fôra impossivel
A perennal agitação, que os move,
E a construcção normal, que os organisa;
Visto que os entalados elementos
Em inercia perpetua jazeriam.
Na mais dura substancia existem poros:
Coam pelo rochedo as fluidas aguas,
E em gotas sem quantia pendem no antro:

Do corpo do animal nas partes todas
Do alimento as porções se disseminam:
Arvores crescem, dão fructos a tempo,
Porque circulam nutriticios succos
Desde a funda raiz ao tronco, aos ramos:
Vôa o som atravez do espesso muro:
Penetra o frio no amago dos ossos.
E a vacuo não haver, que achassem livre,
Transpassar estes corpos não podessem.
D'onde procede pois que iguaes volumes
Tenham no peso variedades tantas?
Se de atomos houvesse igual quantia
N'um cubo de metal, de lã n'um cubo,
Gravidade parelha ambos teriam,
Que tender para baixo é proprio aos corpos,
E a carencia de peso é propria ao vacuo.
Assim de corpos dois de igual volume
É mais leve o que em si contêm mais vacuos;
De menos vacuos o outro e mais materia
Com maior gravidade se afigura.
Para que não te illuda um grão sophisma,
Que alguns verdade crem, vou defrontal-o.
Dizem que, como os nadadores peixes
Rompem caminhos atravez das ondas,
Que, outra vez confluindo, o espaço occupam,
Mal que a prole esquamigera se afasta;
Tambem assim que os differentes corpos,
De outra qualquer materia abrindo as massas,
Podem mover-se, e deslocar-se podem.
É falso o raciocinio. Como aos peixes

Possivel fosse proceder avante,
Sem lhes franquearem um espaço as ondas?
Ou como confluir a agua podesse
Não indo avante o nadador esquameo?
Ou do moto privar convêm os corpos,
Ou mixto co'elles admittir o vacuo,
De que a motriz potencia lhes dimane.
  Se dois corpos de plana superficie,
Té'lli unidos, subito se afastam;
Deve o ar vir occupar o espaço feito
Entre esses corpos que distantes ficam.
Mas inda que em redor elle conflue
Como as subtís moleculas lhe ordenam,
Não pode a um tempo encher o inteiro espaço;
Desses corpos primeiro invade as orlas,
Depois prosegue, e todo o resto occupa.
  Se alguem julga que o vacuo, resultante
Desta separação de corpos chatos,
Se enche de ar condensado de antes, erra.
Fez-se um vacuo que de antes não havia,
E esse vacuo já feito enche-se agora.
Nem, como se imagina, o ar se condensa;
Nem, a isso ser possivel, consiguira
Encolher-se, e apertar umas sobre outras
Suas tenues moleculas, sem vacuo.
Assim, por muitas objecções que ostentes,
Não se pode negar que o vacuo existe.
  Muitas outras razões expor-te posso
Que preste inteira fé aos meus dictames;
Mas o pouco que hei dito, assaz o julgo

Para que possa teu sagaz talento
O mais que resta conhecer a fundo.
Bem como os cães montívagos descobrem
C'as subtis ventas os covís da caça
Entre bastas ramagens escondidos,
Assim que a pista certa lhes encontram;
Do mesmo modo tu podes seguro,
Indo de raciocinio em raciocinio,
Chegar aos mais reconditos segredos
Até que a luz descubras da verdade.
Mas se entregar-te á convicção duvidas,
Ouve o que posso prometter-te, oh Memmio!
Tão copiosas serão da sciencia as ondas
Que das fontes caudaes manam sublimes;
De meu peito opulento hão de soltar-se
Por minha suave lingua ideas tantas;
Que temo que a velhice a passos lentos
Os membros nossos penetrar consiga
Da nossa vida demolindo os claustros,
Antes que eu possa em versos sonorosos
Expor-te a inteira serie de argumentos
Por tão vastos objectos reclamada.
  Seguindo o nexo vou do assumpto agora.
De dois principios consta a natureza
Existentes por si, materia e vacuo,
O vacuo em que a materia se colloca,
E pode em toda a direcção mover-se:
Temos o testemunho dos sentidos
Que existentes por si nos mostra os corpos:
Nelle fundamos da certeza as bases,

E, não obstante da razão as forças,
Tudo sem elle nos seria occulto.
Em respeito ao logar, ou seja espaço,
A que o nome de *vacuo* conferimos,
Se o não houvesse, em parte alguma aos corpos
Achar collocação fora possivel,
Nem por qualquer das direcções mover-se.
Todo este assumpto te expendi ha pouco.
  Nada há que possas indicar diverso
Da materia e do espaço, e que principio
Da natureza assim terceiro fosse.
Quanto existe, será grande ou pequeno:
Existencia não há que assim não seja.
Se, inda que leve e tenue, o alcança o tacto,
Contar-se-há de no numero dos corpos,
Delles tem de seguir as leis constantes:
Mas se é intáctil, se em nenhuma parte
Põe resistencia aos corpos que o penetram,
Será espaço, a que chamamos vàcuo.
  Tudo o que existe, ou de per si se move,
Ou move-se cedendo á força de outrem,
Ou proporciona espaço que faculte
Collocação e movimento aos corpos.
Nada que não tiver de corpo a essencia
Gosa o jus de mover-se ou ser movido;
Nada, que não constar de espaço ou vacuo,
O moto aos corpos e a mansão consente.
Assim, além do vacuo, além dos corpos,
Entidade terceira não existe
Pelo ambito total da natureza:

Jamais a alcançam os sentidos nossos,
Jamais nossa razão a comprehende.
O mais que vemos junto ao corpo, ao vacuo,
Ou propriedades são destas essencias,
Ou accidentes dellas contemplamos.
É propriedade, o que de um dado objecto
Não pode remover-se ou separar-se
Sem que elle totalmente se aniquile:
Tal no fogo o calor, na pedra o peso,
O táctil da materia em toda a forma,
Nas aguas a fluidez, no vacuo o intáctil:
Mas a riqueza, a servidão, a guerra,
A concordia, a miseria, a liberdade
E tudo o mais que deixe, como de antes,
Ou venha ou vá, sem quebra a natureza,
Damos-lhe de *accidente* o proprio nome.
Tão pouco de per si o tempo existe:
Ligado ás coisas o concebe a mente
Que as vê nesse acto, que antes delle as vira,
E depois inda continúa a vel-as.
Do presente, preterito e futuro
Eis a origem: ninguem sentil-os pode
Do movimento e quietação á parte.
Quando se falla da roubada Helena,
Da guerra que arruinou a teucra prole,
Vê-se que logo confessar nos cumpre
Taes factos de per si não existentes:
O preterito tempo irrevocavel
Phases e epocas taes sumiu dos homens,
De que esses factos *accidentes* eram:

Assim se prova que os successos todos
São *accidentes* da materia ou vacuo.
  Se a materia, que as coisas constitue,
Se o logar, em que as coisas se collocam,
Existencia absoluta não tivessem,
Nunca o fogo de amor, que a formosura
De Helena ateou no coração de Páris,
Teria de uma guerra sanguinosa
Mil batalhas illustres accendido:
Nem, da noite occultando-se nas sombras,
Conseguiria batalhões de gregos
Lançar do ligneo bojo o alto cavallo,
Que a ferro e fogo devastaram Troia.
Por isto podes ver que não existem,
Por si independentes, os successos,
Como só podem a materia, o espaço,
De ambos os quaes não passam de *accidentes*.
  Os elementos de que as coisas constam,
Dos elementos os diversos grupos,
O nome tem convencional de *corpos*.
Força alguma não há que os elementos
Possa estragar; a tudo elles resistem.
Dos elementos custará nos grupos
Solidez demonstrar que nos convença:
As paredes penetra o som e o raio;
Mettido em fogo se escandece o ferro;
Do seio dos volcões esmigalhadas
Ao longe saltam as mais duras pedras;
Liquido faz-se pelas chammas o oiro;
Pelo calor, como succede ao gelo,

O bronze funde-se; o calor e o frio,
Da agua que em si retém a urna de prata,
Penetram-lhe as paredes, e vellicam
A mão que ali se appõe. Á minha mente.
A serie destes factos assegura
Que nesses grupos de elementos falta
Solidez que completa se designe.
Pois que assim a razão e a natureza
Para esta persuasão nos levam francas,
Vou explanar-ta nestes poucos versos.
Da materia os principios, elementos
Das coisas todas de que consta o mundo,
São por essencia solidos e eternos.
   Provado está que a natureza consta
De duas coisas entre si diversas,
O corpo, e o espaço em que reside o corpo.
Logo, cada um independente existe:
Lá onde o corpo está, não ha espaço;
Onde o espaço se amplia, o corpo falta.
Dos corpos logo são os elementos
De solidez compacta, ao vacuo estranhos.
   Se há vacuos de per meio aos elementos
De que os corpos compactos são compostos;
Dos vacuos em redor força é que existam
Demarcações de solida materia.
Logo, bem vês, não há razão que valha
Para mostrar que o corpo o vacuo encerre
Sem da materia solida cercar-se;
Esses corpos compactos são por tanto
Não mais que um aggregado de materia

Em que de nenhum modo se confundem
O vacuo e da materia os elementos.
Assim consta de solidos principios
A materia que sempre eterna dura,
Quando seus aggregados se dissolvem.
Se não houvesse o que chamamos vacuo,
Solido fôra tudo; e não havendo
Da materia elementos nelle esparsos,
Tudo vacuo seria, espaço tudo.
Porém distinctos são espaço e corpo:
Nem materia tudo é, nem tudo é vacuo.
Logo são da materia os elementos
Que, attenta a sua solidez, distinguem
O vacuo, incompativel co'a materia.
Nenhum impulso desfazel-os pode,
Penetral-os tambem nenhum consegue,
Por nenhum modo se lhes causam damnos.
Inda pouco há te demonstrei tudo isto.
Não se concebe como possa um corpo
Quebrar-se, dividir-se, desfazer-se,
Deixar-se entrar pela agua, ou frio, ou fogo,
Objectos estes que dissolvem tudo,
Sem que para actos taes concorra o vacuo.
Quanto os corpos em si mais vacuo encerram,
Estão por isso tanto mais propinquos
A que os arruine a acção desses agentes.
Logo, se os elementos da materia
Solidos são, de vacuo sem mistura,
Tambem serão precisamenle eternos.
Se eternos pois os atomos não fossem,

Muitos seculos há que este universo
Houvera todo revertido ao nada,
E do nada igualmente resurgira.
Ora, se, como te expendi, não pode
Nascer nada do nada, e não revertem
Ao nada os entes que existencia gosam;
Devem ser da materia os elementos
De substancia immortal formados todos,
Para que della em tempos opportunos,
Dissolvendo-se os corpos secundarios,
Outros que taes reproduzidos sejam.
Tem a materia primitiva logo
Simplicidade solida, e sem ella
Não poderia em seculos infindos
Ter duração, e renovar os entes.
Se a natureza não pozesse termo
Ás divisões porque a materia passa,
Chegariam os atomos por força
A tenuidade tal, tão repetida
Em seculos infindos, que não fôra
Nas successivas formações possivel,
Passado certo praso, obter firmeza;
E assim em ruina cahiriam, antes
Da robustez, os renovados corpos,
Cuja dissolução se faz mais breve
Que a aggregação porque de novo surgem.
Tempo infinito de passadas eras,
Tendo moido, espalhado, dissolvido
Os atomos, por fim não mais podera
Co'elles as perdas reparar do mundo.

Logo marcado está um fixo termo
Além do qual não mais é permittido
Que a materia se parta, se atenue;
Visto que os corpos refazer-se vemos,
E durar, cada qual na especie sua,
Da robustez o praso percorrendo.
  Posto que sejam solidos e simples
Os elementos da materia, podem
Todos passar a consistencia branda
Vindo a ser ar, ou agua, ou terra, ou fogo;
O que demonstra residir entre elles,
Por natural disposição, o vacuo.
Mas se esses elementos fossem brandos,
Razão alguma para crer-se havia
Que o seixo e o ferro se formavam delles;
Pois que dos fundamentos necessarios
Então careceria a natureza.
Serão por tanto solidos e simples
Os elementos da materia, e tanto
Mais se apertarem entre si nos corpos,
Destes a construcção será mais rija.
  Da natureza as leis determinaram
Té onde se alongassem os limites
Do crescimento e duração dos corpos,
E o que delles cada um possa ou não possa.
É sempre a mesma a natureza: as partes
Que ella tem, seguem sempre o mesmo turno:
Em cada especie sua as aves todas
Adornam-se de manchas sempre as mesmas:
Deve por isso sempre em todas dar-se

Um complexo immutavel de materia.
Se de algum modo vissemos possivel
Variarem da materia os elementos,
Para nós grande duvida seria
O que delles provir pode ou não pode.
Por tal razão, dos corpos são partilha
Poder finito, imprescriptivel termo:
Assim os animaes sempre nos mostram,
Segundo o typo das especies suas,
Os habitos dos paes, o gesto, o talhe,
As propensões, a escolha de alimentos.
É o extremo dos atomos tão tenue
Que jamais distinguil-o a vista pode:
Não tem partes de certo; a natureza
Na lista de seus minimos o conta:
Nunca dos outros separado esteve,
Nem estará: nos atomos figura
Como a primeira e a derradeira parte,
Unida intimamente ás outras todas
Que deste teor cada atomo completam.
Não podem uma de outra separar-se,
Adherindo entre si tão fortemente
Que força alguma desunil-as pode.
Por consequencia são solidos, simples
Os elementos da materia, e constam
De minimas porções, sempre homogeneas,
Com taes apertos entre si travadas
Que vigor immortal em si ostentam.
Assim, a natureza não permitte
Que entre si se desunam, que decresçam

Para que possam ser principios proprios,
De que os corpos se formem, se reparem.
Se não houvessem minimos, os corpos,
Fosse qual fosse a tenuidade sua,
De infinitas porções se comporiam:
Fora em duas partivel qualquer dellas,
O mesmo fora de qualquer metade,
E tal subdivisão fora infinita.
Qual differença então se imaginara
Que entre o maximo e o minimo se dera?
Nenhuma: a crermos infinito o mundo,
Tambem de partes infinitas consta
Desse mundo o corpusculo mais tenue.
Porém como a razão esclarecida
Repugna a crel-o, protestando contra,
Deve-se confessar que a natureza
É de elementos minimos composta,
De qualquer divisão insusceptiveis.
Sendo assim, confessar tambem te cumpre
Taes elementos solidos e eternos.
Se a natureza, mãi de quanto existe,
Não reduzisse os dissolvidos corpos
A suas partes minimas, com elles
Nada criar ou reparar podera;
Porque os compostos de diversas partes
Não possuem os dotes inherentes
Da materia á simpleza productiva,
Quaes a cohesão, o movimento, o choque,
Concurso e peso, condições precisas
Para que as coisas engendradas sejam.

Sendo infinita a divisão dos corpos,
Força é que delles, desde tempo eterno,
Alguns se considerem indivisos,
Que como partes integrantes vemos
De outros que sempre triumphantes sabem
De perigos, que immensos os investem;
Pois que se os corpos todos fossem frageis,
Seria a eternidade improcedente
Nos que por impulsões innumeraveis
Em seculos sem fim batidos fossem.
Da razão pura assim parecem fora
Os que ensinaram que devia ter-se
Como elemento da materia o fogo,
E que de fogo só constava o mundo.
Destas doutrinas o fautor primeiro
Foi Heraclito: celebre o julgaram
Por seu fallar obscuro os fatuos gregos,
Mas não os serios que a verdade buscam.
Reputam por vesdades quanto o ouvido
Com attractivos encantar-lhes pode,
Ou em sons melodiosos disfarçado.
Pergunto agora como o unico fogo,
Tal qual o vemos, constituir podera
Da inteira criação a variedade?
Não se tirara utilidade alguma
Do fogo condensado ou rarefeito.
Pois que igual natureza se demonstra
Nas partes em que o fogo se divide,
E de continuo fogo em grandes massas;
Deverá o calor ser mais intenso

No condensado fogo, e mais macio
Do fogo nas moleculas esparsas.
Nunca poderas conseguir mais que isto:
Das coisas a pasmosa variedade
Fôra impossivel entender provinda
Do condensado ou rarefeito fogo.
  Inda admittindo co'a materia o vacuo,
Razão teriam para crer factivel
Rarefazer o fogo, e condensal-o:
Mas como esta admissão lhes é opposta,
Titubeiam, sem nunca resolver-se
A dar o vacuo co'a materia unido;
E das difficuldades pelo medo
Despresam os caminhos da verdade.
Nem reparam sequer que, da materia
Considerando separado o vacuo,
Firme condensação tudo abrangera,
Tudo um só corpo formaria, e nada
Parte alguma de si lançar podera,
Qual vemos succeder no ardente fogo
Que de calor e luz despede enchentes,
Provando assim que de porções não consta
Compactas entre si, de vacuo isentas.
  Se pensam que as moleculas do fogo,
Mutuamente apertando-se, conseguem
Mudar de natureza; olhem que affirmam
Que todo o fogo se reduz a nada,
E que nascem do nada as coisas todas.
O que as metas transpõe da sua essencia
Morre logo, e o que foi não é como antes.

Força é por tanto que do fogo restem
Os elementos sempre inalteraveis,
Ou revertivel seja ao nada tudo,
E possa tudo renascer do nada.
Sendo pois demonstrado que elementos,
A essencia propria conservando, existem;
Mas que de essencia mudam quando passam
A constituir-se em secundarios corpos;
É impossivel que se não affirme
Que elementos assim não são de fogo.
Ou se ajunte, ou se tire, ou se reveze
N'um dado grupo de elementos igneos,
Sempre a essencia de fogo os accompanha:
Será de fogo quanto emane delles.
Para mim tenho que atomos existem
De cujo movimento, ordem, concurso,
Forma e collocação resulta o fogo;
E logo que estas circumstancias mudam,
Muda logo tambem do fogo a essencia.
De atomos taes a essencia não se encontra
No fogo ou n'outro corpo, de que emanem
Porções que os orgãos dos sentidos movam,
E o seu contacto perceber lhes façam.
Dizer que fogo são os corpos todos,
Que corpo algum, a que tal nome caiba,
Não pode dar-se que não seja fogo,
Como Heraclito diz, é grande absurdo.
Assim o testemunho dos sentidos
Rejeita o que os sentidos lhe comprovam,
E arruina as fontes a que são devidos

De quanto existe as decididas provas,
E da essencia tambem que fogo chama.
Dos sentidos entende o testemunho
Que a existencia do fogo bem conhece,
Mas não do mais, que aliás, não menos obvio
Que o fogo, ante os sentidos se apresenta.
A que nos ateremos ? O que pode
Para nós ser mais certo que os sentidos,
Com que imos conhecer verdades e erros ?
E alguem por que razão negar se atreva
Dos corpos todos a existencia, e admitta
Na natureza unicamente o fogo;
E não hade negar que o fogo existe
Dando só como reaes os outros corpos ?
Há n'estas asserções igual demencia.
Os que dos corpos tem julgado o fogo
Ser o principio, e que de fogo pode
Formada ser a maquina do mundo;
Os que seguido tem que do ar depende
A formação das coisas; os que na agua
Tem crido residir de tudo a origem;
Os que attribuido tem poder á terra
De tudo crear e converter-se em tudo,
Opino que em grande erro tem cahido.
N'este numero metto os que, dos corpos
Crendo unir dois a dois os elementos,
D'onde a criação dos entes se origine,
Ao fogo juntam o ar, a terra, as aguas;
E os que do fogo, do ar, da agua e da terra
Entendem que o universo está formado.

Entre elles todos tem logar primeiro
O agrigentino Empédocles, nascido
Na ilha famosa em triangulo talhada.
Com sinuoso regaço ao largo a cercam
Do Jonio mar as azuladas ondas,
Que o branco sal nas rochas lhe borrifam;
E com rapido impulso se entalando
Por apertado estreito, a ítala terra
Dos promontorios siculos separam.
Aqui Carybde vasta está rugindo;
Aqui o Etna terrivel sempre ameaça
Juntar das flammas a alluvião fremente,
Té que das fauces horridas vomite
Com fero arrojo as accendidas lavas,
E a flamma em rolos té aos ceos atire.
Ilha admiravel, por mil modos grande,
Rica de quanto é bom, digna de ver-se,
Por varões esforçados defendida,
Nada comtudo produziu mais nobre,
Nada mais caro, mais augusto nada
Que este insigne philosopho. O seu genio
Brotou divino versos sonorosos
Que descobertas optimas cantaram:
A crer custou que de mortaes nascesse.
Comtudo, este, e mais outros já notados,
Que inferiores lhe são posto que egregios,
E outros que menos importancia mostram;
Elles, autores de altas descobertas,
Uteis, perfeitas, que seu genio illustre
Desentranhou mais certas, mais sagradas

Do que são os oraculos famosos
Que da phebea tripode declara
Coroada a Pythia de virente loiro;
Elles, comtudo, naufragaram quando
Discorreram das coisas nos principios:
Em tão grande questão grandes erraram.
Negam o vacuo, e o movimento admittem:
Como brandos e raros reconhecem
O sol, fogo, animaes, ar, terra e fructos;
Mas dentro d'elles não concedem vacuo.
Além d'isto rejeitam totalmente
Que dos corpos, dos atomos se possa
Na divisão determinar limites;
Nem reconhecem minimos nas coisas.
Mas nós que vemos d'ellas os extremos,
Por minimos de certo os reputamos,
Prestando credito aos sentidos nossos;
E temos que hás de crer que extremos, onde
Mais nada aos olhos perceber é dado,
Devem das coisas minimos dizer-se.
Inda mais; asseguram que os principios
Das coisas brandos são: tal qualidade
Entendo propria do que nasce e morre;
E assim devia a natureza inteira
Ter muitas vezes revertido ao nada,
E do nada viçosa renascido:
Asserções estas que já viste quanto
Se acham distantes da cabal verdade.
Tambem repara que de muitos modos
Estes principios entre si combatem,

Inimigos, venenos uns dos outros.
N'estas pugnas fataes morrem ou fogem;
Como vemos que em solta tempestade
Aos raios, ventos, chuvas acontece.
Mas se a final dos elementos quatro
Tudo se cria, e se converte tudo
Outra vez n'esses mesmos elementos;
Que mais tem emittir que elles principios
Das coisas sejam, do que as mesmas coisas
Mostrar-se podem os principios d'elles?
Em successiva alternação gerados,
Dos evos pelo andar entre si trocam
A forma, a acção, a cor, a natureza.
Mas se, pelo contrario, tu pensares
Que os ares e aguas, e que a terra e o fogo
Todos se ajuntam sem mudar de essencia;
Não verás d'elles ente algum formado,
Ou quer seja animal, ou planta seja;
Pois na junção de tão diversos corpos,
Sua essencia cada um porá patente
Vendo-se unidos com a terra os ares,
E com as aguas misturado o fogo.
Natnreza invisivel, clandestina,
Devem ter os principios de que as coisas
Tem de formar-se, para obstar que n'ellas
Venha a preponderar algum, deixando
O novo corpo sem caracter proprio.
Do ceo, dos astros seus, o fogo trazem,
E este primeiro fogo em ar convertem:
Do ar geram a agua, e da agua a terra criam.

Em progressão retrograda vão prompto
Revertendo da terra a agua primeiro,
Depois o ar da agua, e do ar por fim o fogo.
Estas transmutações não tem descanço,
Do ceo á terra, ao ceo da terra passam.
Mas são ellas por tanto incompativeis
Dos elementos co'a provada essencia:
Nos entes cumpre que immutaveis hajam
Moleculas que firmes se recusem
A sumir-se do nada nos dominios.
Tudo que muda, de seus fins se aparta,
Morreu, deixou de ser o que era de antes:
Os elementos pois que há pouco vimos
Por taes transmutações sempre passando,
Devem constar de partes que não possam
De modo algum soffrer qualquer mudança,
Para que os corpos de que são compostos
Nos dominios do nada se não sumam.
É melhor admittir que os elementos
De natureza tal se constituem,
Que feitos fogo em ar vem converter-se,
Tendo outros movimentos, e ordem outra,
De subtracções e de addições co'o auxilio,
E que por este modo se transformam
Em continuada successão os entes.
  Dizes que o facto mostra que da terra
Tudo, no ambito do ar, nasce e se nutre;
Que se no tempo proprio as tempestades
Propiciar-se co'a chuva não se dignam,
D'ella ao peso curvando-se os arbustos;

Se o sol por sua parte não protege
Da luz e do calor c'o auxilio fausto,
Fructos, arbustos, animaes não crescem.
Assim é; e tambem se não nos nutre
De solidos e fluidos alimentos
Regrada proporção, definha o corpo,
Dos nervos e ossos todos se desprende
Todo o vigor que lhes provém da vida.
Não há duvida pois que certas coisas
A nós nos nutrem, e que certas outras
São d'estas e mais de outras alimento.
Para tal fim de muitos modos se unem
Em muitas coisas pois muitos principios,
E por esta maneira se alimentam
As varias coisas de outras coisas varias;
Principios todos, que entre si dispostos,
E em relação com o universo mundo,
Movimentos reciprocos se prestam.
D'est'arte o ceo e a terra são formados,
O sol, o mar, os rios e arvoredos,
Os fructos e animaes: cada um se move
De modos differentes, relativos
Aos elementos de que são compostos.
  Vês a muitas palavras dos meus versos
Muitas lettras communs; mas attendamos
Que os versos e as palavras não concordam
No sentido e no som: podem as lettras
O sentido mudar, variando de ordem.
Ora, sendo das coisas os principios
Em numero maior que as lettras, podem

Mais copia de entes produzir do que ellas.
  Agora de Anaxágoras vejamos
A Homeomeria, como os gregos dizem,
Tão vasta idea n'uma só palavra,
Porém que á nossa lingua usar não deixa
A deficiencia do romance patrio.
Comtudo em narração expor não custa
A Homeomeria, que este genio entende
A origem ser das existencias todas.
Cada osso consta de mui tenues ossos,
Cada entranha de minimas entranhas;
Provêm o sangue de sanguineas gotas
Que em larga copia unidas se conservam:
O oiro composto crê de atomos de oiro,
De terra com porções crescida a terra,
A agua formada com fragmentos de agua,
O fogo, com moleculas de fogo,
E applica a tudo o mais esta doutrina.
  Mas elle em parte alguma á natureza
Concede vacuo, e á divisão dos corpos
Nenhum limite põe: nos pontos ambos
Penso que errou emparelhado aos outros
Cujas doutrinas refutadas deixo.
  De mais attende que dos corpos julga
Nimio caducos os principios, se estes
De principios ao nome o jus merecem,
Iguaes em natureza sendo aos corpos,
Da fraqueza com elles partilhando,
Como elles sendo á destruição sujeitos
Sem que haja força que os isente della.

Qual pois será o que em violento assalto
Resistencia efficaz á morte opponha
Quando nas garras estiver da morte?
Qual d'elles há de ser? O fogo? As aguas?
Serão os ares? É o sangue? Os ossos?
Entendo que nenhum: todos, eivados
De mortal condição, iguaes hombreiam
Manifestada a nós que sempre os vemos
C'os proprios olhos perecer, sumir-se.
Mas nem ao nada as coisas se reduzem,
Nem dar-lhes existencia pode o nada:
Ambos os pontos demonstrados ficam.
  De alimentos se nutre o corpo e cresce:
D'aqui se segue que de estranhas partes
Sangue, ossos, veas, nervos são compostos.
Dizendo-se porém que os elementos
Um mixto são contendo ossos e sangue
Veas e nervos em pequeno ponto;
Repare-se que então força é dizer-se
Que os elementos solidos e fluidos
Constam de partes entre si diversas
Quaes as veas, o sangue, os nervos e ossos.
  Se os corpos que nascer da terra vemos
N'ella se encerram em pequeno ponto,
Precisamente consta então a terra
Das diversas porções que d'ella nascem.
Applica a tudo o mais esta doutrina:
Se o fogo, o fumo, a cinza está na lenha,
De diversas porções a lenha consta.
  D'aqui são fracos de escapar os meios,

Mas d'elles Anaxágoras se vale.
Sustenta que nos corpos há occultos
Corpos immensos em pequeno ponto;
Mas que só d'elles, posto serem muitos,
Mostram-se â vista os que mais fora se acham.
A illustrada razão tudo isto nega.
Cumpria n'essa hypothese que o trigo,
No pó a que o reduz da mó o esforço,
A presença do sangue nos mostrasse,
Ou das outras fracções que em nós se nutrem;
Que viesse sangue dos quebrados seixos;
Que por igual razão da herva se visse
Leite sahir tão puro e tão gostoso
Como o que os ubres das ovelhas turge;
Que se encontrasse nos torrões desfeitos
Dos legumes, das arvores, das plantas
Os tenues liniamentos escondidos
Dentro das fibras intimas da terra;
Que dos quebrados troncos se extrahisse
O fumo, a cinza, o fogo alli occultos.
Mas nada d'isto os factos manifestam:
Entenda-se por tanto que nos corpos
Não há minimos corpos que os ígualem;
Mas elementos sim alli se escondem
Communs aos corpos todos, que diversos
Estes d'aquelles são, segundo n'elles
Os varios elementos se combinam.
  Mas nas grandes montanhas tu allegas
Que arvores altas de visinhos topes
Com tanta força mutuo se fustigam

Por impetuosos ventos agitadas,
Que por fim pegam fogo, e labaredas
Com turbilhões de fumo aos ares jogam.
É verdade: com tudo não reside
Na substancia das arvores o fogo;
Mas larga copia de parcellas igneas
O attrito d'essas arvores ajunta,
E nos bosques assim se gera o incendio.
Se de flammas tão grande quantidade
Estivesse nas arvores latente,
Nem um instante assim se conservara,
Logo as florestas arderiam todas,
Todos seriam cinzas os arbustos.
  Por ventura não vês, como antes disse,
Que muito importa ponderar quaes sejam
Dos elementos a mistão distincta,
A relativa posição que tomam,
O movimento que entre si se imprimem?
Que, variando nas arvores um pouco
As suas relações, o fogo geram,
Como os latinos termos, *ignes*, *ligna*,
Variando um pouco as lettras de que constam,
Sons, um do outro distincto, então produzem?
  Se agora, que das coisas tens patente
O extenso quadro, a recorrer te animas,
Para lhes explicar a naturoza,
A serem ellas taes como se julgam
Os elementos de que são compostas,
Taes elementos arruinados ficam.
Por essa regra os elementos podem

Disparar estrondosas gargalhadas,
Verter dos olhos lagrimas a burdos.
  Agora claras ouve e reconhece
Verdades que por fim vou descobrir-te.
No quanto obscuras são me não illudo;
Mas pelo coração me entra pungente
Alta esperança de ineffavel gloria,
Que simultaneamente a 'alma me immerge
No delicioso amor das castas Musas;
E, animado por elle, ardente rompo
Nos invios campos, que o Permesso lava,
E nunca antes de mim trilhados foram.
Ir me apraz a beber em fontes virgens,
Colher me apraz desconhecidas flores,
E c'roa insigne entretecer com ellas,
Que me circunde a frente assoberbada,
Qual nunca as Musas a ninguem urdissem:
Primeiro, porque ensino altas verdades,
E as rigidas prisões quebrar intento
Com que a superstição soppeava os homens;
Depois, porque, adornando o arido assumpto
Co'a graça das Camenas, eu publico
De abjecto escuro luminosos versos.
Qual medico sagaz, que amargo absintho
Propina ás crianças quando o exige a doença,
Dá do mel doce c'o licor doirado
Pelo redondo marginal do copo,
A fim que ellas improvidas se illudam
Pela doçura que parou nos labios
Em quanto sem suspeita o absintho engolem,

A agradavel traição devendo a vida:
Tal eu, que tendo de explicar assumptos,
Que asperos crê o ignaro a quem são novos,
E dão fastio ao vulgo, expor-te quero
O meu systema em metro sonoroso,
Das Musas immortaes banhado em néctar,
Para que a attenção tua assim eu possa
Nos meus versos fixar, que te revelam
As leis que impoz a tudo a natureza
Em tudo bella, majestosa em tudo.
  Disse eu que da materia os elementos
No vacuo solidissimos se movem
Por toda a eternidade, invictos sempre:
Agora pois examinar nos cumpre
Se tem fim ou não tem a somma d'elles;
E se o vacuo, que havemos demonstrado,
Esse espaço ou logar, estadio eterno
Onde sem pausa os atomos manobram,
Tem limites cabaes que o circunscrevam,
Ou se é immenso nos sentidos todos.
  No universo limites não notamos;
Logo infinito é pois todo universo.
Limites não se dão sem que se note
Quem, d'elles fora, mas contiguo co'elles,
Passe ávante, e elles não, que alli terminam.
Com o universo, que de tudo consta,
Nada mais se apresenta compativel;
Logo, não pode ter nem fim, nem metas,
Nem região pode haver que se lhe ajunte.
Colloca-te n'um ponto que escolheres;

Hás de ver d'elle, nos sentidos todos,
O universo mostrar-se-te infinito.
Demais, se limitado o espaço cremos,
Alguem nas margens d'elle se supponha,
E, disparada com valente impulso,
Rapida seta para longe atire.
Que pensas d'ella ? Seguirá seu rumo,
Ou vês quem possa suspender-lhe os vôos ?
Força é que escolhas um d'estes dois factos:
Toda a evasiva qualquer d'elles te obsta;
A confessar te obriga inevitavel
Que metas não existem no universo.
Ou ache a seta estorvo que lhe embargue
A área correr em proporção do impulso,
Ou, despedida, livremente voe,
Do universo aos limites não alcança.
D'este modo te aperto, e onde supponhas
Estarem esses ultimos limites,
Perguntar-te-hei o que succede á seta ?
Succederá que nunca n'elles tope;
Sempre espaço ou materia tem presente.
Se dentro de regiões determinadas
Inclusa se acha do universo a molle,
Então é limitado: ao proprio peso
Cedendo da materia as grandes massas,
O mais baixo logar occupariam,
E tambem, sob a cupula celeste,
Ente nenhum formar-se poderia.
Não haveria sol, nem ceo, nem astros:
Jazeria em montões toda a materia,

Jazendo assim de toda a eternidade.
Mas dos corpos agora os elementos
Nenhuma pausa tem, porque lhes falta
Esse baixo logar onde, cahindo,
Podessem quedos repoisar sem uso:
Sempre, em moto continuo, em toda a parte,
Reproduzidos entes se organisam,
E subsidios lhes dão, quaes sempre deram,
Os elementos eternaes dos corpos.
  Ante os olhos por fim temos presente
Que as coisas n'outras coisas se terminam:
Nos montes o ar acaba, no ar os montes,
Nas terras finda o mar, no mar as terras;
Mas não há nada em que o universo acabe.
Do espaço a natureza tal se mostra
Que um grande rio em curso accelerado
Por toda a eternidade, e sempre o mesmo,
Nunca podera aos terminos chegar-lhe:
Não obtivera mais correndo ou quedo.
Está patente nos sentidos todos,
Isento de limites, o universo.
  A natureza quiz que elle não possa
Em qualquer direcção circunscrever-se;
Com a materia o vacuo se limita,
Com o vacuo a materia; e assim composto
O universo demonstra-se infinito.
Se ambos elles um no outro não tem metas,
Tendo-as só a materia e não o vacuo
Que interminavel d'esse modo fica,
Nem a abalada vastidão dos mares,

Nem a globosa maquina da terra,
Nem dos ceos a luzente architectura,
Nem a grandeza da progenie humana,
Nem os corpos santissimos dos deuses,
Poderiam durar um só instante.
Da materia as moleculas dispersas,
Por não terem cohesão, se levariam
Pelo infinito vacuo, ás tontas sempre;
Ou, possivel, melhor, nunca lhes fora
Coisa alguma formar, por não poderem,
Assim dispersas, de cohesão munir-se.
  De certo, da materia os elementos
Por sagaz concepção, calculo eximio,
Na ordem que lhes notamos não entraram;
Nem concertaram entre si ajustes
De como haviam mutuo compellir-se:
Mas movidos de toda a eternidade
No espaço immenso, por variado modo,
Com impulsões recriprocas chocados,
Tendo seguido os movimentos todos,
Todas as connexões tomado havendo,
Ás relações actuaes por fim chegaram,
Nas quaes cifrado se acha o nosso mundo.
Mantendo-as pois por seculos immensos
Em conveniente acção, tem conseguido
Que dos rios as aguas abundosas
Do avido mar as perdas recuperem;
Que a terra, pelo sol fertilisada,
De suas producções renove a pompa;
Que a flor da mocidade resplandeça

Em quantos gosam do frescor da vida;
E que sempre na abobada celeste
Se alimentem os astros fulgurantes.
De nenhum modo assim succederia
Se da materia álerta immensa copia
Não estivesse reparando sempre
Perdas que a cada passo os entes soffrem.
Como os viventes, se o comer lhes falta,
Vão definhando, e em fim traga-os a morte;
Assim tem de morrer este universo,
Logo que, transtornada em seu caminho,
Mais não possa a materia reparal-o.
  Nem por effeito de exterior impulso
Este universo conservar podia
A ordem que n'elle confirmada vemos.
Pode esse impulso a miudo repetido
Por certo tempo conservar-lh'a, em quanto
Outro não chega aos atomos ligado
Que em successão mantém continua o mundo:
Mas para traz, depois do choque, saltam,
E espaço e tempo sufficienies deixam
A fim de que as porções agglomeradas
Possam do enlace desprender-se livres,
E de modos sem conto dispersar-se.
É força pois que a successão se admitta
Nos elementos da materia, vendo
Que esse impulso exterior tambem demonstra
Que são taes elementos infinitos.
  Sê firme em não acreditar, oh Memmio,
Que tudo tende, como alguns ensinam,

Para um centro, sobre elle gravitando;
Que assim do mundo a maquina persiste
Sem haver precisão de impulso externo;
Que não ha risco de fatal transtorno
Nas extremas regiões, tanto as de cima,
Como as que em baixo oppostas as defrontam,
Que ao centro todas em commum se ligam.
Ter por verdade tu podes acaso
Que um corpo baste para em si suster-se;
Que os corpos que de nós por baixo ficam
Seu peso para cima desenvolvem
E que em reverso a nós ao chão se prendem,
Como encaramos as imagens nossas
Que nos debucham as tranquillas aguas?
Com argumentos taes mostrar pretendem
Que os viventes caminham lá por baixo
Sem despenhar-se da mansão terreste
Para as regiões do ceo por baixo postas,
Como nós cá em cima não voamos
De proprio moto a visitar os astros:
Que elles o sol contemplam quando á noite
Vemos no ceo as lucidas estrellas:
Que como a nós as estações os guiam,
Que tem, como nós temos, dia e noite.
  Mas erro tão sem base armou tudo isto
Para cahirem n'elle os nescios que ousam
De principios partir de todo falsos.
Não é possivel admittir um centro
Em vacuo que julguemos infinito:
Nem mesmo, a haver um centro, elle podera,

Mais facilmente que outro ponto ou outro,
A si qualquer dos corpos ter sujeitos.
O espaço todo, a que chamamos vacuo,
No meio ou não no meio cede o campo
Aos corpos graves, venham d'onde venham.
Não há logar a que chegasse um corpo,
Que, despindo-se ali do proprio peso,
Podesse então permanecer no vacuo.
Nem o vacuo podera obstar o ingresso
A qualquer corpo que quizesse entral-o;
D'est'arte o tem disposto a natureza:
Nem por estas razões as coisas podem,
Apaixonadas pelo amor do centro,
Em laço estavel conservar-se unidas.
  Além d'isso não são os corpos todos
Que, em taes doutrinas, para o centro tendem:
Esta tendencia é só da terra, e da agua;
Como os fluidos que agita o vasto Oceano,
E os que dos altos montes se despenham;
Como as duras porções que a terra integram.
N'essas doutrinas demonstrar se busca
Que as tenues auras do ar, que o leve fogo
Instam continuo em se afastar do centro;
Que pelo firmamento os astros brilham,
E o sol no azul dos ceos de luz se nutre
Por n'elles ir accumular-se o fogo
Que para isso do centro está fugindo;
Que dão assim aos animaes terrestes
Alimento gradual da terra os succos,
Sem os quaes igualmente se não vira

Nas arvores a pompa da verdura;
Que tudo emfim os ceos em roda abrangem,
Verdadeiras muralhas do universo,
Para o poder centrifugo das chammas
N'algum repente não romper passagem
Para fora dos terminos do mundo,
Outras porções apoz de si levando;
Que, dado isso, do ceo muros e raios
Lá do alto sobre nós desabariam,
De sob os pes se nos abrira a terra,
E os cadaveres nossos dissolvidos,
Com as ruinas do ceo e terra envoltos,
Se abysmariam no profundo vacuo;
Que, dada esta catastrophe tremenda,
Do que existiu mais nada restaria
Que os primitivos atomos sem uso,
E o vacuo fora universal deserto.
  Se, aproveitando meu engenho humilde,
Bem te penetras das razões que exponho,
Visto que um pensamento outro esclarece,
Não mais a escuridão de espessa noite
Há de roubar-te a estrada onde consigas
Em todo o arcano entrar da natureza:
As coisas uma vez bem conhecidas
Dão luz para outras conhecidas serem.

NOTAS

DO

CANTO I.

Mimosa Venus, mãi da eneide Roma,
Prazer de homens e numes: tu alentas
Os astros.......................
v. 1.

Muito se tem discorrido sobre esta invocação de Lucrecio. Bayle tem-na como um simples jogo de espirito, e ajunta que, costumando todos os poetas invocar a divindade que preside ao genero de poesia que tratam, devia Lucrecio invocar Venus como a divinda-

de dos poetas physicos. Legendre pensa que Lucrecio é o proprio que explica a sua invocação por estes dois versos (332, e 333) d'este mesmo canto :

Uns de outros forma a natureza os entes ;
De uns a morte origina a vida de outros.

Venus era a deusa da geração, Marte o deus da destruição. Tudo se torna claro, continua Legendre, em vista da seguinte explicação de Plutarco *(De Isid. et Osir.)* : — « conta-se que a harmonia dos entes origina-« se de Venus e de Marte ; este, cruel e destruidor ; « aquella, terna e fecunda. » — Em geral cumpre distinguir em Lucrecio dois caracteres, o de poeta e o de philosopho. Assim como os philosophos antigos tinham duas doutrinas ; uma publica, externa, exoterica que elles expunham ao povo ; outra secreta, interna, esoterica que reservavam para os seus particulares discipulos ; tambem Lucrecio, como poeta, parece ás vezes adoptar as ideas theologicas de seu tempo, ao passo que, como philosopho epicurista, arma-se contra ellas, e combate-as com toda a sua força. Sem esta distincção, muitas passagens do seu poema vem a ser absolutamente inintelligiveis. Por exemplo, como philosopho, mostra-se elle em todo o poema um inimigo declarado da Providencia ; e como poeta, parece reconhecel-a no 5.° canto por estes versos :

Tanto é verdade que um poder occulto
Das concepções humanas zomba, e calca
Honrosos fasces, horridas segures,
Tendo isso tudo em conta de ludibrio.

Em uma palavra, Lucrecio só evidentemente designa, por Venus e Marte, as faculdades de gerar e de destruir, personificadas pela Mythologia.

Não obstante esta tirada de Legendre, philosophos tem havido com a opinião de que Lucrecio n'esta brilhante invocação apresenta uma homenagem talvez involuntaria á divindade. Legendre diz que elles não merecem ser n'isto refutados, e não se lembra que elle mesmo offerece mais acima, para provar que Lucrecio *parece reconhecer* a Providencia, a passagem do 5.° canto, que copiada fica. Eu sou da opinião d'aquelles philosophos; e desembaraço-me a dizer que foi Lucrecio que, pela unica luz da razão, e pelo gráo de perfeição com que as suas faculdades intellectuaes sabiam aproveital-a, poude, o primeiro, chegar a estabelecer, sem dar-lhe todo o devido peso, o dogma da Providencia, de um Deus unico e omnipotente, quasi como o considera a philosophia do Christianismo guiada pela Revelação; e igualmente, posto que com mais obscuridade, o dogma da alma humana immortal nos versos seguintes d'este 1.° canto.

E' um problema a natureza da alma:
Se nasce com o corpo não se atina,
Ou se, existente de antes, se lhe influe
Em seu natal momento: igual se ignora
Se morre co'elle, e em atomos reduz-se,
Se vai ver do orco vasto os lagos negros,
Ou se, pelo querer do grande nume,
Em corpos de animaes de novo vive,
. . . .

Não pode deixar de ver-se que Lucrecio atira-se com todas as suas forças á religião das fabulas, a unica que levava as crensas geraes, e arruinou-a em todos os seus fundamentos, provando que das entidades d'ella nada provinha. Depois d'ella arrazada, perguntou naturalmente a si mesmo, — porém quem fez isto, e quem sou eu? Isto, em que phenomenos maravilhosos, incalculadamente multiplos e variados, apparecem, regidos por leis da mais perfeita combinação; eu, que em grandissima parte os posso avaliar, dominar e gosar? — Isto, e eu fez-nos *o poder occulto, o grande nume, que zomba das concepções humanas, gue dirige os destinos da alma*. Diz isto o proprio Lucrecio sem guia alguma de Revelação, entregue aos recursos do seu engenho: quem pois em consciencia lhe chamará atheo? Estou por tanto convencido que o poema de Lucrecio preparou os animos sensatos para receberem a queda da idolatria, ficando assim aptos para receberem tambem o estabelecimento do Christianismo.

Desfructar por essencia os numes devem
Eterna vida em ocio imperturbavel,
De nós mui longe, e dos successos nossos:
v. 71.

Trata-se aqui dos *intermundios* em que Epicuro tinha affastado os deuses. A razão que Cicero e Seneca dão d'esta separação é o temor de que os deuses fossem

arrastados com as ruinas do mundo quando elle para o futuro fosse destruido. Lagrange porém observa que é justamente para estes intermundios, ou logares que separam os mundos uns dos outros, que se deveriam levar as ruinas d'elles, não estando por isso ali os deuses a coberto da destruição, como se vê da seguinte passagem d'este 1.° canto,

Que tudo emfim os ceos em roda abrangem,
Verdadeiras muralhas do universo,
Para o poder centrifugo das chammas
N'algum repente não romper passagem
Para fora dos terminos do mundo,
Outras porções apoz de si levando;

acreditando Lagrange que todo o intuito do philosopho grego era despojar os deuses do governo do nosso mundo, collocando-os fora da esphera dos successos humanos, o que se mostra pelo verso acima transcripto, que elle julga haver concebido com mais clareza do que antes;

De nós mui longe, e dos successos nossos.

Eu entendo que Epicuro teve, como não podia deixar de ter, os dois fins, tanto o que lhe reconhecem Cicero e Seneca, como o que lhe attribue Lagrange. Se elle quiz negar aos deuses o governo do mundo, córou com grande finura esta idea pela grandeza e majestade dos mesmos deuses, que estavam muito acima, eram de muito superior essencia, para de tal governo se occuparem; grandeza e majestade que deviam ser

a tudo inaccessiveis, e por consequencia a toda a sorte de ruina. Assim os intermundios deviam ser taes que não podessem ser invadidos pelas ruinas do universo, senão somente até á distancia em que por ellas os deuses não fossem lesados.

Ricos de seu, de nós não precisando,
São insensiveis ás virtudes nossas,
Sobre elles o furor não tem imperio.
v. 75.

Houveram philosophos que sustentaram que Deus era susceptivel das paixões de favor e benevolencia; mas negavam todos que elle fosse accessivel á cholera. — *Todos os philosophos pensam o mesmo sobre a ira* (de Deus); *mas discrepam quanto á misericordia;* diz Lactancio. Era um principio geralmente adoptado por todas as seitas antigas, quaesquer que fossem, o seguinte: — «Os deuses, — diz Seneca, Epist. 95 — não po«dem nem fazer, nem receber injuria alguma. São duas «coisas essencialmente ligadas o offender, e o ser offen«dido. A natureza suprema e admiravel dos deuses, «collocando-os acima do perigo, não quiz tambem que «elles o causassem.» — Era d'este dogma geralmente recebido que partiam todos os philosophos para negar as penas da outra vida, como se notará em outra parte. Este principio e esta consequencia embaraçaram muito os primeiros defensores da religião christã; o

que prova que não era elle um principio obscuro de especulação, mas que, pelo contrario, era universalmente recebido e adoptado. Lactancio, para cortar pela raiz esta difficuldade, compoz um discurso que intitulou *sobre a cholera de Deus*. — «Tenho observado — diz «elle — que muitissima gente pensa que Deus não é «capaz de encholerisar-se; surprehendida n'isso pelos «falsos argumentos dos philosophos.» Veja-se Warburton.

Seu genio vencedor saltou mui longe
As muralhas flammivomas do mundo,
E as orlas devassou da immensidade.
v. 90.

O que Lucrecio chama aqui *omne immensum*, em outras passagens appellida *natura rerum*, *summa tota*, *summai totias summa*, á imitação de Epicuro. Cumpre haver cuidado de não confundir todos estes modos de fallar com a palavra *mundo*, cuja significação era muito mais restricta nos principios de philosopho grego. Elle não entendia por esta palavra se não a collecção dos corpos que compõem o nosso systema; como são a terra, o sol, a lua, os planetas, as estrellas, que elle designa ás vezes pela expressão generica de *hæc summa rerum*, isto é, a collecção dos corpos que nos rodeiam. Mas elle acreditava que além do nosso mundo havia ainda uma infinidade de outras collecções ou systemas da mesma natureza, e é a somma de todas estas

collecções que elle comprehende nos termos *universo*, *immensidade*, *grande todo*. Pelo contrario, os philosophos que pensavam, como os pythagoricos, os platonicos, os aristotelicos, que nada mais havia na natureza se não este nosso mundo, confundiam este termo com o de universo. Estes mesmos philosophos deviam ter o nosso mundo como eterno e indestructivel em razão do principio, *ex nihilo nihil, in nihilum nil posse reverti*. Em consequencia d'este mesmo principio, Epicuro attribuia somente a eternidade, a indestructibilidade ao universo, á somma dos atomos, crendo que cada forma ou cada mundo particular nascia e se destruia.

Descreve Ennio, comtudo, em canto eterno
Esse acherusio alçaçar, onde habitam,
Não terreos corpos, e incorporeas almas,
Mas sim varias no theor pallidas sombras;
O phantasma entre as quaes se lhe afigura
Do sempre-floreo Homero..............

v. 160.

Por pouco que se esteja iniciado na philosophia dos antigos, vê-se claramente que, segundo os seus principios, não podiam ser nem os corpos, nem os espiritos, que descessem aos infernos. O corpo consumido pelo fogo ou decomposto pela putrefacção, reduzia-se a seus principios elementares: a alma, segundo uns, morria com o corpo, corrompia-se como elle, e servia

para formar outras almas, como o corpo para formar outros corpos; segundo outros, ella ia juntar-se á alma universal de que tirava a sua origem, depois de ter antecedentemente passado por um certo numero de corpos de animaes mais ou menos consideravel segundo certas leis que agora não examino. Não podia pois ser que habitassem nos infernos nem as almas, nem os corpos. Mas o que entendiam os antigos por esses *simulacros* ligeiros, que não eram nem corpo, nem espirito? Parece-me muito provavel que elles só entendiam por tal expressão a especie de membrana, pellicula delicada que os pythagoricos e platonicos davam por involucro á alma, e a que chamavam *vehiculo*. Se os antigos não tiveram idea alguma da immaterialidade, como o pensam a maior parte dos sabios, parece ao menos que elles acreditaram a alma composta de elementos tão subtís, que de lá á immaterialidade só há um bem pequeno espaço a percorrer. Ora, não concebendo que uma substancia tão delicada e tão tenue podesse immediatamente obrar sobre o corpo, e receber a impressão dos objectos exteriores, recorreram a uma especie de substancia media que fosse uma mistura de corpo e de espirito, ou pelo menos um ponto de contacto commum, a favor do qual a acção e a reacção podesse ter logar entre estas duas substancias, que elles pareciam ter como estranhas uma á outra quanto á natureza de cada uma. Era esta especie de epiderme, metade corpo e metade alma que elles faziam descer aos infernos.

Nada podem tirar do nada os numes.
v. 191.

Nota-se commummente este axioma *ex nihilo nihil* (do nada nada se faz), como um principio universalmente adoptado pelos antigos. Cita-se as autoridades de Aristoteles e de Cicero, que o confirmam positivamente. Por fim Burnel diz que — « as palavras *criação e anniquilação* no sentir de hoje, não passam de ficticias: « nunca occurreu aos hebreos, aos gregos, aos latinos « voz alguma que por si tivesse então essa força. — Repete-se tambem que São Jeronimo tem como synonymos *criar*, *construir*, *formar*. Apezar destas autoridades, Lagrange repugna a persuadir-se que os antigos não tivessem tido a idea da *criação* no mesmo sentido que nós lhe damos. Se não tivessem havido philosophos, continua elle, que sustentassem que alguma coisa pode sahir do nada, por que motivo Lucrecio se veria obrigado a estabelecer o principio contrario em tão grande quantia de provas? Para que era todo este apparato para provar uma coisa, sobre que toda a gente estivesse de accordo? Além disto, o que quer dizer Seneca tratando do problema « se Deus fez a materia, « ou se trabalhou sobre materia preexistente?

E quem a luz renovaria aos astros?
v. 293.

Assim que os homens começaram a occupar-se de Physica, dividiram o mundo em duas partes, o ceo e a terra. Sabidos apenas dos matos onde elles, por assim dizer, andavam de rojo, levantam a cabeça para o firmamento, este rico manto da natureza, e logo se consideram como o centro d'elle. Tanto é verdade que o orgulho da polida sociedade, e o bronco dos tempos barbaros quasi que se tocam. Destes termos de divisão cada qual foi subdividido em outros dois: o globo em terra firme e em mar: o ceo em ar e em região etherea. Como se viu que a terra era habitada por homens, quadrupedes, reptís; as aguas por peixes; os ares por volateis de toda a especie; pensou-se estar no direito de concluir que a região etherea devia ser povoada como o resto, e tinha tambem seus animaes. E como os astros tinham, com os animaes que conhecemos, um ponto de conformidade, a saber; a faculdade de mover-se e de mudar de logar, não se duvidou que não fossem estes os habitantes que a natureza tinha dado ao ceo. Daqui provêm essas figuras de animaes nas quaes são representados os signos do Zodiaco: daqui um novo mundo que a Mythologia encheu com as suas fabulas.

Estes astros que não tardaram em ser adorados como outras tantas divindades, tinham precisão, para vi-

verem, de alimentos analogos á sua natureza. Suppoz-se que elles se alimentavam de particulas igneas que incessantemente sobem do nosso globo para as regiões superiores; e que reciprocamente o calor que nos vem de cima é uma emanação, ou, pelo dizer assim, uma transpiração d'esses corpos de fogo. Era provavelmente deste commercio continuo do ceo com a terra, esta especie de troca tão antiga como o mundo, que tinha dado a Empedocles a primeira idea de seu systema.

Mas se és propenso a desconfiar das provas
Por que invisiveis são os elementos;
Repara que a razão percebe corpos
Onde nem os vislumbra a aguda vista
v. 336.

Ainda que Lucrecio não empregasse uma unica vez no seu poema o termo *atomo*, entra elle todavia n'esta versão, como tem entrado nas outras; 1.° para evitar as periphrases, e porque é palavra corrente nas linguas modernas; porque Epicuro não somente o empregou para designar os principios da materia, mas foi o primeiro que o introduziu na Philosophia Corpuscular. Democrito tinha chamado aos elementos — *cheios* — porque se não misturam com vacuo algum: Metrodoro de Scio os havia chamado — *indivisiveis* —, porque se recusam a qualquer divisão. Mas Epicuro dá o no-

me de *atomos* aos corpusculos que estes philosophos tinham designado pelos nomes de *cheios* e *indivisiveis*.

De materia não se enche o inteiro espaço:
Tambem de vacuo a natureza consta:
v. 409.

O espaço pode ser considerado, ou como isento de corpo, ou como occupado por um corpo, ou como percorrido por um corpo. No primeiro caso chama-se *vacuo;* no segundo, *logar;* no terceiro, *região*. Esta definição, que é necessaria para a intelligencia da famosa questão do *vacuo*, foi-nos dada por Sexto Empirico.

Em geral a questão do vacuo apresenta duas faces. Pergunta-se primeiramente se além do universo há vacuo: em segundo logar pergunta-se se no proprio universo há pequenos intersticios vasios disseminados em todos os corpos. Quanto á primeira questão, ninguem duvida. Os que tinham o universo como um todo limitado, eram obrigados a reconhecer além dos seus limites um espaço inteiramente desoccupado. Aquelles que, pelo contrario, lhe recusavam limites, não podiam admittir um espaço além. Havia só o segundo ponto do vacuo disseminado nos corpos que apresentava difficuldade; mas esta contestação é tão pouco essencial para o verdadeiro systema da natureza, que mesmo entre os atomistas sustentava-se o pró e o contra. Demais, esta disputa, tão antiga como a Philoso-

phia, parece que nunca se poderá resolver: não se deixa sufficientemente segurar pelo espirito; leva-o para uma região de hypotheses, em que a razão, desaccompanhada de factos, não acha ponto algum de apoio; transvia-o nas questões para sempre insoluveis do peso, da elasticidade e do movimento, em que ella sempre o afasta cada vez mais do seu caminho, fazendo-o subir á causa das propriedades, em vez de ater-se aos effeitos. Estão hoje abandonadas estas subtilezas vãs, e por outro lado se procura invadir os dominios da natureza. Não mais se duvida que o philosopho pode ir, por entre o *cheio*, e o *vasio*, até ás maiores descobertas, e alargar os limites do espirito humano, sem havel-o antes mortificado com estas inuteis especulações.

De dois principios consta a natureza
Existentes por si, materia e vacuo.
v. 514.

Tem-se inferido d'esta passagem de Lucrecio, que na mesma linha colloca a materia e o vacuo, que elle os considera um e outro como dois principios reaes, concorrendo igualmente para a formação e para a manutenção do grande todo. Pensando que não é assim, Lagrange diz que Plutarco e outros antigos tinham já feito a mesma censura a Epicuro, suppondo-o plagiario de Leucippo, Democrito e Metrodoro de Scio, que

tinham tambem feito intervir na formação do universo o vacuo como um agente activo e positivo. Quando assim fosse (o que Gassendi nega), ter-se-hia direito de imputar a mesma opinião a Epicuro, elle; que se havia afastado em muitos pontos essenciaes da doutrina de seus predecessores; que despojou os atomos da sensibilidade que lhes attribuia Democrito; que lhes apoiou a solidez em base inteiramente diversa da que lhes dava Leucippo; e que se ufanava de não seguir outro mestre, senão o seu genio? Pode-se conceber que Epicuro, o inimigo declarado dos entes abstractos, que tinha tirado ao tempo a sua realidade, que tinha banido da Philosophia os numeros de Pythagoras, as ideas de Platão e as formas de Aristoteles, tivesse realisado o vacuo até fazer d'elle um dos principios do universo?

Não obstante todas estas reflexões, Lucrecio aqui falla mui claramente, e não pode negar-se que elle admitte materia e vacuo como os dois principios constitutivos da natureza.

Tão pouco de per si o tempo existe:
Ligado ás coisas o concebe a mente...
v. 566

Este ente metaphysico, que é, por assim dizer, para as modificações da materia o que o espaço é para a materia em si; esta linha ideal que a fraqueza de

nossa imaginação suppõe parallela aos acontecimentos; este ente sem consistencia e sem realidade em que se abysma o espirito humano avido do que não concebe; este phantasma, em uma palavra, que não sendo nada por si mesmo, vem a ser, pelas diversas maneiras de o considerar, ou a eternidade, ou um instante fugitivo, o *tempo*, foi a primeira divindade da Theologia pagã, em razão do caracter de *infinidade* que lhe parece inherente. Saturno, o Ceo e o Tempo eram o unico e o mesmo deus, um velho terrivel debaixo de cuja foice cahiam a aguia e a mosca, os palacios e as cabanas. A Philosophia antiga, que tirou mais do que se pensa da Theologia, tinha tomado n'estas fabulas as noções do tempo. Platão considera-o como uma imagem da eternidade, criada no mesmo instante que o Ceo; segundo outros, é a esphera, o Ceo mesmo. O tempo foi pois realisado. Deu-se-lhe um corpo e partes que eram o passado, o presente e o futuro. É tido como um ente distincto, mas dependente do mundo, que tinha sido criado ao mesmo tempo que elle, e que com elle acabaria. E do mesmo modo que certos philosophos pretendiam que Deus, para criar um novo mundo, seria obrigado a criar um novo espaço, sustentou-se tambem que depois da destruição do universo um novo tempo seria reproduzido para presidir ao novo mundo que substituiria o primeiro. É contra esta opinião extravagante que se arma aqui Lucrecio, persuadido que o espaço e o tempo, (diz ainda Lagrange), estes dois infinitos imaginarios, tem sido para os homens a origem dos maiores erros.

Todavia, não me parece que Lucrecio ponha na mesma linha o tempo e o espaço. Que elle colloca na

mesma linha a materia e o espaço ou o vacuo, demonstra-o a passagem que deixo citada

De dois principios consta a natureza
Existentes por si, materia e vacuo.

O tempo, dil-o elle expressamente, como acima se vê, *não existe de per si*, não passa de uma linha ideal parallela aos acontecimentos.

Nenhum impulso desfazel-os pode,
Penetral-os tambem nenhum consegue,
Por nenhum modo se lhes causam damnos.
v. 655.

Não somente atomos perfeitamente solidos, — diz Lagrange — , taes como os suppõe Epicuro, não poderiam ser divididos, nem quebrados, nem decompostos, nem simplesmente machucados, mas não poderiam tambem comprimir-se e restituir-se. É um principio de Physica que a elasticidade não existe nem nos corpos perfeitamente solidos, nem nos corpos perfeitamente molles. Epicuro não poderia explicar a communicação do movimento, pois que é impossivel que o movimento se propague de um corpo a outro, sem passar pelos atomos elementares. Não sei como este philosopho teria sahido d'esta objecção que me parece insoluvel. De mais, os que sustentavam que a ma-

teria é divisivel ao infinito, não explicavam melhor a communicação do movimento, pois que eram obrigados a fazer passar a impulsão dada por um numero de moleculas infinito não somente *virtualiter*, como se diz nas escolas, mas tambem *actualiter*.

D'estas doutrinas o fautor primeiro
Foi Heraclito : celebre o julgaram
Por seu fallar obscuro os fatuos gregos,
Mas não os serios que a verdade buscam.
v. 805.

Heraclito, discipulo de Hyppase, que ensinava então a Philosophia de Pythagoras despojada de seus veos, principiou a sua carreira pelo exercicio da primeira magistratura de Épheso, sua patria. Mas a maldade dos homens o desgostou de os governar. Recusou elle, por mais fortes razões, os convites de Dario que o chamava á sua corte, bem afastado de querer servir, elle que desdenhava governar. Preferiu habitar a furna de um rochedo, e viver de legumes ; genero de vida a que elle não poude ser arrancado senão por um ataque de hydropisia que o trouxe á sua patria, onde morreu de idade de sessenta annos, depois de ter inutilmente tentado curar-se fazendo cobrir-se de estrume em uma esterbaria. Censuram-no por ter chorado sobre os males que os vicios causam aos homens. De certo, fora mais do gosto da nossa nação (a França)

tomar a coisa ao ridiculo. A linguagem obscura de que usava em suas obras, e que lhe reprehende aqui Lucrecio, lhe fez dar o sobrenome de *tenebroso*. O axioma fundamental da sua Physica era que o fogo é o principio de tudo; principio das almas que não passam de particulas igneas; principio dos corpos cujos elementos são moleculas de fogo simples, eternas, inalteraveis e indivisiveis. Estes atomos igneos formam o ar, condensando-se; um ar mais denso produz a agua; de uma agua mais compacta resulta a terra. Não sendo a alma outra coisa senão fogo, Heraclito conclue que o cumulo das desgraças é de afogar-se, porque, então a alma apagando-se na agua, morre-se de todo. Eis aqui provavelmente porque em Homero, Achilles, este heroe que affrontava a morte em terra, tremia d'ella combatendo no mar. O *o terque quaterque beati* de Eneas em Virgilio parece ter a mesma causa.

Este erro nem na christandade foi ignorado. Synesio, bispo de Ptolemaide no 4.° seculo, conta sinceramente o terror de que foi penetrado naufragando nas costas da Lybia; terror, dizia elle, essencialmente causado pelas vivas impressões que tinha recebido em sua mocidade de que morriam por inteiro os que se afogavam na agua.

Heraclito teve alguns discipulos. Platão, moço ainda, estudou com elle a Philosophia. Diz-se que Hippocrates e Zeno fundamentaram os seus systemas sobre o d'elle. Com effeito, o systema de Heraclito era o dos estoicos. — *Vossos estoicos* — diz Cicero, De Fin, l. II — *que referem tudo a um espirito igneo, seguem a doutrina de Heraclito*. — Eis aqui provavelmente porque

Lucrecio trata tão mal este philosopho. Acha-se ainda uma grande conformidade entre os principios de Heraclito e os dos antigos persas, que, segundo as doutrinas de Zoroastro, consideravam de tal modo o fogo como a origem de todos os seres, que d'elle fizeram uma divindade chamada *Oromazes*, dando o nome de *Arimane* ás trevas que lhe são oppostas.

O que dos corpos tem julgado o fogo
Ser o principio, e que de fogo pode
Formada ser a maquina do mundo, etc.
v. 896.

Quasi todos os antigos philosophos reconheciam os elementos vulgares como principios do grande-todo; mas haviam coisas em que não estavam de accordo. Uns só tomavam um dos elementos, cuja condensação e rarefação formavam os tres outros, e a combinação o universo inteiro. Assim Heraclito, como acabamos de ver, dava á natureza por base o fogo; Anaximenes, o ar; Thales, a agua; Pherecydes, a terra. Outros queriam dois somente, pela condensação e rarefacção dos quaes, pretendiam explicar a formação do mundo. Assim Xenophanes misturava a terra com a agua; Parmenides, o fogo com a terra; Enopides de Scio, o fogo com o ar; Hippon de Rhege, o fogo com a agua. Poucos haviam que fizessem entrevir tres d'estes elementos na composição do universo. Cita-se unicamen-

te Onomacrito, que admitte por principios o fogo, a agua e a terra combinados juntamente. Os outros, á testa dos quaes está Empedocles, só reconheciam os elementos vulgares. Todavia, posto que este philosopho admittisse os quatro elementos, pretendia que elles eram compostos de atomos ou de corpusculos, como se prova pelas passagens de Stobeo e de Plutarco.

Agora de Anaxagoras vejamos
A Homeomeria, como os gregos dizem,
Tão vasta idea n'uma só palavra.
v. 1062.

Anaxagoras, nascido em Clazomeno de uma familia rica e nobre, foi discipulo de Anaximenes. A paixão do estudo extingue commummente o desejo de amontuar cabedaes. Levou ella mais longe a Anaxagoras; fel-o deixar todos os seus bens a seus parentes para entregar-se sem estorvos á contemplação da natureza. Teve por discipulos dois homens celebres em generos differentes, Pericles e Euripedes, aos quaes tambem se juntou Socrates. Anaxagoras foi o primeiro que aventurou a idea brilhante e fecunda de uma lua habitada. Não raciocinava elle com tanta exactidão a respeito do sol, que elle considerava como uma massa de fogo do tamanho do Peloponeso. Era uma grande vista em Anaxagoras ter sentido que todos os corpos deviam ser formados de principios heterogeneos; mas

por suas Homeomerias tinha elle tirado a esta idea uma parte de sua extensão. Tambem elle, segundo diz Aristoteles, foi o primeiro que admittiu uma intelligencia a presidir ao arranjo do universo; mas reconhecia materia preexistente para a qual esta intelligencia não havia concorrido. É notavel que o primeiro homem qûe fez entrar a divindade no systema do universo, se mettesse a advinhar, se com effeito são verdadeiras as historias que d'elle se contam, entre outras, o predizer a queda de uma certa pedra. Mas o que é mais notavel ainda, é que este mesmo philosopho, a que tinham valido o sobrenome de — *intelligencia* — as suas ideas theologicas, fosse accusado de atheismo em Athenas; e o que difficilmente se acreditará, é que tendo sido accusado de atheismo em vida, erigiram-lhe altares depois da morte. É o primeiro philosopho que publicou livros.

Mas nas grandes montanhas tu allegas
Que arvores altas de visinhos topes
Com tanta força mutuo se fustigam
Por impetuosos ventos agitadas,
Que por fim pegam fogo.......
v. 1147,

É mui singular que Gassendi, citando esta passagem de Lucrecio, não faça reflexão alguma que a combata ou a confirme. Bernier, seu discipulo, conta fa-

ctos que parecem apoial-a. — «É ainda por esta mes-«ma razão, — diz elle — que as cordas das maquinas «artificiaes que se fazem mover com muita força, es-«tão sugeitas a incendiar-se; que um certo páo das «Indias pega fogo á polvora, quando é por muito tem-«po e fortemente mexido com ella em um mesmo «buraco.»

Não obstante a inducção que Bernier parece tirar d'estes factos, ninguem há que não convenha que o vento, aliás mui proprio para propagar um incendio, não pode produzil-o, nem pegar fogo a arvores. É mui provavel que em certas estações do anno, e principalmenie na Italia, os grandes ventos, sendo muitissimas vezes acompanhados de raios, ter-se-há attribuido á primeira d'estas causas o que era effeito da segunda. Era mais maravilhoso fazer nascer o incendio da arvore mesmo, do que do fogo elementar do raio. As arvores inflammavam-se de per si; depois fizeram-nas fallar, e tornaram-nas em oraculos e em deuses.

Disse eu que da materia os elementos
No vacuo solidissimos se movem
Por toda a eternidade, invictos sempre:
Agora pois examinar nos cumpre
Se tem fim ou não tem a somma d'elles;
E se o vacuo, etc.

v. 1221.

Eis aqui ainda uma das questões metaphysicas a que a Philosophia antiga se entregava com tanto mais prazer quanto ella está menos ao alcance da razão. Tem ella duas faces que Lucrecio distingue cuidadosamente, o infinito do *espaço* e o infinito da *materia*. A primeira questão quase que não tinha difficuldades. Quase todos os philosophos admittiam um espaço infinito, sentimento não somente dos pagãos mas tambem dos doutores christãos. — «Concebam, — diz Santo «Agostinho — além do mundo espaços infinitos, nos «quaes se alguem diz que o Todo Poderoso não pou«de criar, não se seguirá d'ahi, etc. — E em outra parte — «Ousarão elles affirmar que a substancia di«vina, que elles confessam ser toda inteira incorporea «por sua presença, está ausente d'estes grandes es«paços que estão além do mundo, que não passa de «um ponto em comparação d'esta infinidade.» — Todavia houveram theologos de mais agudezas que, dando realidade ao espaço, concebendo-o como um corpo extenso em comprimento, largura e profundidade, temeram fazer d'elle um deus, se reconhecessem a sua infinidade; o que os levou a crer que Deus não podia criar outros corpos além do mundo, sem ser obrigado á criar, ao mesmo tempo, outro espaço para recebel-os. — Quanto á infinidade da materia, é notavel que os philosophos antigos, que, segundo se pretende, tiveram todos a materia como eterna, não se atreviam todos a crel-a infinita, o que é de certo uma inconsequencia. Mas entre os doutores christãos, que rejeitavam a eternidade da materia, e que a sujeitavam á criação, houveram alguns que asseguravam que Deus podia criar uma materia, não somente infinita em

grandeza, mas tambem em numero. Só excluem a infinidade que chamam *de essencia*, que, não sendo outra coisa do que a essencia divina, não pode mais ser criada do que Deus mesmo.



ARGUMENTO

DO

CANTO II.

1.º Pomposo elogio á Philosophia, a cujo estudo o poeta convida Memmio. — 2.º Trata das qualidades dos atomos, e em particular do seu movimento. — 3.º Mudanças continuas por que passam todos os corpos, as quaes não nos permittem suppor a materia immovel. — 4.º O movimento é essencial aos atomos, porque não há centro onde elles possam em tempo algum parar. — 5.º Este movimento é da maior velocidade, porque tendo por theatro o vacuo, nenhum obstaculo o prende. — 6.º A direcção d'esse movimento é de cima para baixo; e se vemos corpos elevar-se como a flamma, é isto um estado forçado contrario á sua natureza. — 7.º A queda dos atomos não é rigorosamente perpendicular: parallelos entre si, nunca se poderiam unir em massa: sujeitos a uma direcção necessaria não teriam podido nunca formar almas livres: cumpre pois que se afastem um pouco (mas o menos possivel) da direcção perpendicular. — 8.º Os atomos sempre tiveram e sempre terão taes movimentos, cuja quantidade é sempre a mesma na natureza. — 9.º Os sentidos não podem perceber o atomo, nem distinguir-lhe os movimentos: é somente a razão que nol-os faz descobrir; e é ella ainda que nos esclarece sobre a figura dos mesmos atomos; que nos indica que os corpos de que estamos cercados não poderiam obrar em nossos sentidos de tantos modos diversos, se os seus atomos não tivessem diversas figuras. — 10.º Ainda que haja uma multidão

infinita de atomos em cada classe de figuras, o numero d'estas classes é limitado: não poderia ser infinito sem que o atomo fosse immenso, e progressivas ao infinito as qualidades sensiveis dos corpos — 11.º O numero pouco consideravel de figuras, combinado diversamente em todos os corpos, basta para estabelecer entre elles a variedade que lhes notamos. A solidez, a indivisibilidade, a eternidade, o movimento e a figura são as qualidades unicas que convém a corpos simples como os atomos. As que se referem á vista, ao ouvido, ao gosto, ao olfato não são mais que o resultado de uma associação: attribuil-as aos atomos, é dar á natureza uma base nimiamente fragil — 12.º Os atomos não são sensiveis: á situação d'elles, e a seus movimentos respectivos é devida a sensibilidade de que elles gosam em certas combinações. Em consequencia do pequeno numero de qualidades assignado aos atomos, tem elles produzido não somente o nosso mundo, mas ainda uma infinidade de outros. — 13.º O poder da natureza é illimitado: tendo ella ás suas ordens um numero infinito de atomos, o que faz aqui para nós, faz para outros em outras regiões do espaço; e nosso mundo não passa de um individuo particular de uma classe numerosa, um grande animal sujeito, como os outros, ao nascimento, ao crescimento, á declinação e á morte.

A NATUREZA DAS COISAS.

CANTO II.

Melhor da praia é ver, salvo do p'rigo,
Rudos affans dos descorados lenhos
No vasto mar, que os aquilos perturbam;
Melhor é attentar, tambem de longe,
Entre exercitos dois campal certame:
Não que no alheio mal prazer se encontre;
Mas é de alto consolo o ver-se livre
Das afflicções, que o proximo flagellam.
Porém nada é melhor que em paz tranquilla,
Do forte alcaçar da sapiencia pura,

Os gyros todos contemplar dos homens,
Que as veredas da vida errados buscam:
Este quer pelo ingenho erguer-se aos astros;
Outro, demente pertinaz, se ufana
C'os foros vãos da rancida nobreza;
Esse, incansavel, insta dia e noite
Em se engolphar na maxima opulencia,
Ou fero alçar-se ao cumulo das honras!
Oh triste peito humano! Oh mentes cegas!
Em que escuros tufões, em que arduos p'rigos
Da vida expondes o tão curto praso!
Claro acaso não é que a natureza
Mais nada exige que isenção de dores,
A paz na mente, e o coração sem sustos?
Não muitas são as precisões do corpo:
De dores se eximir custa barato,
E de mil gosos disfructar a posse:
Nada requer mais que isto a natureza.
Se estatuas juvenis, fundidas de oiro,
Por cadeias não tem da mão pendentes
Igniferos lampiões, que em teu palacio
Nobres ostentem os festins nocturnos,
Sem baixelas de prata, e moveis de oiro;
Se não reboam consonantes lyras
Pelo amplo das abobadas doiradas:
Com tudo, reclinado em molle relva,
Junto ao rio, das arvores á sombra
Podes viver feliz sem grande custo,
Principalmente nas risonhas quadras
Que matizam com flores a verdura.

Nem com mais promptidão a febre ardente
Do corpo te sairá se te recostas
Em tapetes de purpura pintados
Do que em plebêos estofos estendido.
  Se a opulencia, a riqueza, o mesmo throno
Não nos preservam de corporeos males,
Tambem do animo ao bem nada concorrem.
Inda que vejas por extensos campos,
Entre teus grandes batalhões ferventes,
Desfraldar-se os pendões, que á guerra incitam;
Inda que vejas pelos amplos mares
Bronzeo-rostrada frota a ti sujeita;
Não se aterram a ponto de fugir-te
A vã superstição, da morte o medo,
Que de continuo o coração te occupam.
  São as grandezas illusões baldadas:
Do homem mordazes afflicções e sustos
Não se amedrontam do estridor das armas;
Feros se assentam junto aos reis no throno,
A auri-brilhante c'roa não respeitam,
Nem o explendor do purpurino manto.
Crê pois que, n'esta treva onde vivemos,
Tanta terror da ignorancia é filho.
  Quaes crianças, que de tudo hão medo á noite,
Taes nós de dia pavidos tememos,
Iguaes ás d'elles, illusorias sombras.
Com o raio solar, co'a luz diurna,
Taes trevas, tal terror se não dissipa;
Mas c'o estudo tenaz da natureza.
  Aprende agora com que moto e impulso

Os elementos da materia engendram
Os varios corpos, que depois desmancham;
E com que rapidez voem no espaço:
Dir-t'o-hei, e segue o fio aos meus discursos.
A materia não forma um todo immovel:
Vemos que tudo, pelo andar do tempo,
Minguando vai por emissões continuas
Té que acaba, e se occulta aos nossos olhos;
Mas o todo geral inteiro fica;
Os elementos, que de um corpo sahem,
Augmentar outro vão a que se aggregam:
Caduco aqui um corpo se definha.
Outro alêm folga c'o verdor da idade.
N'elles não há descanço; sempre o mundo
Com perennaes mudanças se renova;
A vida entre elles os mortaes transmittem;
Ali pomposas gerações se elevam,
Lá, como o fumo, se esvaecem outras;
Todas em breve a perspectiva mudam;
E nós, como os que em festas de Vulcano
O honravam a correr na area de Athenas,
Damos de mão em mão da vida o facho.
Se da materia julgas que os principios
Podem descanço ter, do qual lhes mane
De novo o movimento; o error te occupa.
Na ampla extensão os atomos vagando,
Por lei immota, obedecer-lhes cumpre
Ao peso seu, ou impulsão estranha.
Lá das regiões ethereas despenhados
Vem encontrando, pelo vacuo immenso,

Outros que o rumo vertical lhes torcem:
Não admira; ninguem atraz os prende;
Peso, dureza, e solidez possuem.
 E a fim de mais na convicção entrares
De que o moto é nos atomos perpetuo,
Lembra-te que no espaço não ha fundo
Para que os corpos a parar obrigue;
O espaço tem por orla a immensidade:
Taes verdades firmei em prova eterna.
 Os atomos no vacuo não descansam:
Impellidos por moto assiduo e vario,
Parte reflectem a distancias longas,
Parte a pequenas, e junção adquirem,
Segundo foi do choque o modo e a força:
E, quanto mais a repulsão é fraca,
Curta a distancia, e entretecido o nexo,
Dão base ao ferro, aos rigidos penhascos,
E á quantia meiã de iguaes productos.
Mas, quando ao longe rapidos reflectem,
E longe correm na amplidão do espaço,
Formam em nosso bem o aerio fluido,
E o rutilo esplendor do sol doirado.
 Com tudo vagam de adhesoes exclusos
Muitos no espaço, e que jamais poderam
Ao movimento universal unir-se;
Cujo prospecto cada dia temos,
De teor indubitavel, ante os olhos.
Repara quando por estancia obscura
Do sol penetra a restea fulgurante;
N'ella verás corpusculos sem conto

De modos mil, e direcções mesclar-se.
Parece que arde entre elles guerra eterna,
Que sempre brota rigidas batalhas:
Não fazem pausa, e em successão continua
O mesmo instante os vê juntos e esparsos.
Conjectura d'aqui qual nunca extincto
Dos atomos no vacuo seja o moto.
Vê que pode mostrar um tenue effeito
Vestigios e exemplar de altos successos.
Tanto mais nos corpusculos movidos
Á luzerna do sol cumpre attentares,
Que elles indicam a existencia occulta
Da agitação dos atomos latente.
Por clandestinas impulsões batidos
Do rumo taes corpusculos se apartam,
Ora aqui, ora ali continuo occorrem,
Por toda a parte e direcções vagando.
Per si movem-se os atomos, e logo
Transmittem aos corpusculos mais tenues,
E co'elles mais anologos, seu moto
Por clandestinas impulsões causado,
Que aos de pouco mais vulto agita e fere.
Dos atomos assim dimana e sobe
Gradual o movimento até ser visto
Por nós n'esses corpusculos, que nadam
Do pai da luz na restea scintillante,
Inda que as causas d'elle occultas fiquem.
Quão moveis são os atomos, oh Memmio,
Aprende; em pouco o digo. Assim que a aurora
As terras doira c'o fulgor primeiro,

E voando aqui e ali de ramo em ramo
As avesinhas multi-cores enchem
De suave melodia os puros ares;
Vemos subito então o sol nascente
Com que velocidade abrange tudo
C'os resplendores, que de si despede.
Ne emtanto a luz, que raia o astro brilhante,
Não corre no vasio; encontra obstac'los;
Do ar a retardam as fendidas ondas;
E não tendo as particulas dispersas,
Mas em complexo mutuo e conglobadas,
Fora de si, e em si tem obvio impulso,
Que lhe demore a rapidez do vôo.
Ora, os atomos, solidos e simples,
Que se movem no vacuo, e não encontram
De fora obice algum, e um todo fazem,
Que tende aos mesmos fins, e ao mesmo rumo;
Devem com rapidez maior mil vezes
Correr dada extensão n'um tempo dado,
Do que os fulgores, que, nos ceos voando,
Partem do sol ao homem dirigidos:
Pois que se não crerá que embride os vôos
Dos atomos qualquer por proprio siso;
Nem que pacteem entre si um plano,
Que accordes movimentos lhes regule.
Mas há quem julgue ignaro que a materia
Por proprio jus, sem o querer dos divos,
Não pode, a bem das precisões humanas,
Formar as estações, criar os fructos,
Dispor o resto, que aos mortaes só mana

Do prazer, pai da vida, que os impelle,
Da doce Venus co'as cabaes delicias,
A propagar-se pela união dos sexos,
Para que nunca morra a especie humana:
Sonha então que fizeram tudo os deuses;
Mas n'isto muito da razão se afasta.
Se ignorasse dos atomos a essencia.
Com tudo, eu mesmo assim provar podera,
Dos ceos e terra por immensos factos,
Que a criação não foi obra dos Numes,
Porque rudes defeitos a deformam.
Tudo depois te provarei, oh Memmio;
Do movimento agora a historia sigo.
Eis a occasião que favoravel julgo
Para mostrar-te que por força propria
Jamais corpo nenhum pode elevar-se.
Não te illudam as chammas que em nascendo,
E já crescidas, de improviso sobem:
Sobem tambem as arvores, as messes,
Posto que o peso natural as puche
Para o chão, sempre em direcção reversa.
O fogo, voando ao tecto do edificio,
Com leves labaredas lhe devora
Todo o madeiramento de que é feito;
Mas deve crer-se que o não faz por gosto,
E sim por força que a tal acto o obriga:
Assim da rota vea em nosso corpo
Com subido repucho o sangue salta,
Viva purpura ao longe despargindo.
Não vês tu com que força as molles aguas

De uma estacada arrancam os barrotes?
Bem fundo e a prumo os vimos mergulhados:
Forças enormes se empregaram n'isso:
Com tanto mais ardor ellas trabalham
Para alluil-os e em fim tiral-os do uso,
Quanto mais elles sobresahem da agua,
E quanto mais, alluidos, o ambaleiam.
Assim julgo eu que acreditar nos cumpre
Que pelo vacuo descem os barrotes
Tudo que d'elles esta acção depende;
E assim devem tambem poder as chammas
Dos ares remontar té ás alturas,
Posto que por seu peso ao vacuo baixem
Tudo quanto esta acção depende d'ellas.
Não vês os fogos que de noite voam
Dos ceos junto ás abobadas, deixando
Longos tractos de luz por onde aberta
Lhes deu a natureza em certos rumos?
Não vês cahir na terra estrellas e astros?
Tambem o sol, do ceo lá das alturas,
Por toda a parte o seu calor espalha,
Com sua luz os campos fertilisa:
Para baixo tambem seu fogo tende.
Vês igualmente que, rompendo as nuvens,
Em toda a direcção voam os raios,
Ora aqui, ora ali furiosos correm,
Vem muitas vezes rebentar na terra.
Folgo porém que a tal respeito saibas
Que em linha recta para baixo os corpos
Tendem no vacuo por seu proprio peso;

Mas que, em incerto tempo e incertos sitios,
Se desviam da linha recta um pouco,
E tão pouco que é quasi imperceptivel.
Sem taes desvios, para baixo a prumo
No vacuo immenso cahiriam todos,
Como as gotas cahir vemos da chuva:
Nos atomos assim nunca se dera
Encontro ou choque, e á natureza nunca
Producções engendrar seria dado.
Suppondo-se que os corpos de mais peso
Em linha recta pelo vacuo cahem
Mais apressados que os que são mais leves;
E que d'est'arte se realisam choques
Que movimentos productores causam;
É afastar-se da rasão mui longe.
Certo é que da agua e do ar quando as camadas,
Na acção da queda, os corpos vão rompendo,
Mais se acceleram quanto são mais graves:
Porque obstal-os não podem de igual modo
A densidade da agua, as tenues auras;
Aos mais graves porém mais promptas cedem.
Pelo contrario em nenhum tempo ou sitio
D'elles pode a qualquer o vacuo oppor-se:
Assim o pede a natureza sua.
Todos, seja qual for seu peso, devem
De igual modo levar-se compellidos
Pelos passivos páramos do vacuo.
Nunca os mais graves poderão de cima
Cahir sobre os mais leves, sendo a causa
De choques que as acções criam diversas

Pelas quaes gera a natureza as coisas.
  Cumpre dizer e redizer que um pouco,
Porém o menos que possivel seja,
Na linha recta os atomos declinam.
Movimentos obliquos não invento
Que a verdadeira observação não mostra:
Nós vemos, e de certo está patente,
Que os corpos, quando cahem, não se movem
Por direcção obliqua: a vista o assella.
Mas quem pode affiançar, só pela vista,
Que nada, em ponto algum, na queda os corpos
Da recta direcção se não afastam?
  Se é certo que há nos movimentos todos
Perennal connexão; de ordem antiga
Se outra ordem nova se origina sempre;
Se os elementos conseguir não podem
Pela declinação um certo abalo,
Que ouse romper o accordo dos destinos,
E, de infinita lei zombando, vede
Que de tal causa certo causa nasça;
D'onde vem, pergunto eu, d'onde, que no orbe
Vontade firme os animaes possuam,
Pela qual conseguimos ir, e vamos
Onde levar nos queira o nosso gosto?
Jamais, em certo tempo e em certo sitio
Os movimentos nossos perfazemos;
Mas quando e onde a vontade nol-o indica.
Assim fora de duvida parece
Que a vontade é de todos o principio,
Que movimentos taes no corpo espalha.

Por ventura os frisões tu não percebes,
Mal que do corro as portas se lhes abrem,
Encherem-se de ardor porque não podem
A carreira arrancar tão promptamente
Como o desejo vivido lh'a traça ?
Assim pois da materia os elementos,
Todos esparsos pelo inteiro corpo,
Com immediata acção prestar-se devem,
Cumprindo accordes da vontade o mando.
Por tanto vês que o coração encerra
Do movimento a origem ; que a vontade
Primeiramente a direcção lhe impelle,
Depois elle no corpo se diffunde.

Não é porém assim, quando, obrigados
Por força estranha, por coacção enorme,
Tomamos direcção que nos repugna.
Claro está que, em tal caso, e a pezar nosso,
Toda a materia de que nós constamos
Cedendo á força arrebatar-se deixa,
Té que a vontade, o imperio recobrando
Nos membros todos, refreal-a possa.
Não vês por tanto que se em muitos casos
Os homens arrebata estranha força,
Que contra o seu querer os torce e impelle;
Em nosso coração há, não obstante,
O quer que é que a contrasta e lhe resiste,
Que a seu arbitrio muitas vezes pode
Dirigir pelos membros a materia,
Refrear-lhe os planos, obrigal-a á fuga ?

É pois forçoso confessar que existe

Nos elementos da materia, fora
A gravidade e, o choque, uma outra causa
D'onde o seu movimento se origina,
Como é em nós a volição innata:
Nada do nada produzir-se pode.
Oppõe-se a gravidade a que provenham,
Dos choques só pelo exterior impulso,
Dos movimentos as inteiras series;
Porém se na alma, para tudo que obra,
Não há intima força necessaria
Que, fazendo-a passiva, a si a prenda;
Dos atomos, de certo, n'ella existe
Ligeira inclinação, que se effeitua
Em tempos e em espaços sempre incertos.
  Nunca foram mais densos, nem mais raros
Que hoje são da materia os elementos:
Nem crescer, nem minguar lhes é possivel.
Assim, o movimento em que hoje os vemos,
Tal o tiveram nas idades mortas,
Tal, por iguaes razões, o mesmo sempre
Hão de tel-os nas posteras idades.
Os corpos por costume produzidos,
Sempre, por lei igual, sempre hão de sel-o:
Formação, crescimento, brilho, força
Cada um terá segundo lhe destinem
Da natureza os calculos accordes.
Forças não há a que possivel seja
No universo fazer qualquer mudança.
Logar não há por onde do universo
Dos atomos, qualquer possa evadir-se;

E força alguma de atomos estranhos
Penetral-o, invadil-o nunca pode,
Nem a indole mudar da natureza,
Nem os seus movimentos transtornar-lhes.
Não admira que, os atomos estando
Em movimento perennal, pareça
Todo o universo em quietação profunda;
Excepto os corpos a que tem marcado
A natureza movimentos proprios.
Estando os elementos da materia
Fora do alcance dos sentidos nossos,
Segue-se que, onde não poderes vel-os,
Seus movimentos te serão occultos;
E tanto mais que há corpos que inda vemos,
E cujos movimentos nos escapam
Porque a distancia totalmente os cobre.
As lanigeras greis andam colhendo
Pelas collinas os virentes pastos,
Seguindo a relva que as convida, aljofres
Toda ostentando no recente orvalho:
Saciados junto ás mãis os anhos brincam,
Uns contra os outros brandamente marram.
Olhando nós para este quadro ao longe
Tudo vemos confuso, e só notamos
O albor das greis no verde das collinas.
Vê dois grandes exercitos que, enchendo
Campo vasto, e floreando os estandartes,
Preparam a batalha manobrando:
Ora campea a audaz cavallaria
Das phalanges em torno, ora amplos galga

Com grande impeto campos que estremecem:
Das armas o fulgor aos astros sobe,
C'o reflexo do bronze a terra brilha,
Co'a vigorosa marcha o chão retumba,
O clamor do combate fere os montes
Que do mundo ás abobadas o lançam.
Pois este quadro visto de altas serras
Parece immovel, e tamanho brilho
Aos campos inherente se afigura.
Vamos tratar agora do que sejam
Os elementos de que os corpos constam
Quanto á figura e forma em si diversas.
Não que hajam muitos em que seja varia
Essa forma; porém os corpos todos,
Que d'esses elementos se construem,
Nunca formas iguaes nos apresentam.
Nem é para admirar: sua quantia,
Como eu disse, não tem nem fim, nem conto:
Por taes motivos ter nem todos devem
Circunferencia igual, igual figura.
A especie humana, a geração dos peixes,
Que esquameos vão cortando as aguas mudas,
As opulentas arvores, as feras,
As varias aves que emplumadas trinam
Nas lindas, frescas margens dos arroios,
De umbrosas fontes, de profundos lagos,
Ou que volteam nos desertos bosques,
Compara-os tu, cada uns em sua especie,
E acharás que entre si diff'renças mostram.
Conhecidos jamais podiam ver-se

De outr'arte o filho á mãi, a mãi ao filho.
Conhecem-se de certo; e nunca os homens
Entre si melhormente se distinguem.
Dos Numes quando nos augustos templos,
Defronte dos thuricremos altares,
Nedio novilho em sacrificio morre,
Expellindo do peito palpitante
De quente sangue arrebatados jorros;
Percorre então a mãi desamparada
As viçosas florestas, signalando
Pelo humido terreno os pés bisulcos,
C'os olhos perscrutando o inteiro espaço
Para o perdido filho ver se encontra.
De brados enche a miudo a umbrosa selva,
Tambem para o corral a miudo volta,
Das saudades do filho atormentada.
Nem os tenros pimpolhos dos salgueiros,
Nem a relva que o tenue orvalho anima,
Nem arroios correndo em cheias margens,
Podem dar-lhe prazer e a dor delir-lhe.
Saltam novilhos cem no alegre pasto,
Illudir-lhe a ternura nenhum pode,
Nenhum é d'elles o que anciosa busca.
Os cabritinhos de trementes vozes,
Os cordeirinhos que balando pulam,
Co'as cornigeras mãis se não enganam,
E, segundo os conduz a natureza,
Cada um vai ter aos destinados ubres
Onde ha de alimental-o o doce leite.
Apanha a teu prazer um pé de trigo:

Por similhante que dos outros o aches,
Variações sempre lhe verás de formas.
Todas as conchas são assim, da terra
O gremio colorindo, onde se espalham,
De curva praia em bibulas areias,
Do Oceano as molles, argentadas ondas.
Dos corpos devem pois os elementos
Pela mesma razão variar de formas:
Mão alguma os talhou por molde certo:
A natureza os fez; devem no espaço
Varios em formas divagar ás soltas.
  Explicares assim vê quanto é facil
Porque do raio tri-farpado o fogo
Muito mais penetrante se apresenta
Que esse outro fogo que, por nossa industria,
Das resinosas achas se desprende.
Dirás por tanto que atomos mais subtis
Tem o fogo do ceo que forma o raio,
E que assim passa os poros, que se vedam
Ao nosso fogo que das achas brota.
  Pela lamina cornea a luz traspassa;
Porém ás aguas tal poder se nega.
Porque? De atomos consta a luz mais finos,
Do que os das fluidas crystallinas aguas.
Pelo filtro depressa escoa o vinho;
Mas dá-se o mesmo de vagar no azeite,
Ou porque os seus principios mais avultam,
Ou porque mais se prendem, se entrelaçam,
Dependendo d'aqui que não tão promptos
Conseguem uns dos outros separar-se

Para os espaços penetrar do filtro.
  Vês que o doirado mel, o niveo leite
Jucunda sensação causam na bocca;
Mas que a centaurea e a losna desabridas
Com travo repugnante a bocca ferem.
Ser-te-há mui facil conhecer por isto
Que de atomos provêm lisos, redondos
O sabor que jucundo o gosto afaga;
Que o travo repugnante se origina
De atomos presos com travado nexo,
Devendo, para á séde ir ter do gosto,
Dos orgãos que o contêm rasgar as fibras.
  São de forma diversa os elementos
Que a dor produzem, que o prazer excitam:
Visto que tu de certo não concebes
Que da serra estridente o acerbo ruído
Parta dos lisos atomos que engendram
O melodioso som, que afoitos tiram
Do musico habil os flexiveis dedos
Pelas cordas da lyra improvisando.
  Nem de igual forma julgarás tão pouco
Os elementos que no olfato influem,
Quando o cadaver fetido se queima,
Ou quando a scena se abre perfumada
Com o açafrão mimoso da Cicilia,
Ou dos altares os aromas sobem,
Nobres productos da panchaica terra.
  Nem tu crerás que as agradaveis cores,
Em que bem folga apascentar-se a vista,
Tem principios iguaes ás que a compungem,

E mesmo afflictas lagrimas provocam,
Ou fazem arredal-a dos horrores
Que em torpe ou cru aspecto lhe apresentam.
Tudo pois que os sentidos nos afaga,
Só constar pode de atomos macios;
O que lhes causa desprazer e enfado
Tem os principios asperos e rudos.
Tambem os há que nem de todo lisos,
Nem asperos de todo, e cujos ganchos
Se prendem entre si, devem julgar-se;
Mas de salientes angulos se ostentam,
Que as fibras nos titillam sem lesal-as.
Nas feculas, nas enulas contempla
O sabor que em taes classes as colloca.
Que o fogo ardente e o gelido graniso
De puas constam entre si diversas
Que nos penetram do sentir os orgãos,
Prova-nos, de ambos a respeito, o tacto;
O tacto, o tacto, oh numes sacrosantos,
Que é o sentido universal do corpo,
Seja que externas forças o compillam,
Seja que inteiro desarranjo o offenda;
Já quando pelos orgãos nos entranha
De goso enchentes a mimosa Venus;
Já quando os elementos que nos formam
Dura violencia agita, perturbando
As sensações, uns de outros distrahindo.
Se a teu arbitrio percutir quizeres
Co'a propria mão do corpo teu um sitio,
A experiencia terás do que te avanço.

Assim as varias sensações só podem
Mostrar explicação na variedade
Que há no principio de que origem tomam.
  O que duro e compacto reputamos
Mais recurvados atomos precisa,
Que á maneira de ramos se entrelacem
Tanto mais quanto for mais rijo e denso.
N'esta classe acharás antes de todos
O diamante; tenaz resiste a tudo;
Depois o forte seixo, o duro ferro;
E o bronze que nos gonzos das portadas
Vai pelos atrios longos estrugindo.
Devem porém os liquidos que constam
De massa fluida ter em seu contexto
Atomos mais polidos, mais globosos:
Entre si d'este modo não se prendem,
E n'um declive promptamente rolam.
  Tudo que n'um momento vês sumir-se,
Como as nevoas, o fumo, as labaredas,
De atomos se compõe que necessitam
Menos polidos ser, menos redondos,
Mas recurvados não; para que possam
Pelos poros passar dos corpos vivos,
E penetrar das pedras a rijeza.
Pelo que vemos não se prendem juntos,
Porém estão de puas guarnecidos:
Não se recurvam, mas em bico acabam.
  Mais não te cause admiração nenhuma
Ver corpos fluidos e igualmente amargos,
Qual é a agua do mar. Lisos, redondos

Tem ella, como fluido, os elementos;
Mas, como amarga, se lhe juntam outros
Aptos a causar dor, que todavia
Não podem ter a travação de ganchos.
Assim, para que aos atomos possivel
Rolar e estimular a um tempo seja,
Tem de redondos e asperos juntar-se.
  Para que de Nereo na amarga lympha
Possas julgar que certo se misturam
Atomos lisos e asperos, reflecte
No que se passa ao separarem-se ambos.
A agua do mar adoça, quando filtra
Da terra por camadas numerosas,
E vai repor-se e descansar lá dentro:
Quanto da terra no amago mais côa,
Tanto mais, nos reconcavos do filtro,
Deixa os atomos asperos represos.
  Ás razões que te expuz mais outra ajunto,
Que a prova n'ellas tem. Os elementos
São limitados no variar de formas:
Se assim não fosse, já teriam elles
Infinita grandeza conseguido.
De certo, em corpo de tão tenue vulto,
Muito as formas variar não é possivel.
Agora, em partes minimas suppõe-n'o
Dividido, tres, quatro ou mais que sejam;
Mutua collocação tu lhes estuda:
Da direita, da esquerda, em cima, em baixo,
Vai-as dispondo, e saberás em breve
As poucas formas que tal corpo admitte.

Se inda mais formas queres dar-lhe acaso,
Tens de juntar-lhe novas partes: logo
Sempre outras partes hão de ser precisas
Quando varial-o de mais formas queiras:
Logo n'um corpo a novidade em formas
Suppõe de vulto n'esse corpo augmento.
Assim nada há que acreditar te induza
Que os atomos tem formas infinitas
Sem grandeza infinita lhes prestares,
O que já te provei como impossivel.
   As ricas vestes que nos vem do oriente;
De Melibea a purpura que brilha
Lindissima nas conchas da Thessalia;
Dos pavões a doirada gentileza;
Tudo dentro de pouco se olvidara
Por novo aspecto de mais bellas cores.
Em despreso infallivel cahiriam
A doçura do mel, da myrrha o aroma:
Do cysne o canto, a cithara de Phebo
Que de harmoniosos versos se abrilhanta,
Seriam, de razões por igualdade,
A mudez deslustrosa reduzidos.
Sempre todas as coisas excellentes
Succeder-se-hiam cada vez melhores:
Tal successão, por força de coherencia,
Para peores nas más ver-se-hia sempre;
E assim a vista, o ouvido, o gosto, o olfato
De certo expostos estariam sempre
A sensações de cada vez mais fortes.
Mas como nada d'isto se percebe,

Como nos corpos todos há limites,
Confessar é preciso que a materia
Tem limitado numero de formas.
  Finalmente, do fogo á neve existe,
E d'esta áquelle, espaço limitado:
Nos estremos estão calor e frio,
E entre elles o tepôr o ambito occupa
Em escala graduada dividido.
Logo dos corpos os sensiveis dotes
Limites tem: dos varios gráos da escala
Os extremos estão no fogo e neve.
  Continuarei o que vem dito, e bases
Presta ao que vou dizer: os elementos,
Que tem finito o numero das formas,
São infinitos em cada uma d'ellas.
Das formas sendo o numero finito,
Tem de haver infinitos elementos,
Ou ser finita do universo a mole;
E d'isto provas demonstrei contrarias.
  Vou em seguida pois agora expor-te,
Inda que em poucos mas sonoros versos,
Que aos elementos da materia incumbe,
Pela prerogativa de infinitos,
A maquina manter d'este universo
Disparando entre si continuos choques.
  Se de alguns animaes vès rara a especie,
E a natureza n'elles não fecunda;
Attende que há regiões longiquas do orbe
Que d'elles contam uma tal quantia
Que muito sobe nos que menos julgas.

No maior dos quadrupedes o vemos:
Os elephantes, que arma ingente tromba,
Formam em batalhões na indiana terra
Eburneo muro em torno das cidades,
Impenetravel a qualquer esforço,
N'estas feras gigantes eis o exemplo;
Tantas ali, mas entre nós tão raras.
Mas com tudo concedo-te que exista
Um ente singular, de unica forma,
Não havendo outro igual n'este universo.
Se infinitos não forem os principios
De que esse corpo venha a ser composto,
Nem possivel será que elle se engendre,
Que obtenha nutrição, que augmente em vulto.
Suppõe que estás a ver os elementos
D'esse ente singular que limitados
Da natureza no ambito vagueam.
Com que força, onde, d'onde, de que modo
Sua adequada união será possivel
Da materia n'um pelago tão vasto
De tão diversos atomos composto?
Julgo não poder dar-se algum motivo
Que essa união demonstrar plausivel possa.
Qual o mar, que de asperrimas borrascas
Em successão continua se encapella,
E de horridos naufragios se povoa,
Ao longe atira lemes, velas, mastros,
Proas, vergas e cordas que fluctuam
Do inteiro globo em derredor das praias,
Despertando os mortaes para que attentem

Das vagas na violencia, nos enganos;
Para que busquem evital-as sempre;
Para que em tempo algum n'ellas se fiem,
Mesmo quando risonhas, argentadas
Em mimo, em placidez traições encobrem:
Assim, no caso de finitos creres
Os elementos de um objecto dado,
Dispersal-os pelo ambito dos tempos
Devem as ondas de atomos tão varios:
Porém, se pelo acaso compellidos
Podessem alcançar união fortuita;
Em tal união jamais possivel fora
Qualquer demora, nutrição alguma.
Ora, se da experiencia se collige
Que é necessaria a formação nos corpos,
E que formados incremento adquirem;
Logo patente está que em toda a especie
Se dão os elementos infinitos
Que na composição dos corpos entram.
Nem sempre os movimentos destructores
Conseguem imperar, nem sempre podem
No feretro encerrar a flor da vida:
Assim como jamais tão pouco é dado
Que os movimentos creadores possam
Os corpos ter em duração perpetua.
Assim pois, desde tempos infinitos,
Os elementos entre si conservam
Com vantagens iguaes guerra continua.
Ora uns ora outros derrotados ficam:
Simultaneas sempre há nascenças, mortes:

Jamais a noite vem atraz do dia,
Jamais a aurora vem atraz da noite
Sem que ao mesmo momento se oiça o pranto
Do infante que nascendo a luz o offusca,
E o pranto que a amisade, o amor derramam,
Socio da morte, ás beiras de um sepulcro.
A este respeito deve ter-se em vista,
E firme na memoria conservar-se
Que nada, do que se acha a nosso alcance,
Só de uma especie de elementos consta;
Que nada de conter em si se exime
Uma mistura de elementos dada;
E quanto tem de mais poder, mais dotes,
Tanto mais os seus atomos variam,
Mais formas, maior numero mostrando.
Venha primeiro a terra: em si possue
Os elementos de que as fontes enchem
Os grandes rios, que em continuo moto
Estão o mar immenso renovando.
Tambem possue os elementos d'onde
O fogo se origina, que lhe abrasa
Em diversos logares as entranhas
Principalmente no Etna que raivoso
Labaredas amplissimas expulsa.
Possue-os igualmente de que pode
Dar nascimento, em bem da especie humana,
As lindas fructas, ás doiradas messes;
De que pode formar, em bem dos brutos
Que vagam por florestas, por montanhas,
Tenros pimpolhos, opulentos pastos.

D'aqui provém que todos a proclamam
Dos deuses mãi, dos animaes, dos homens.
Os doutos vates da vetusta Grecia
Cantaram-na sublime, indo n'um coche
Por leões puxado: e por igual nos dizem
Que ella no espaço do ar se acha pendente,
Não tendo a terra em outra terra base.
Juntam que os leões, indomita progenie,
Significam que os genios mais bravios
Aos mimos paternaes devem domar-se.
De coroa mural cingem-lhe a fronte,
Porque guarnece em elevados sitios
De muralhas e torres as cidades:
Com esta insignia em prestito se leva
Da mãi divina pelo mundo a estatua,
Que terror, hoje mesmo, inda fulmina.
Por uso antigo dos rituaes sagrados,
Mãi idea lhe chama inteiro o mundo,
Bandos de phrygios dá-lhe por cortejo;
Visto ser fama que as regiões dardanias
São as primeiras que mostraram no orbe
Dos cereaes a cultura. Crem que a seguem
Castrados sacerdotes, indicando
Que são de dar á luz progenie indignos
Os que o respeito maternal quebraram,
Os que a seus proprios pais ingratos forem.
Elles então ruidosamente rufam
Apertado tambor, oco timbale;
Impellem da corneta retrocida
Clangor minaz; e co'a cavada tuba

Em phrygios sons os animos concitam.
Dardos trazem, signaes de altos furores,
Com que punam ingratos e perversos
Que assim da deusa a majestade insultam.
  Em quanto pois da deusa a muda estatua
Passeada nas cidades populosas
Immensos mimos em segredo espalha;
As ruas com mão prodiga se adornam
De brocados gentis de oiro e de prata;
Nuvens de rosas do mais fino aroma
A grande mãi e o seu cortejo obumbram.
  Um esquadrão armado, a quem os gregos
O nome deram de *curetes phrygios*,
Ali dansa em cadencia, e jogos arma
Ferreas cadeas entre si vibrando,
E o quente sangue derramando alegres.
Dos morriões os terrificos penachos
Que da cabeça co'o menear se agitam,
Aos *curetes* de Creta se referem
Quando outr'ora encobriam d'este modo
Os vagidos de Jupiter nascido,
Ao passo que meninos em choreas,
Pratos tocando de que vem armados,
Do berço do menino em torno dansam,
Para que o pai Saturno o não comesse,
Da carinhosa mãi assim abrindo
No afflicto coração ferida eterna.
D'aqui se originou que gente armada
Forma da grande mãi sempre o cortejo:
Ou talvez isto a demonstrar induza

Que a deusa exige que os varões virtuosos
Em defeza da patria sempre se armem,
E sejam de seus pais amparo e gloria.
Posto que, feitas com brilhante genio,
Estas grandes imagens nos encantem,
Rejeita-as todavia a razão recta.
Desfructar devem por essencia os numes
Eterna vida em ocio imperturbavel
De nós mui longe, e dos successos nossos:
Isentos de afflicções, de p'rigo isentos,
Ricos de seu, de nós não precisando,
São insensiveis ás virtudes nossas,
Sobre elles o furor não tem imperio.
   Mas o certo é que desde tempo infindo
A terra foi de sensações privada:
As producções innumeraveis que ella,
Tão variadas, do sol á luz expande,
De seus variados elementos nascem.
Todavia se alguem queira por gosto
Chamar *Neptuno* ao mar, ao trigo *Ceres*,
E com o nome abrilhantar de *Baccho*
O *vinho*, nome que tão proprio julgo;
De barato lh'o dou, e pode á terra
Chamar dos deuses mãi: mas tudo é falso
   A lanigera grei, a grei bovina,
Dos cavallos a estirpe bellicosa,
Pastando todas pelo mesmo campo,
Matando a sede pelas mesmas fontes,
Sentindo, respirando os mesmos ares,
São todavia de diversa especie,

A indole de seus pais cada uma ostenta
Cujos costumes em geral imita.
Tanta dissimilhança cumpre que haja
Das plantas e das aguas nos principios.
Tudo que o fogo queima, em si resume.
Ao menos, as particulas que formam
Faíscas, flamma e luz, e cinza e fumo,
Que, logo voando, ao largo se derramam.
Tu com igual razão no mais attenta,
E dentro tens de achar de cada corpo,
Varios em forma, os elementos de outros.
De muitos corpos vês, por fim, que partem
Sabor e cheiro como estando unidos:
Taes são as rezes que a torpeza imola
Para ante os deuses disfarçar seus crimes.
É necessario que esses corpos constem
De elementos que em forma dessemelham:
Penetra o cheiro no interior dos orgãos
Por onde se obsta do sabor a entrada;
O sabor entra ali por onde ao cheiro
Permittido não é romper caminho.
D'isto conclue que cada um emana
De elementos variados na figura.
N'uma agglomeração pois de materia
Dessemelhantes atomos se adunam:
De variadas porções compõe-se um corpo.
N'estes meus versos muitas lettras achas
Que são communs a termos numerosos;
Todavia entre si termos e versos
Quanto a elementos dessemelham muito.

Certo é que d'elles no contexto encontras
Muitas lettras communs; que alguns há d'elles
Que estão das mesmas lettras construídos;
Mas nenhum as contêm iguaes em tudo.
Assim nas outras coisas há principios
Que podem ser communs a muitas d'ellas;
Mas entre si no complemento as coisas
Podem diff'renças demonstrar notaveis;
Cumprindo pois dizer que os elementos
Não são os mesmos na viçosa seara,
Na humana prole, na frondosa selva.
  Mas não se pense que os principios todos
Podem sem distincção juntos ligar-se:
Os prodigios assim seriam muitos.
Haveriam então especies de homens
Sendo metade brutos; nasceriam
Do corpo vivo ramos de arvoredos;
Os productos da terra a cada passo
Aos productos do mar ver-se-hiam juntos;
E igualmente chimeras, expirando
Da negra bocca horriveis labaredas,
Devorariam quanto houvesse no orbe.
Mas como nada d'isto presenceas,
Assentemos que tudo aqui se forma,
Com certa construcção, de atomos certos,
E conserva-se assim, e assim augmenta.
  É sempre a mesma, na verdade, esta ordem.
Dos alimentos o animal recebe
Os sucos que pelo intimo dos orgãos
Lhe vão levando a nutrição, o alento,

De que as acções vitaes origem tomam.
Mas quanto, como estranho, se recusa
Assimilar-se aos orgãos, percebemos
Que á terra a natureza o restitue,
Ou do corpo se escapa repellido
Sem que, por tenue, os olhos o vislumbrem:
A animação d'est'arte se lhe nega,
E das acções vitaes não participa.
Porém não julgues o animal somente
Á serie d'estas leis subordinado:
Tudo quanto se cria ellas regulam.
Como são entre si dissimilhantes
As producções que a natureza gera;
Preciso é que os principios que as compõem
Dissimilhantes de figura sejam:
Não que hajam muitos de diversa forma,
Porém os corpos, de que fazem parte,
Em iguaes proporções os não encerram.
Como entre si differem os principios,
É necessario que differam n'elles
Distancias, direcções, encontros, choques,
Relações, movimento, gravidade,
Especies estas que não só ensinam
A distinguir uns animaes dos outros,
Mas igualmente o que há que desirmane
Da terra o mar, do firmamento a terra.
Prosegue pois no apreciar o assumpto
Que meu doce trabalho te franquea.
Não creas que são brancos os principios
De que constam os corpos que vês brancos,

Sendo estes brancos porque o são aquelles.
Quanto á cor negra, quanto ás outras cores
Aos principios, aos corpos referidas,
As mesmas advertencias te pondero.
Nenhuma cor, diversa ou similhante,
Nos elementos da materia existe.
  Se por ventura inconcebiveis pensas
Os corpos em que a cor se não admitta,
Desviado da razão muito te illudes.
Os cegos de nascença, a que os fulgores
Sempre foram de sol inaccessiveis,
Só reconhecem pelo tacto os corpos
Sem que as cores jamais podessem ver-lhes.
Assim, cumpre assentar que é mui possivel
Que a luz do nosso espirito contemple
Corpos de cor nenhuma revestidos.
Repara em fim que os corpos apalpamos
Em quanto dura a escuridão da noite,
Sem suas cores distinguir podermos.
  Pois que este facto te provei com factos,
Vou a theoria d'elle expor-te agora.
Qualquer cor se converte em qualquer outra;
Conversão nos principios impossivel.
Elles manter-se devem immutaveis,
Ou há de ao nada reduzir-se inteira
Esta pomposa maquina do mundo.
Tudo quanto transcende o seu destino,
Morreu, deixou de ser o que era de antes.
Em vista d'isto, guarda-te de creres
Revestidos os atomos de cores,

Ou vê ao nada reduzir-se inteira
Esta pomposa maquina do mundo.
Todavia, se nega a natureza
Aos elementos cor, de formas varias
Lhe aprouve enriquecel-os com que as cores
Nos mostram todas, e varial-as sabem.
Cumpre estudar dos atomos agora
As posições reciprocas que guardam,
Quaes as combinações com que se mesclam,
Os movimentos que entre si escambam;
E logo assim com as razões atinas
Por que os corpos que há pouco foram negros
Podem subito ser brancos de jaspe;
Como o mar, quando o agita o vento em furias,
Albor de neve sobre as ondas mostra.
Dirás então que se de um corpo negro,
Como a cada momento reparamos,
Os principios se batem, se confundem,
Se outros lá vem addicionar-se a elles,
Se outros d'alli desaggregar-se podem,
Há de fazer-se de repente branco.
Se de atomos azues o mar constasse,
De nenhum modo embranquecer podera:
Embora a agitação violenta fôra;
Os atomos azues não poderiam
Mudar a sua cor em cor de jaspe.
Se elementos de varias cores tinctos
Formam do mar a cor simples e pura.
Como é composto de figuras varias
Qualquer quadrado em dimensões perfeito;

No mar deviam ver-se as varias cores,
Quaes no quadrado as formas, tão distinctas;
Nos mais corpos tambem deviam ver-se
Em que a cor pura e simples se ostentasse.
  Mas a dissimilhança das figuras
Dentro postas em nada estorva, impede
Que d'ellas o quadrado se componha;
Ao passo que das cores a diff'rença
Obsta e se oppõe, nos atomos julgadas,
Que a cor geral do corpo se organise.
  Além d'isso, a razão que nos levava
A figurar nos atomos as cores,
Morreu; jamais do branco emana o branco,
Jamais o negro nos provêm do negro;
De varias cores cada um d'elles nasce.
De elementos sem cor mais facilmente
Seria crivel que proviesse a alvura
Do que da negra cor, ou de outra d'ellas
Que igual oppugnação lhe apresentasse.
  Não podem existir sem luz as cores;
A acção da luz aos atomos não chega:
Logo, ter cor os atomos não podem.
E como a qualquer cor fora possivel
Das trevas existir na escuridade,
Se ella passa de dia por mudanças
Segundo a fere luz obliqua ou recta?
Tal pelo collo e na cerviz das pombas
A plumagem vistosa ao sol refulge:
Ora a cor pura do rubí ostenta,
Ora mistura o verde da esmeralda

C'o lindo azul da abobada celeste.
A cauda do pavão, quando banhada
De luz com larga enchente, as cores muda
Segundo a exposição em que a recebe.
Logo, pelo que vês, geram-se as cores
Do contacto da luz: jamais sem elle
Nem existir, nem conceber-se podem.
Quando a pupila a cor percebe branca,
Dado contacto então de luz acceita;
Outro, quando a cor negra se lhe mostra;
Quanto ás mais cores lhe succede o mesmo.
Mas dos objectos de que julga o tacto,
Posto que tenham cor, ella não julga;
O essencial n'elles é somente a forma.
Pelo que deve deduzir-se ao justo
Que os atomos de cores não precisam,
Mas sim de formas adaptadas todas
Ás varias sensações que ao tacto imprimem.
Já que de formas certas não depende
Uma cor dada, e que quaesquer principios
Assumir qualquer cor podem de certo;
Porque os corpos que d'elles são compostos
Não revestem, por modo similhante,
Em seu genero proprio as cores todas?
Por esta regra muita vez deviam
Os corvos, do ar atravessando o espaço,
Das brancas pennas produzir cor branca;
E os cysnes, se os compõem atomos negros,
Mostrar cor negra, ou outra entre as mais cores.
E tambem quanto mais de um corpo as partes

Vires que se dividem, se atenuam,
Tanto mais hás de ver que pouco a pouco
A sua cor se desvanece e extingue.
De phenomeno tal obtens as provas
Quando a pó se reduz o oiro luzente,
E a purpura, de Tyro a cor famosa,
Em tenues filamentos se converte.
D'aqui podes colher que em qualquer corpo
Das particulas vai-se a cor primeiro
Que ellas possam em atomos tornar-se.
  Se tu observas, a final, que os corpos
Não são, de cheiro e som, todos dotados,
Cheiro e som não crerás que a todos tocam.
Assim, como nem ver podemos tudo,
Devem coisas haver que cor não tenham,
Bem como as há de cheiro e som privadas.
O espirito sagaz, que reconhece
Corpos a que outras qualidades faltam,
Corpos sem cor mui facilmente admitte.
  Nem dos atomos tu acaso julgues
Que só a cor lhes falta; inda se isentam
De calor, mornidão, frio, humidade;
De si ou cheiro ou som jamais expellem.
Assim, se a suave essencia manipulas
Da mangerona, myrrha e flor de nardo
Que está vertendo exhalações de nectar,
Para base com todo o esmero buscas
O azeite que se achar mais inodoro,
A fim que o cheiro seu jamais a estrague,
Corrompendo os perfumes que residem

No composto mais intimo das flores.
E finalmente os atomos não devem,
Compondo os corpos, dar nem cor, nem cheiro,
Porque emanar de si nada lhes pode.
Por igualdade de razões não fruem
De qualidades sapidas, de frio,
De calor, nem de tepida lentura.
Quanto ás mais condições sempre mudaveis,
Como as que vemos nos periveis corpos,
Quaes são o molle, o fragil, o flexivel,
O poroso, o corrupto, hão de ser todas
Aos atomos negadas; se queremos
Á natureza dar solidas bases
Em que a conservação se lhe mantenha
E que ella toda não reverta ao nada.
Temos porém a confessar agora
Que os corpos todos, que sensiveis vemos,
De insensiveis moleculas se formam.
Quanto há de conhecido está bem longe
De obstar ou repellir esta sentença;
Antes sim pela mão conduz e obriga
A crer os animaes, como te aponto,
De insensiveis moleculas formados.
É de experiencia universal que os vermes
Na infecta podridão nascem e vivem,
Quando excessivas chuvas a criaram
Na amollecida superficie do orbe.
Conversões similhantes dão-se em tudo.
Rios de aguas caudaes, selvas frondosas,
Ferteis pastos, em gados se convertem;

Convertem-se na especie humana os gados;
Vorazes feras, aves de rapina
Dos corpos nossos muita vez se nutrem.
  Converte a natureza em corpos vivos
Todas as qualidades de alimentos,
E as sensações com elles formalisa:
Muda de modo igual a lenha em chammas,
Tudo a fogo reduz. Não consideras
Qual importancia maxima resulte
De avaliar bem a posição mantida
De uns atomos com outros, e por que ordem
Os movimentos mutuamente alternam?
  O que é que n'alma influe, o que é que a move,
O que é que incita as sensações diversas,
Se não concebes que os sensiveis corpos
De insensivel materia são formados?
  Certamente que a pedra, o páo, a terra
Se entre si os misturas, nunca podem
Por si gerar as sensações da vida.
Assim, d'esta juncção mesmo em presença,
Cumpre sempre advertir que não avanço
Que de todos os atomos, n'um golpe,
Corpos sensiveis, sensações se gerem;
Successos estes que jamais notamos
Na herva dos campos, nos troncões das selvas.
Attenda-se porém com grande tino
Dos atomos ás dadas circunstancias
De ordem, disposição, numero, forma,
Collocação e movimento: é d'ellas
Que só provém das sensações o facto.

Apodrecendo pois hervas e troncos
Pelas violentas chuvas penetrados,
Geram-se os vermes porque os seus principios,
Antigas relações assim perdendo
Por esta serie de successos nova,
Chegam a combinar-se de maneira
Que agora d'elles animaes resultam.
  Como se entende que os sensiveis corpos
Criar-se podem de atomos sensiveis;
Tal confissão os constitue molles
Bem como os outros que sentir costumam.
O sentimento observa-se, partilha
Das visceras, das veas e dos nervos,
Que conhecemos ser molles substancias
De que os periveis corpos se organisam.
  Mas supponhamos que é possivel serem
Estes sensiveis atomos eternos:
Ou terão, cada qual, o sentimento
Que de uma parte singular é proprio,
Ou devem similhantes reputar-se
A animaes que a seu modo a vida exercem.
Mas parte alguma de per si não pode
Isolada sentir; e de outras partes
Nunca se lhe transmitte o sentimento.
Sentir sem ter a integração do corpo
Não pode a mão, não pode outro algum membro:
Resta crer que esses atomos se igualam
A animaes que possuem plena vida.
D'elles então qual pode appelidar-se
Das coisas elemento? E qual evite,

Sendo animal, os porticos da morte,
Se é como os outros animaes que vemos
A cada instante perecer, sumir-se ?
  Se isto possivel fosse, não passara
De atomos este acervo, este concurso
De um povo de animaes immensuravel :
Do mesmo modo os homens, gados, feras
Só gerar podem, por consorcio unidos,
Homens, gados e feras quaes são elles.
  Se por ventura os atomos despissem
O sentimento que lhes fosse proprio
Para outro obterem que em commum gosassem ;
Por que um dote lhes fosse conferido
Se lhes havia ser depois tirado ?
Vendo nós pois (segundo havemos dito)
De aves os ovos transformar-se em aves ;
E vermes a ferver, que as nimias chuvas
Geram na podridão por ellas feita
Na amollecida superficie do orbe ;
Claro está que elementos insensiveis
São os que formam os sensiveis corpos.
  Se alguem como possivel dar quizesse
Que o sensivel provêm do não-sensivel
Por mudança que n'este se effeitua,
Como o recem-nascido, se o comparas
Ao que era em quanto no embryão jazia :
Demonstrar logo sufficiente fora,
Que nunca pode haver nascença alguma
Sem que um dado organismo a precedesse,
Que mudança não há sem que antes haja

Disposição em que admittir-se possa,
E que, por consequencia, o sentimento
De qualquer animal não pode dar-se
Antes que d'elle o corpo se organise.
A materia que vem depois formal-o
Espalhava-se então sendo integrante
Do ar, agua, terra, fogo que existiam:
Não tinham inda os elementos d'ella
Podido obter de conveniente modo
Mutuas manobras que chamamos vida,
E, d'ellas c'o soccorro indispensavel,
Accender os sentidos, com que podem
Defender-se de damnos os viventes.
Se contra um animal forças enormes,
Com que não pode a natureza sua,
De repente accommettem, confundindo
De seu animo e corpo as faculdades;
A posição dos atomos se inverte,
E a acção da vida inteiramente pára.
Assim revolta pelos membros todos,
A materia de si a alma desprende,
E para fora a impelle dividida
Dos poros todos pelo infindo ralo.
Que mais podem fazer tão grandes forças?
Abalar, dissolver; e a mais não chegam.
Se de impulsões mais brandas combatidos
Podem restos de vida sustentar-se,
Podem bem vezes conseguir victoria
Dos choques abrandando o ingente abalo,
De novo tudo a seus cannaes chamando,

Silencio impondo aos impetos da morte
Que já quase do corpo se apossavam,
E reviver fazendo dos sentidos
A luz que ia apagar-se por momentos.
De outra maneira poderia acaso
A alma, que estava no limiar da morte,
Para os dominios reverter da vida
Em vez de succumbir em prompto estrago?
Existe dor, se as visceras, se os membros
Do corpo vivo certa força abala,
Sua intima estructura perturbundo:
Existe gosto, quando tudo volta
A seu pristino estado. Logo, é claro
Que em si possuir os atomos não podem
Nem dor, nem gosto, porque não se integram
De elementos que possam deslocar-se,
Nem no pristino estado entrar de novo.
Por esta regra os atomos não devem
De sensação alguma ser dotados.
Se os animaes para sentir carecem
Que os elementos seus sejam munidos
Da faculdade de sentir, nos homens
Cumpre-lhes disparar tremulo riso,
Pranto verter que lhes inunde as faces,
Com perspicaz estudo talentosos
O ambito prescrutar da natureza,
E interrogar de que principios constem
Os elementos que os compõem a elles.
E de certo, se aos homens se comparam
Os elementos de que são compostos,

Por igual devem estes de principios,
Como os homens, constar, e de outros estes,
E assim por diante sem limite achares.
A questão sigo assim; e em quanto mostres
Que alguem falla e se ri, que alguem cogita,
Certo há de succeder que o mesmo façam
Os elementos d'esse alguem. Mas se isto
Ao delirio, á loucura assimilhamos,
Se pode rir alguem não sendo feito
De elementos que rir tambem consigam,
Se pode cogitar, se em frase douta
Tem força de explanar seus pensamentos
Sem que os atomos seus por fim se gabem
De protentosos sabios, de eloquentes,
Quem negar poderá que entes sensiveis
De insensiveis moleculas só constam?
Todos nós somos do ar por tanto filhos:
Elle é de todos pai, de quem recebe
A terra, nossa mãi, o humor fecundo.
Vindo gravida assim, brilhante pare
Arvores, messes, animaes e homens,
Que alimenta com ellas e habilita
Da vida ao goso, a propagar a especie:
Dá-se-lhe pois por jus de *mãi* o nome.
O que da terra havia antes sahido,
Segunda vez se restitue á terra;
O que proveiu das ethereas plagas,
Nos edificios do ar entra de novo.
Nem os atomos tu menos eternos
Cuides que são, porque inferimos vel-os

Evaporar-se do exterior das coisas,
Nascer a cada passo e morrer logo.
A morte, quando os corpos arruina,
C'os elementos seus se não atreve:
A sua acção limita em separar-lhos
Para juntal-os outra vez, dispondo
Que tudo mude as formas, mude as cores,
Que adquira sensações, depois as perca.
D'aqui vê que das coisas nos principios
Deve á mistura e numero attender-se
E aos actos por que passem, que transmittam;
Visto que d'elles, de arte tal, se formam
O ceo, o sol, os rios, terras, mares,
Bem como arvores, messes e viventes.
Se da ordem por que as lettras se collocam
Nas palavras que vês n'estes meus versos
A significação d'ellas depende,
Que varía segundo em grande parte
N'ellas as mesmas lettras se introduzem;
Tal do universo aos atomos succede:
Muda-lhes as distancias, as figuras,
A direcção, o choque, o peso, o nexo,
Ordem, collocação, concursos, motos,
Verás que os corpos igualmente mudam.
  Presta agora attenção á voz da sciencia,
Que lida por levar a teus ouvidos
Novos objectos, raciocinios novos.
Como nada há tão facil que ao principio
De concepção difficil se não mostre;
Assim tambem de grande, de admiravel

Ao principio nada há, que pouco a pouco
De sua ádmiração não vá perdendo.
Se apparecer podessem de improviso
A vez primeira a nossos olhos hoje
Dos ceos a cor abrilhantada e pura,
As estrellas que a noite condecoram,
A argentea lua, a luz do sol doirada,
Onde haveria então as maravilhas
Que a maravilhas taes se comparassem?
Pavonear-se quaes gentes ousariam
De possiveis ter crido estes assombros?
Nenhumas, e ninguem. Mas hoje vemos
Assombros taes sem emoção alguma;
E tão fartos de os ver nos reputamos
Que só bem rara vez olhar nos lembra
Do ceo para a luzente architectura.
Por isso, com o susto do que é novo
A razão recta não repillas da alma;
Antes com juizos cada vez mais fortes
De animo te reveste, e pesa os factos:
Se os creres verdadeiros, segue-os firme;
Se falsos, firme mune-te contra elles.
Indago agora se infinito espaço
Pode estender-se além d'este universo,
E o que lá pode haver: de estorvos livre
Por lá dirige arrebatados voos
A vaga, denodada phantasia.
Em quantas direcções o prescrutarmos,
De um lado e de outro, tanto em baixo e em cima,
Limites, como eu disse, não se encontram:

Demonstra-se por si esta evidencia;
Mana da natureza do infinito.
Não pode, não, por verosimil ter-se
Que por essa extensão de immenso espaço,
E que em redondo vai sem fim, sem metas
De modos voem sem preceito ou norma,
Em movimento eterno, e sem quantia
Das coisas os principios differentes
Só este orbe e este ceo tendo formado,
E que alêm d'elles permaneça em ocio
Todo o resto dos atomos immenso.
Se isto da natureza é obra tudo,
Se é certo que das coisas os principios,
Só por fortuita e natural tendencia,
Depois de movimentos discordantes,
Temerarios, inuteis, destructivos,
Mas a final com subitaneo impulso
Reunidos, esta maquina fizeram
Que consta de animaes, ceo, terra e mares;
Cumpre igualmente confessar que algures
Juncções diversas de atomos, como esta
Que dos ares a massa avida abrange,
Do espaço na extensão devem formar-se.
Sempre que apta e bastante houver materia,
Espaço proprio, e nada que se opponha,
Devem, por consequencia necessaria,
Entes gerar-se que em progresso avultem.
Dos atomos assim se a copia é tanta
Que a contal-os não bastam os momentos
Que houve e há de haver dos animaes na vida;

Se igual força e aptidão possuem todos,
Como devem possuir, para lançar-se
N'um espaço qualquer e n'elle unir-se;
Inevitavel é que se confesse
Que por outras regiões há outros orbes,
Diversos homens, animaes diversos.
Vê tambem que ente algum, só, isolado
Na natureza nasce e vai crescendo:
De cada um há no genero infinitos.
Logo á mão tens nos animaes a prova:
Observa as feras que nos montes erram,
A prole humana, a geração das aves,
Dos mudos peixes a escamosa estirpe.
Milita igual razão para afirmarmos
Que o ceo, o sol, o mar, a lua, a terra,
E o mais que existe, sós se não encontram
Mas que há d'elles quantia innumeravel;
E que finito termino de vida
E propriedade de nascer lhes cabem
Como nas outras castas acontece
Que de entes numerosos se ataviam.
Depois do nascimento do universo,
Já formados o sol, a terra, os mares,
Ficaram-lhe por fora em roda addidos,
E pela força universal dispostos
Como sementes, atomos immensos:
D'aqui a terra e o mar augmento adquirem;
D'aqui se elevam tanto acima do orbe
Dos altos ceos os lucidos palacios,
E do ar as amplas massas se renovam.

Do choque por auxilios se repartem
Dos pontos todos todos os principios
Indo unir-se aos que são de igual especie.
Assim as aguas vão juntar-se ás aguas,
Com addições de terra a terra avulta,
De ar o ar se nutre, o fogo alenta o fogo,
Até que chega ás metas derradeiras
A força de crescer segundo as normas
Da natureza, criadora eterna.
Dá-se isto quando entrar mais nada pode
Pelos cannaes á vida destinados
Que de repletos addições rejeitam.
Assim que epocas taes se verificam,
Os entes tocam no apogeo da idade,
E a natureza ás suas forças obsta
Que mais augmentos desde então lhes prestem.
De certo os corpos que tu vês de espaço
Ir com ditosa progressão crescendo
Até que tocam a madura idade,
Mais em si tomam que de si expellem.
Dá-se isto em quanto pelas veas facil
Toda a substancia circular lhes pode,
E em quanto os poros se lhes não dilatam
Para que percam mais do que recebem.
Cumpre admittir que emanações se soltam
De tudo quanto existe, e mais abundam
Quanto da idade as forças mais decrescem;
Mas, como é de razão, devem os corpos
Reter em si mais copia de substancia
Até que chegam a tocar a meta

Onde se ultima do incremento a força.
Desde esse ponto gradualmente logo
Vai o adulto vigor perdendo o que era
E da florente idade o viço murcha.
Quanto é mais amplo o corpo e mais extenso,
Tendo o incremento ao maximo chegado,
Tanto mais perde emanações que evolve:
Já pelas veas facil não circula
A nutriente substancia, e já não basta:
Não mais possue a natureza forças
Que sufficientes sejam a supprir-lhe
As largas perdas que continuas soffre.
Por tanto perecer os corpos devem,
Indo tanto perdendo em densidade
Quanto de emanações mais se despojam,
E indo ás externas impulsões cedendo.
Na velhice o alimento em fim lhes falta;
E abatidos assim dobram, succumbem
Das massas todas, que em redor lhes gyram,
Ao forte attrito, aos destructivos choques.
  Assim, d'este universo hão de as muralhas,
Por seus lados diversos combatidas,
Cahir em pleno estrago, desfazer-se:
Certo há de ser com alimentos novos
Tudo refeito, sustentado tudo.
Porém já os cannaes lhes não admittem
De substancia a precisa quantidade,
Nem assim lha ministra a natureza:
Por isso vão cansadas as idades,
E a terra, debil já, só cria hoje

Exiguos animaes, quando ao principio
Desenvolvidas lhes criou as castas
E fez nascer as corpulentas feras.
Certamente, penso eu, as proles vivas
Não baixaram do ceo por aurea corda,
Nem foram pelos mares produzidas
Que furiosos nas rochas estrondeam:
A mesma terra que as gerou outr'hora
É quem hoje de si tambem as nutre.
Ella criou nos tempos primitivos
Para os mortaes, e de seu proprio moto,
As aureas messes, as ridentes vinhas:
Ella mesma lhes deu com mão grandiosa
Viçosos pastos, saborosos fructos;
Porém tudo isto agora apenas cresce
Somente á força de trabalhos nossos:
Sob o peso do arado os bois se myrrham,
A força dos agriculas succumbe,
Custa a haver ferro para abrir os campos;
Definham producções, crescem trabalhos.
O velho agricultor, dando á cabeça,
Suspira a miúdo porque vê baldadas
As que emprendeu asperrimas fadigas:
Compara os tempos de hoje e os outros tempos,
E de seu feliz pai gaba as venturas:
Conta que então os homens, respeitando
Tudo que há de sagrado, satisfeitos
De modicos terrenos se mantinham;
Pequeno campo muitos fructos dava.
Porém não vê que pouco a pouco tudo

Vai perdendo o vigor té que inanido
Da velhice no pelago naufraga.
Se tu d'estas verdades bem te apossas,
Terás logo por livre a natureza,
De senhores altivos isentada,
De proprio moto governando tudo,
E aos deuses totalmente irresponsavel.
Espiritos santissimos dos deuses,
Que em paz tranquilla, em celestial ventura
Correr da vossa vida a trama vedes?
A este universo qual de vós preside?
Qual de vós na valente mão sustenta
As redeas que governam quanto existe?
De todos esses ceos o gyro accorde
Qual de vós rege, e as terras fertilisa
C'o influxo vivo dos ethereos lumes?
Qual de vós presta em todo o tempo auxilios
De tantos mundos aos logares todos?
Qual de vós pelo espaço espalha as trevas
Condensando para isso as negras nuvens,
E no ambito dos ceos, de antes sereno,
Faz rebentar trovões, despede raios
Que muitas vezes com insana furia
Os vossos proprios templos vos arrasam,
Inutil sanha nos desertos soltam,
E, passando por junto de malvados
Que illesos deixam, vão tirar a vida
A virtuosos que o golpe não merecem?

NOTAS

DO

CANTO II.

Os elementos da materia.........
. . . . .
E com que rapidez voem no espaço:
v. 73.

Esta passagem não poderia por ventura significar tambem que os atomos continuariam a descer no vacuo por toda a eternidade, sem nunca pararem, se não sobreviessem outros atomos que, impellindo-os lateralmente, os desviassem da sua perpendicular direcção?

Era essa a doutrina de Epicuro: eis ahi porque elle combatia tão teimosamente pelo infinito do espaço. Via de que consequencia era para o seu systema que os atomos nunca podessem perder, nem se quer minorar por pouco que fosse, os seus movimentos. Assim pretendia elle não somente que os atomos abandonados a si continuariam a cahir pelo vacuo durante a eternidade; mas tambem que, impellidos por um choque estranho, nunca deixariam de seguir esta direcção accidental, salvo se uma impulsão nova os fizesse mudar de rumo.

Se da materia julgas que os principios
Podem descanço ter, do qual lhes mane
De novo o movimento; o error te occupa.
v. 93.

Lucrecio combate aqui Aristoteles que suppunha a materia inerte, como a acreditava sem forma, e que attribuia a esta mesma inercia a causa de todas as transformações da natureza. Epicuro, pelo contrario, quer que a materia esteja sempre em movimento:

Os atomos no vacuo não descansam.
v. 95.

Distingue-o elle em duas especies: o movimento de gravidade ou a *gravitação*, que tem logar de cima para baixo, e que é uma qualidade inherente á mesma

natureza do atomo; e o movimento de reflexão, que só é accidental, que tem logar em todas as direcções, e que se refere, segundo Epicuro, á solidez e dureza dos atomos:

Peso, dureza e solidez possuem.
v. 88.

Assim a mesma razão que deveria impedir que os atomos se reflectissem, é precisamente aquella em que se appoia a sua elasticidade. Cada um d'estes dois movimentos se subdivide em dois outros, como teremos occasião de o mostrar.

Os atomos..........
Impellidos por moto assiduo e vario,
Parte reflectem a distancias longas,
Parte a pequenas, e juncção adquirem
Segundo foi do choque o modo e a força:
v. 96.

Eis a subdivisão do movimento reflexo: é só relativa á distancia mais ou menos consideravel a que os atomos são atirados pelo choque. Quando a repercussão é consideravel, chama-se (*plege*, gr.) golpe; quando ella afasta somente pouco os atomos, e os ajunta na direcção do choque, chama-se (*palmós*, gr.) vibração. É o mesmo Epicuro que dá esta distincção.

Com tudo eu mesmo assim provar podera,
Do ceo e terra por immensos factos,
Que a criação não foi obra dos numes,
Porque rudes defeitos a deformam.
Tudo depois te provarei, oh Memmio;
Do movimento agora a historia sigo.
v. 198.

Lucrecio desenvolve esta idea no principio do quinto Canto.

Não vês cahir na terra estrellas e astros?
v. 239.

Não é para conformar-se á linguagem popular que Lucrecio faz cahir as estrellas. Não falla aqui como poeta, mas sim como physico; e é entender mal a sua doutrina traduzir, como alguns tem feito, *stellas* por fogos nocturnos. Epicuro estava realmente n'esta opinião. Persuadido que o sol, a lua e as estrellas não são maiores do que nos parecem, devia concluir que os vapores inflammados que nós vemos cahir de noite são verdadeiras estrellas. Esta Physica tão triste para um genio como Epicuro, e de que Gassendi o justifica assaz mal, é combatida por Plinio o naturalista, e por Seneca,

Folgo porém que a tal respeito saibas
Que em linha recta para baixo os corpos
Tendem no vacuo por seu proprio peso ;
Mas que, em incerto tempo e incertos sitios,
Se desviam da linha recta um pouco,
E tão pouco que é quase imperceptivel.
v. 248.

Eis aqui um dos lados mais fracos do systema de Epicuro : assim, é por ali que o tem atacado todos os seus adversarios. De certo era-lhes isso facil : combatiam uma supposição gratuita que Lucrecio não escora de razão alguma, se não que a declinação dos atomos é necessaria ao seu systema, e que sem ella não pode elle explicar a formação de ente algum. Mas por ventura os adversarios de Epicuro teriam direito de fazer soar tão alto a sua victoria? Não deveriam temer que elle usasse de represalia atacando-os a elles sobre a tendencia para um centro commum que suppunham nos corpos com liberdade tão gratuita como a de Epicuro? Se, como se crê communmente, os antigos reconheciam todos uma materia preexistente, não deviam desde logo mesmo confessar a sua infinidade, pois que não devendo o ser senão a si mesma, não podia ella ser limitada por cousa alguma? O universo devia logo ser infinito, segundo esta doutrina. Admittir o principio e rejeitar a consequencia, teria sido loucura ou má fé. Se pois Epicuro os tivesse aper-

tado sobre esta tendencia para um centro commum, não se teriam elles tambem embaraçado tanto em explicar o que é este centro, quanto Epicuro o estava em dar a razão da declinação de seus atomos?

Se os elementos conseguir não podem
Pela declinação um certo abalo,
Que ouse romper o accordo dos destinos,
E, de infinita lei zombando, vede
Que de tal causa certa causa nasça;
D'onde vem, pergunto eu, d'onde que no orbe
Vontade firme os animaes possuam,
Pela qual conseguimos ir, e vamos
Onde levar nos queira o nosso gosto?
v. 296.

Causa surpreza que Epicuro funde a liberdade humana na declinação dos atomos. Pergunta-se se esta declinação é necessaria, ou se é simplesmente accidental: necessaria, como a liberdade pode ser d'ella o resultado? Accidental, quem o determina? Porém muito mais admirado se deveria ficar de que lhe viesse á idea fazer o homem livre em um systema que suppõe uma encadeação de causas e de effeitos. É uma indagação assaz curiosa que razão poude fazer de Epicuro o apostolo da liberdade. Não achando esta razão nos principios que professava, preciso era buscal-a fora do seu systema. Parece que d'ella se pode entrever

alguns rastos na definição que dá aqui Lucrecio da liberdade, e em particular n'este verso — *fatis avolsa voluntas*, — que aqui se traduz — *vontade firme* — *de infinita lei zombando.* — O fim de Epicuro era tornar o homem independente do destino. O destino, esse ente abstracto, metade philosophico, metade theologico, de que os pagãos só tinham ideas mui confusas, que se tomava, segundo diz Seneca, ora por um deus, ora pela natureza, era em todas as religiões antigas uma divindade destruidora do livre arbitrio, que determinava irresistivelmente as vontades humanas, e que punia com severidade barbara os crimes que ella mesma tinha feito commetter. Era para desviar a torrente d'esta fatalidade que os homens immolavam victimas, levantavam altares, construiam templos, instituiam todos os dias novas ceremonias religiosas, ainda que mui persuadidos de que não podiam com seus sacrificios mudar os decretos irrevogaveis do destino. Era-se pois escravo em todas estas religiões. Eis aqui porque Epicuro olhou o dogma da liberdade como um dos signaes distinctivos do atheismo, e quiz alcançar victoria contra o destino, arrancando-lhe, por assim dizer, a liberdade humana, de que elle se havia apoderado. Eis aqui o que Lucrecio quer dizer por estas palavras — *fatis avolsa voluntas* — isto é, *vontade firme zombando de infinita lei.*

Vamos tratar agora do que sejam
Os elementos de que os corpos constam
Quanto á figura e forma em si diversas.
Não que hajam muitos em que seja varia
Essa forma; porém os corpos todos,
Que d'esses elementos se construem,
Nunca formas iguaes nos apresentam.
v. 410.

Não se pode duvidar que n'esta passagem, como em varias outras, o poema de Lucrecio offerece duvidas, que muito mortificam. É mais provavel que ellas ali se hajam introduzido por erros dos copistas. N'este caso os mais ajuizados commentadores, e os mais habeis traductores, á testa dos quaes a opinião geral colloca Lagrange, de quem se vertem estas notas, assim como de cuja versão muito partido se tirou n'esta versão poetica portugueza, tem procurado aplainar essas duvidas, mesmo corrigindo a expressão do texto, pondo-a de accordo com o geral da doutrina corpuscular de Epicuro: essas correcções acham-se na minha versão até onde eu pude, auxiliado por Lagrange e por Creech. Com este resguardo lea-se a nota seguinte de Lagrange.

Tendo Lucrecio já tratado de algumas das qualidades dos atomos; a saber, de sua solidez, de sua indivisibilidade, e de sua eternidade no 1.º Canto; e n'este 2.º da sua gravidade, e das leis de seus movi-

mentos; seria ridiculo fazer-lhe dizer — *passemos agora ás qualidades dos atomos*, traduzindo assim o

Nunc, age, jam deinceps cunctarum exordia rerum
Qualia sint..................

Lucrecio diz aqui tambem que os atomos são dotados de uma multidão incrivel de figuras, dizendo o contrario mais adiante, assegurando que corpusculos tão pequenos como os atomos não podem ser susceptiveis de um grande numero de figuras. Eis duas passagens contradictorias, em que é preciso escolher uma. Gassendi, que de certo entendia perfeitamente a doutrina de Epicuro, sustenta que o numero das figuras é incrivel nos atomos; porém a passagem do 1.º Canto

Ora, sendo das coisas os principios
Em numero maior que as lettras, podem
Mais copia de entes produzir do que ellas.

não significa, como já dissemos, que as figuras dos atomos são em muito maior numero que as lettras do alphabeto: mas sim que os atomos, além da figura, são tambem auxiliados, para a formação dos corpos, por grande numero de outras circunstancias que devem produzir grande variedade nos resultados. Quanto ás figuras dos atomos, Lucrecio, mui distante de reconhecer-lhes um grande numero, não parece admittir-lhes mais de tres ou quatro especies.

De certo, em corpo de tão tenue vulto,
Muito as formas variar não é possivel.

Agora, em partes minimas suppõe-no
Dividido, tres, quatro ou mais que sejam. . .
Cant. 2.°, v. 603.

Além d'isso, a razão que Lucrecio apresenta da differente configuração dos atomos, nada prova uma vez que seja bem meditada; pois que todos os corpos que percebemos, por mais tenues que os suppunhamos, já tem um certo gráo de composição. É esta a doutrina de Epicuro. Os mesmos elementos da luz, d'esse corpo tão subtil, não são, segundo Lucrecio, senão pequenas massas, pequenos feixes de atomos.

No entanto a luz, que raia o astro brilhante,
. . . .
E não tendo as particulas dispersas,
Mas em complexo mutuo e conglobadas,
Cant. 2.°, v. 167.

Não se falla de outra razão que Epicuro nem suspeitava, e que por consequencia não pode ser de peso algum para determinar como elle pensava a este respeito; isto é, com materia homogenea, como Epicuro a admittia, é necessario não somente que os atomos tenham uma e a mesma figura, mas ainda que todas as outras circunstancias sejam communs, que elles se penetrem, que se identifiquem, etc.

Pode-se oppor a mesma difficuldade ao systema de Spinosa, que só admitte uma substancia no universo; opinião contraria á experiencia e á razão.

Eis aqui em poucas palavras as razões pelas quaes Lagrange pensou ter direito de escolher, entre as duas

opiniões emittidas por Lucrecio, aquella que lhe pareceu mais conforme ao systema de Epicuro. Reduziu as figuras dos atomos a pequeno numero sem fazer caso do *quam longe* e do *multigenis* de Lucrecio.

Em summa, esta passagem no texto é mui embaraçada, e pensa Lagrange que ella contradiz manifestamente toda a doutrina de Epicuro, entendendo-se que Lucrecio falla dos atomos como a construcção e a ordem grammatical da frase parecem exigil-o. Diria que nunca os atomos são perfeitamente similhantes em tudo. Resultaria d'aqui que Epicuro admittia a heterogeneidade da materia, e acreditava ser impossivel que dois atomos tivessem perfeita conformidade em qualquer tempo. Isto é inteiramente opposto a seus principios. Persuadia-se elle, pelo contrario, que os mesmos atomos, arranjados de diverso modo, são os que formam o ceo, o mar, a terra, os rios, o sol, as searas, as arvores e as animaes,

Principios todos, que entre si dispostos,
E em relação com o universo mundo,
Movimentos reciprocos se prestam.
D'est'arte o ceo e a terra são formados,
O sol, o mar, os rios e arvoredos,
Os fructos e animaes. . . . .

Cant. 1.°, v. 1046.

Não pode pois ser aos atomos que esta passagem se refere: cumpre que Lucrecio falle dos corpos propriamente ditos, dos aggregados de atomos. Esta conjectura que esclarece esta passagem tão obscura, appoia-se em outra passagem d'este mesmo Canto 2.°

N'estes meus versos muitas vozes achas
Que são communs a termos numerosos;
Todavia entre si termos e versos
Quanto a elementos dissemelham muito.

Esta passagem, que é uma verdadeira repetição, refere-se manifestamente aos corpos já compostos. Assim esta versão portugueza, guiada por Lagrange, apresenta um sentido claro e em conformidade com todos os pontos da doutrina de Epicuro.

Mas de salientes angulos se ostentam,
Que as fibras nos titillam sem lesal-as.
Nas feculas, nas enulas contempla
O sabor que em taes classes as colloca.
v. 531.

A fecula é uma substancia reduzida a pó, lavada muitas vezes e secca, como é a fecula da bryonia, e o amido que é a fecula do trigo. Como substancia tal, privada de uma grande parte de seus principios activos e sapidos, pode produzir esta titillação agradavel que o poeta descreve aqui? A enula é de certo uma bella planta cuja haste se eleva muito, e cuja flor cor de oiro tem a forma de um sino; mas tem cheiro desagradavel, e sabor acre e amargo: é bom estomaquico, porém muito má comida. Lagrange avança que devemos confessar ou que não entendemos o que diz aqui

Lucrecio, ou que não sabemos nada nem da Botanica nem da Chimica dos antigos.

. . . . Os elementos
São limitados no variar de formas:
Se assim não fosse, já teriam elles
Infinita grandeza conseguido.
v. 599.

Esta passagem poderia dar a entender que Lucrecio suppõe todos os atomos do mesmo tamanho como os suppõe da mesma materia. Mas entende Lagrange que é melhor crer este verso alterado e corrompido do que tirar d'elle uma inducção tão contraria ao systema de Epicuro. Basta ter lido o que precedentemente disse Lucrecio quanto á maneira por que os objectos obram em nossos orgãos, para se ficar convencido de que é necessario, em seus principios, que hajam atomos maiores e menores. É pelos diversos tamanhos d'elles que o poeta explica porque a luz penetra o vidro, ao passo que a agua não pode abrir passagem pelos poros d'elle. Ver-se-há para diante que os elementos da alma são, segundo Lucrecio, os mais pequenos atomos da natureza, e aquelles de que resultam os simulacros da visão, são de uma tenuidade inconcebivel. Deve mesmo ter-se notado que a differença das figuras dos atomos depende, nos principios de Epicuro, da differença de sua grandeza : é n'este sentido que devem entender-se os versos

Agora, em partes minimas suppõe-no
Dividido, tres, quatro ou mais que sejam;

Finalmente, se a Epicuro se objecta que os atomos mais volumosos tornam-se divisiveis e perdem desde logo a sua qualidade de atomos; responde elle que ainda que os atomos sejam corpusculos insensiveis á vista, e de incrivel tenuidade, não é todavia em sua pequenez precisamente que se funda a sua indivisibilidade, como o pretendiam os atomistas seus predecessores, mas em sua solidez, e em sua privação de vacuo. Se acaso se lhe objecta, em segundo logar, que as differentes figuras dos atomos se oppõem ainda á sua indivisibilidade porque as suas pontas, os seus angulos, os seus ramusculos podem mais facilmente quebrar-se em razão de sua pequenez; responde elle que essas particulas salientes estando desprovidas de vacuo, do mesmo modo que a propria massa dos atomos, não correm risco algum, pois que é com o auxilio do vacuo que pode ter logar a dissolução dos corpos.

Venha primeiro a terra..........
....
D'aqui provém que todos a proclamam
Dos deuses mãi, dos animaes, dos homens.
v. 746 — 760.

A terra, diz Lucrecio, foi a primeira que pronun-

ciou oraculos em Delphos. A linguagem dos oraculos era obscura e enigmatica. Não quereria Luciano dizer-nos com isto que foi a maneira occulta e mysteriosa com que a terra procede em suas diversas producções, que levou os homens a fazer d'ella uma deusa, e a dirigir-lhe os seus respeitos? Não será isto que Lucrecio quer dizer por este verso tão sublime que será explicado em uma nota d'este Canto,

Munificat tacita mortales muta salute?

Não será esta finalmente a causa do silencio mysterioso que reinava nas cerimonias escondidas da boa deusa? Com effeito, reflexionando sobre isso, ficaremos convencidos que foi mais a ignorancia do que o temor que multiplicou tanto os deuses do paganismo. O homem, nascido orgulhoso, consola-se, por assim dizer, de sua fraqueza, tendo como sobrenatural o que não entende. Os primeiros homens, barbaros, grosseiros, occupados do cuidado unico de buscar alimentos, gosavam das producções da terra sem perguntar-lhe por que mecanismo interior ella tinha feito crescer e desenvolvido os germes entregues á sua fecundidade. Não vemos nós ainda hoje que os lavradores, esses homens infatigaveis, que cooperam todos os dias com a terra para a subsistencia do genero humano, são de todos os homens aquelles que conhecem melhor os resultados, e os que mais ignoram os processos interiores? Mas quando a Philosophia, que em sua origem não era mais do que a mesma Theologia, começou o estudo da natureza pelo exame dos objectos os mais visinhos e os mais familiares; quando ella notou em

todas as producções terrestes um encadeamento de causas e de effeitos concorrendo para um mesmo fim, obedecendo a leis constantes e invariaveis, e tendo o caracter de um plano intelligente e regrado; quando, querendo sondar mais por diante, ella percebeu que a fraqueza dos orgãos humanos não podia seguir um andamento tão fino e tão delicado, nem bastar a tantos detalhes complicados, a tantas modificações imperceptiveis; a intelligencia divina veio ser, digamol-o assim, o supplemento da intelligencia humana. Pensouse que a terra era dotada de uma razão sobrenatural. Foi adorada como uma divindade beneficente, que se dignava presidir a tantas operações admiraveis para a felicidade dos mortaes. A sua intelligencia foi adorada sob os nomes de *Forma*, de *Natureza plastica*, de *Alma divina*. Não tardou que não fosse subdividida em tantas intelligencias particulares quantas eram as differentes producções que ella encerrava, e cujo mecanismo era ignorado. D'aqui provieram as nymphas, os faunos, os sylvanos, etc. D'aqui se originaram as metamorphoses, e a metempsycose que não deixa de ser uma especie de metamorphose.

MÃI IDEA *lhe chama inteiro o mundo,*
Bandos de phrygios dá-lhe por cortejo;
. . . .
. . . . *Crem que a seguem*
Castrados sacerdotes, indicando

Que são de dar á luz progenie indignos
Os que o respeito maternal quebrarem,
Os que a seus proprios pais ingratos forem.
v. 778 — 182.

Estes sacerdotes de Cybele, chamados *gallos*, vinham em grande quantidade da Phrygia para o imperio romano. Os antigos transmittem-nos como vagabundos, fanaticos e miseraveis cujo furor era muitas vezes temivel. Todos traziam uma pequena imagem da mãi dos deuses; andavam pedindo para ella; deitavam sortes, faziam o officio de advinhadores, e liam a *buena-dicha*. A sua castração, ou talvez circumcisão em honra de Atys, e o seu ponto de reunião em Hicropole, fazem-os considerar como algum resto de antiga ordem de penitentes, se acreditarmos o autor da Antiguidade descoberta.

Elles então ruidosamente rufam
Apertado tambor, ocò timbale;
Impellem da trombeta retrocida
Clangor minaz; e co'a cavada tuba
Em phrygios sons os animos concitam.

Mui longe estou de cuidar que transportei com a devida propriedade para a lingua portugueza n'esta passagem os versos de Lucrecio, que constituem a mais brilhante onomatopeia de que há memoria na lingua

latina e na lingua grega. N'algumas linguas modernas que me são conhecidas, nada igualmente conheço que se lhe possa comparar:

Tympana tenta tonant palmis, et cymbala circum
Concava, raucisonoque minantur cornua cantu,
Et Phrygio stimulat numero cava tibia mentes,

Limitei-me a deligenciar o transporte das ideas do poeta: o das palavras julguei impossivel, ao menos para mim. O *tympanum* era um coiro delgado, estendido sobre um circulo de páo ou de ferro, sobre que batiam quase como ainda fazem os nossos pelotiqueiros: é rigorosamente um pandeiro sem chapas, um meio tambor; por isso está posto com este nome n'esta versão. O *cymbalum* era mais pequeno que o nosso timbale e tinha uso differente. A corneta instrumento curvo, e a trombeta instrumento direito, ambos de vento, além de outros usos, animavam as tropas durante o combate. O modo phrygio era um dos quatro principaes e mais antigos modos da musicn dos gregos: o seu caracter era fero, ardente, impetuoso, vehemente, terrivel: era, segundo Atheneu, no tom ou modo phrygio que se tocavam as trombetas e os outros instrumentos militares.

Em quanto pois da deusa a muda estatua
Passeada nas cidades populosas
Immensos mimos em segredo espalha;

Dos dois versos latinos, a que estes correspondem, passa o segundo como gosando de uma nobreza e de uma energia que mui difficilmente se podem verter bem. E de certo,

Ergò cum primum magnas invecta per urbes
Munificat tacita mortales muta salute;

não acho dignamente vertidos em nenhuma das tres versões poeticas que tenho defronte de mim, e que me parece serem as unicas que existem fora a portugueza que hoje publico.

Marchetti diz:

Or tosto ch'ella entro le gran citadi
Vien portata; *di tacita salute*
Muta arricchisce gli uomini mortali:

Lagrange avança que as passagens mais difficeis de Lucrecio, vertidas por Marchetti palavra por palavra, não são mais intelligiveis na traducção do que no texto; visto que a lingua italiana se presta com toda a facilidade ás inflexões da lingua latina. Verifica-se esta asserção n'esta passagem e em muitissimas outras, em que não vejo desentranhar das expressões latinas as imagens que n'ellas se encerram.

Le Blanc de Guillet diz:

Vois-tu, dès qu'elle arrive en sa magnificence,
Et, d'un regard muet, appelle l'abondance,

Não se pode ser mais pobre querendo exprimir-se uma tão grande opulencia.

Mr. de Pongerville diz:

Tandis qu'en nos remparts la muette déesse
Des credules mortels console la faiblesse,

Admira que este illustre versificador, que tão pouco caso faz da habilidade poetica de Le Blanc de Guillet, seu immediato antecessor n'esta honrosissima empreza, fique, na versão d'esta passagem, e na de muitas outras, em tão triste situação como elle: o sublime *munificat tacita salute* é igualmente para ambos intraduzivel. E o que admira mais é que Mr. de Pongerville, repetindo na nota a este verso as reflexões de Lagrange, não se aproveitasse d'ellas para levar a sua traducção á altura do texto.

As reflexões de Lagrange são as seguintes. As palavras *tacita* e *muta*, que apresentam ideas tão oppostas, fazem com *munificat (munus facere)* um contraste cheio de bom senso e de verdade. Eis aqui os quadros que Lucrecio reune em um mesmo verso. De um lado a terra parece fazer ostentação dos beneficios que prodigalisa aos homens pela magnificencia com a qual se vê que ella veste de verdura os prados, esmalta de flores os campos, estende por toda a parte os mais ricos e os mais variados tapetes, tinge do mais vivo incarnado os fructos de toda a especie, levanta até aos ceos o cimo das maiores arvores, em fim estuda, por assim dizer, como há de ornar todos os pontos da sua superficie com a arte a mais esmerada. Mas de outro lado os meios que ella emprega para fazer todas estas maravilhas, ella mesma nol-os occulta com o maior cuidado. Não vemos nem os progressos lentos das rai-

zes no seio da terra, nem a desenvolução das sementes, nem a secreção das moleculas nutritivas, nem a introducção dos succos nutrientes nos cannaes dos vegetaes, nem a circulação d'estes mesmos succos na hastea das plantas ou no tronco das arvores. A terra tem pois, digamol-o assim, como a Philosophia antiga, a sua parte exoterica que ostenta faustosamente aos olhos de todo o mundo, e a sua parte esoterica que ella reserva e occulta dos olhos os mais attentos.

Eis aqui provavelmente a razão por que no culto de Cybele haviam ao mesmo tempo festas de pompa, como a procissão descripta por Lucrecio, e os mysterios occultos de que os profanos eram excluidos, e de que o segredo era a primeira lei.

Deixo aos entendedores o julgar se eu comprehendi aqui bem Lucrecio, e se exprimi, segundo o sentir de Lagrange, a totalidade da acção da terra tanto na parte exoterica como na parte esoterica.

Um esquadrão armado, a quem os gregos
O nome deram de curetes phrygios.
v. 802.

Os *curetes* eram tidos como os mais antigos ministros da religião. São representados como homens entregues á contemplação. Diz-se que eram em Creta o que os magos eram na Persia, os druidas nas Galias, os salios e os sabinos entre os romanos. Attribue-se-

lhes a invenção de algumas artes e de algumas dansas sagradas que elles faziam todos armados ao ruido tumultuoso de tambores, de gaitas, de campainhas. Elles batiam com as espadas nos escudos enchendo-se assim de divino furor que infundia respeito no povo atemorisado. Foi isto, segundo Strabo, o que lhes fez dar o nome de *corybantes*. Havia-os em Creta, na Phenicia, na Phrygia, em Rhodes e por toda a Grecia. Luciano diz que elles faziam incisões em si. Uns corriam desgrenhados por precipicios, outros uivavam, e batiam em tambores e timbales. Por fim mutilavam-se em honra de Cybele desesperada pela morte do seu Atys. Além d'isto, faziam jejuns rigorosos, em que nem mesmo comiam pão.

Pois que este facto te provei com factos,
Vou a theoria d'elle expor-te agora.
v. 960.

O verso a que estes correspondem,

Quod quoniam vinco fieri, nunc esse docebo.

está escripto com toda a precisão, e com a propriedade de expressão levada a quanto é possivel. A palavra *fieri* refere-se á experiencia que julga pelos factos: a palavra *esse* refere-se ao raciocinio que calcula as possibilidades segundo a essencia conhecida das coisas:

vinco convém ainda á experiencia que convence os espiritos, que triumpha do assentimento: *docebo* cabe á marcha methodica do raciocinio.

Quando a pupila a cor percebe branca,
Dado contacto então de luz acceita;
Outro, quando a cor negra se lhe mostra;
Quanto ás mais cores lhe succede o mesmo.
v. 1038.

Esta passagem é notavel porque faz ver que Epicuro considerava a visão como um tacto de certa especie. Ver-se-há no 4.º Canto que as outras sensações são tambem referidas ao tacto em seu systema. O tacto é pois, segundo elle, o sentido por excellencia, o mais geral de todos os sentidos. De certo, entre os entes que tem, ou a que nós attribuimos sensibilidade, alguns há que parecem privados de vista, outros que parecem não ter ouvido, nem olfato. Mas não há um só a que a natureza tenha recusado o tacto. Eis provavelmente a razão pela qual Lucrecio exclamou com tanto enthusiasmo n'este Canto v. 539

O tacto, o tacto, oh numes sacrosantos,
Que é o sentido universal do corpo...

Temos porém a confessar agora
Que os corpos todos que sensiveis vemos,
De insensiveis moleculas se formam.
v. 1106.

Entre os systemas sem numero imaginados pelos antigos para a solução do famoso problema da sensibilidade, há sobre tudo dois que merecem ser notados, o de Aristoteles e o da *harmonia* refutado por Platão no seu Timeo, e de que haverá occasião de fallar mais amplamente no 3.º Canto.

Aristoteles, imbuido do principio da grande alma do mundo, persuadido que os astros, o sol, a lua, a terra, as estrellas, todos os grandes corpos da natureza são animados, e que sua alma ou sua *forma* (porque uma e outra são seguramente a mesma coisa nos principios d'este philosopho) é uma substancia, ou, como se diz nas escolas, uma *entidade* distincta d'elles, reconhecia estas duas coisas, a *materia* e a *forma*, não somente nas grandes partes do mundo, que elle considerava como outras tantas divindades, não somente nos homens e nos outros animaes, mas ainda nos vegetaes, nos mineraes, e nos corpos os mais brutos e os mais estranhos á sensibilidade. Esta forma substancial, de que se fez tão grande crime a Aristoteles, não era logo, como se tem entendido commummente, a figura ou a disposição exterior das partes; mas uma alma, como a alma que Thales dava ao alambre e ao

iman: isto é, uma porção d'essa grande alma do mundo, cuja sensibilidade, essencialmente perfeita, pois que era a propria sensibilidade elementar, era mais ou menos restringida segundo a organisação dos corpos onde ella se achava presa. Torna-se a repetir, o systema de Aristoteles não era tão absurdo como o tem feito. Partia é verdade de um principio falso; mas elle avançava de consequencias em consequencias a um erro que não podia ser senão o de um homem de genio.

No systema da *harmonia*, pelo contrario, tinha-se a sensibilidade, não como a propriedade de um ente distincto da materia, mas como a modificação da propria materia, que de certo não se manifesta em todos os corpos, mas que n'elles é contida *virualmente*, que, similhante á gravidade, é algumas vezes suspendida por obstaculos, mas que luta sempre, e nunca se aniquila. Segundo este principio acreditava-se que os elementos da materia eram susceptiveis de sensibilidade, mas que esta sensibilidade, não sendo desenvolvida, nem posta em acção por uma aggregação, era como nulla; que nos outros corpos brutos havia certamente uma aggregação, mas não era tal que d'ella podesse a sensibilidade manifestar-se; que só nos animaes, nos homens e nos deuses a organisação fora de tal modo arranjada que d'ella resultava uma sensibilidade que se chamava *harmonia*.

Eram estes dois systemas unicos que prescreviam á natureza uma marcha regular e uniforme; um fazendo decrescer pouco a pouco a sensibilidade desde o primeiro ente até ao ultimo, de sorte que mesmo n'este não fosse ella nulla; a outra fazendo-a nascer por gráos

desde o atomo bruto até chegar ao seu maximo nos entes os mais perfeitamente organisados. Estes dois systemas tinham entre si mais relações do que se julga: admittiam ambos um principio de sensibilidade em todos os entes: só differiam em que n'um esta sensibilidade era o resultado de uma entidade distincta da materia, no outro não era mais que a propria materia modificada. Eis aqui o que podiam imaginar de mais rasoavel homens que não eram esclarecidos pela revelação, que não sabiam que Deus, tendo creado o homem á sua imagem, e os outros entes para uso d'este, tirou de certo modo uma linha de demarcação entre este e elles, animando o homem com um sopro do seu espirito divino, e deixando ás outras creaturas só materia bruta e inanimada.

O que da terra havia antes sahido,
Segunda vez se restitue á terra;
O que proveiu das ethereas plagas,
Nos edificios do ar entra de novo.
v. 1295.

Os habitantes do Indostão não enterram os seus mortos, mas queimam-os. Expõem-os no chão á borda de um rio, e o bramine que preside a esta cerimonia, resa assim: — «Oh terra, nós te recommendamos este «homem que foi nosso irmão em vida; tu fazias parte «d'elle; foi elle formado de tua substancia, e susten-

«tado de teus succos; eil-o ahi morto, nós to restitui-«mos.» Depois cerca-se o corpo de materias combustiveis que se accendem com auxilio de azeite, e sobre as quaes se lançam perfumes. Então o bramine diz: —«Oh fogo, em quanto este homem viveu, esteve «submettido á tua acção; foi teu calor benefico que o «animou; torna a receber e purifica os seus despojos.» — Quando o cadaver está consumido, jogam-se as cinzas para o ar, e o bramine continua assim a resa: — «Oh ar, é com teu auxilio que este homem viveu e «respirou; agora que deu o ultimo suspiro, nós te «restituimos os seus restos.» Em fim, quando as cinzas cahiram na agua, o sacerdote acaba n'estes termos: —«Agua salutar, tua humidade sustentava os mem-«bros de nosso irmão em vida; recebe a parte de suas «cinzas que te pertencem.» Vid. Lord. Hist. da religião dos Banianes, cap. 9.°

Depois do nascimento do universo.
Já formados o sol, a terra, os mares,
v. 1412.

Em todas as edições de Lucrecio, antes da que dá Lagrange com a sua versão, estava, antes do paragrapho que começa por estes dois versos, o paragrapho que o mesmo Lagrange põe no fim do Canto, e que começa no texto

Quæ bene cognita si teneas, natura videtur
Libera cantinuo, dominis privata superbis,

Fez elle esta deslocação, que tem sido seguida por todos depois d'elle, pelas razões seguintes. É elle (este paragrapho) uma recapitulação de tudo que o poeta tem dito, sendo consequentemente aqui mui deslocado, pois que ainda não acabou de provar que há uma infinidade de mundos. Esta transposição provém de que se não tem entendido esta passagem, que é de uma Philosophia profunda. Para provar que o nosso mundo não é um individuo unico, Lucrecio pretende que não há na natureza nenhum animal unico na sua especie, o que o leva a comparar o nosso mundo a um grande animal que, tendo necessidade de alimentos para conservar-se, deve necessariamente morrer quando as reparações não forem proporcionadas ás perdas. Por pouca que seja a attenção que se faça, ver-se-há que todo este pedaço

Depois do nascimento do universo, etc.

não é mais que a desenvolução dos quatro versos precedentes

E que finito termino de vida
E propriedade de nascer lhes cabem
Como nas outras castas acontece
Que de entes numerosos se ataviam.

e que o pedaço intercalado

Se tu d'estas verdades bem te apossas,
Terás logo por livre a natureza,
De senhores altivos isentada...

que tão grande confusão lança nas ideas do poeta, só subsistiu por tanto tempo no logar d'onde Lagrange o tirou porque em nada se entendeu o raciocinio de Lucrecio.

Depois do nascimento do universo
. . . .
Ficaram-lhe por fora em roda addidos,
E pela força universal dispostos
Como sementes, atomos immensos:
D'aqui a terra e o mar augmento adquirem;
D'aqui se elevam tanto acima do orbe
Dos altos ceos os lucidos palacios,
E do ar as amplas massas se renovam.
v. 1412.

Eis aqui uma passagem que Gassendi e os outros commentadores de Lucrecio não consideraram assaz, e merecia-o de certo porque é fundamental, e porque serve para explicar muitos pontos da Philosophia corpuscular. Epicuro acreditava que não somente o nosso mundo, mas tambem todos os outros mundos cujo numero elle suppunha infinito, eram rodeados de uma especie de atmosphera de atomos exteriores, como o nosso mundo está rodeado pelo ar. Estes atomos ex-

teriores postos nos intermundios, isto é, nos intervallos de um mundo ao outro, tinham differentes usos. O primeiro era alimentar os mesmos mundos, incorporando-se á sua substancia, para reparar-lhe as perdas, como vemos o ar disseminar-se em todos os corpos do nosso globo:

Do choque por auxilios se repartem
Dos pontos todos todos os principios
Indo unir-se aos que são de igual especie.
v. 1411.

O segundo uso era impedir por meio de seus choques continuos a dissolução dos atomos constitutivos de cada mundo que, sem esta pressão exterior, se teriam desligado, separado, dispersado no vacuo. Eis aqui o sentido d'estes versos do 1.º Canto que ninguem ainda entendeu.

Nec plagæ possunt extrinsecus undique summam
Conservare omnem, quæcunque est conciliata.

Nem por effeito de exterior impulso
Este universo conservar podia
A ordem que n'elle confirmada vemos:

Lucrecio não nega que o choque dos atomos possa segurar o mundo; mas pretende que a materia seja infinita para que os choques d'ella sejam bastantes para isso. O terceiro uso d'estes atomos exteriores era constituirem, por assim dizer, um meio de communicação entre um mundo e outro, servindo de ve-

hiculo a suas emanações reciprocas. É n'este sentido que se deve entender a passagem do 6.° Canto, em que Lucrecio diz que nós temos talvez em algumas epocas em nosso mundo nuvens que vieram de um mundo estranho.

Notamos de passagem que a doutrina da infinidade dos mundos agradava tanto a Lucrecio, que elle falla, por assim dizer, de um mundo estranho como teria fallado de uma provincia do imperio romano.

Era provavelmente esta persuasão, em que elle estava da infinidade dos mundos, que o fazia tão pouco difficil sobre os systemas de Physica, julgando que a combinação que se não offeitua em nosso mundo pode ter logar em um dos mundos infinitos.

Assim, d'este universo hão de as muralhas,
Por seus lados diversos combatidas,
Cahir em pleno estrago, desfazer-se:
v. 1471.

Quase todas as seitas dos philosophos se reuniam para crer não somente que o mundo havia perecer um dia, mas tambem que elle se approximava do seu termo. O sabio Platão predizia o perecimento do mundo. O grave Seneca fazia as suas delicias d'esta funebre contemplação. Os primeiros Imperadores de Roma, vendo a sua capital e o seu imperio perturbados por estas ideas lugubres, expulsaram de Roma e da Italia os philosophos e tambem os mathematicos e os chal-

deos. A religião christã aproveitou avidamente este dogma terrivel. São Cypriano (*ad Demetr*) diz quase palavra por palavra o que Lucrecio diz aqui. — *Scire debes jam mundum non illis viribus stare quibus ante steterat; nec eo robore valere quo ante prævalebat*, etc. D'aqui provieram esses calculos, essas predicções que tem enchido de terror todos os seculos a cada renovação de periodo. Cria-se um dever desprender-se de antemão dos bens d'este mundo; levavam-os aos pés dos novos pregadores que annunciavam o proximo reino dos ceos, e imaginava-se imitar assim os primeiros fieis que tinham levado os seus aos pés dos apostolos. No emtanto a epoca fixada para a destruição geral chegava. O mundo ia subsistindo sempre; mas não se desenganava. Principiavam-se novos calculos, pensando-se haver-se enganado nos primeiros, e as gerações não cessavam de transmittir de umas ás outras terrores periodicos. Este fermento apocalyptico subsiste ainda em nossos dias. Há ainda hoje fanaticos que determinam a vinda do grande propheta Elias e a do Antechristo Uma policia esclarecida, que o fanatismo illude muitas vezes, deve reprimir um tal fremento capaz de mudar a face das sociedades.

Certamente, penso eu, as proles viras
Não baixaram do ceo por aurea corda,
Nem foram pelos mares produzidas.

v. 1484.

Os primeiros Theologos gregos pensavam que os homens haviam nascido do mar. Platão diz no seu *Theotus* que esta doutrina era muito antiga. Com effeito, era a de Thales, o primeiro dos sete sabios da Grecia. Eis aqui porque Homero faz nascer do oceano todos os deuses, isto é, da materia liquida.

Do Oceano e Tethys nos provém os numes.

Eis aqui a opinião em que se fundava a fabula de Venus sahindo da escuma das aguas. Eis aqui a etymologia do nome de Rhea, essa deusa da idade de oiro, isto é, da primeira geração dos homens. É ainda por aqui que se pode explicar o culto que quase todos os povos da terra tem dado á agua. Os egypcios tinham um deus *Agua*, que representavam por um vaso que se enchia de agua em certas solemnidades, que se adornava com esmero, e que se punha sobre uma especie de estrado ou altar afim de expol-o á veneração dos povos. As antigas nações da Italia iam uma vez por anno ás margens do lago *Cutilio*. Faziam ali sacrificios, e celebravam mysterios ou cerimonias secretas. Em Roma os pontifices iam, acompanhados das vestaes, ás margens do Tibre, e faziam ali sacrificios a Saturno, o mais antigo dos deuses. Finalmente, eis ahi a razão por que a agua entrava em todas as cerimonias dos povos antigos. Servia ella para *effusões*, *libações*, *abluções*, *purificações*, e *expiações*; usos que se conservam ainda em uma infinidade de nações. Assim no estudo da antiguidade acham-se as opiniões philosophicas misturadas com os usos, e os usos com as opiniões philosophicas, e a Theologia com todos elles.

ARGUMENTO

DO

CANTO III.

Este canto é empregado todo inteiro em tratar da alma humana. Era o objecto essencial da Philosophia de Epicuro. É tambem aquelle para que Lucrecio parece haver ajuntado todas as suas forças. Depois de uma especie de invocação a Epicuro, como ao genio da Philosophia, cujo soccorro lhe é particularmente necessario n'esta parte do seu poema, faz sentir a importancia do objecto que vai tratar, appoiando-se em que a ignorancia, em que estão os homens sobre a natureza de sua alma, lhes inspira esse temor da morte que elle reputa a unica origem de todos os males e de todos os crimes. Depois entra em materia, e esforça-se para provar o seguinte. — 1.º Que a *alma* é uma parte real de nós mesmo, e não uma affecção geral da maquina, uma *harmonia*, como o tem querido alguns philosophos. — 2.º Que a alma forma uma mesma substancia conjunctamente com o *espirito* que reside no centro do peito, ao passo que a alma se espalha por todo o corpo. — 3.º Que um e outro são corporeos, ainda que formados dos atomos os mais subtís da natureza. — 4.º Que bem longe de serem simples, resultam pelo contrario de quatro principios, o *sopro*, o *ar*, o *calor*, e um quarto principio (que parece não ser outra cousa senão os *espiritos animaes)* a que o poeta

não dá nome, e que elle tem como a *alma de nossa alma*. — 5.º Que estes quatro principios são misturados e combinados sem poderem nunca obrar em separado, não sendo, digamol-o assim, senão differentes propriedades de uma mesma substancia, mas podendo cada um d'elles dominar mais ou menos, e que d'ahi nasce a differença dos caracteres. — 6.º Que a alma e o corpo são de tal modo unidos que não podem subsistir um sem o outro; mas que não deve crer-se, como pretendeu Democrito, que a cada elemento do corpo corresponde um elemento da alma. Depois de todos estes detailhes, chega elle ao seu fim, e procura provar que a alma nasce e morre ao mesmo tempo que o corpo, dogma impio que elle estabelece sobre trinta provas. Conclue d'aqui que a morte não é para temer-se, e que os homens não tem razão de se desesperar de um estado que os torna no que elles eram antes de nascerem.

A NATUREZA DAS COISAS.

CANTO III.

Honra da Grecia, que o primeiro ousaste
Soltar tão clara luz em trevas tantas,
Abrindo a estrada aos commodos da vida;
Eu te sigo, Epicuro, e passo a passo
Sobre os vestigios teus meu trilho afflongo.
Não que intente eu rivalisar comtigo;
Que andorinha disputa ao cysne o canto?
Ou como pode o tremulo cordeiro
Do soberbo frisão correr ao lado?
Mas como alumno teu me apraz seguir-te.

Oh genio creador, pai da sapiencia,
Tu nos franqueias paternaes thesoiros:
Nos ditos teus, como as abelhas libam
No florifero prado o mel cor de oiro,
Nós colhemos tambem aureas verdades,
Aureas e dignas de renome eterno.
Mal que a tua razão clamou sublime
Que os numes o universo não crearam:
Da alma logo os terrores se sumiram,
Ao mundo ampliou-se o circulo dos muros,
E a creação surgir vejo no espaço.
A quieta corte avista-se dos numes:
Aos repellões do vento não se abala,
A nuvem tempestuosa não a enluta,
Nem pelo frio cortador concretos
Da neve os brancos flocos a profanam;
Limpido ether ceruleo a envolve sempre
Cheio de luz, que resplandece ao largo.
A natureza lhes entrega tudo;
Nunca do animo a paz se lhes altera;
Jámais observam os tartareos antros;
Nem ver sob os seus pés a terra os obsta
No grão vacuo dos atomos as scenas.
N'estas meditações todo engolfado
Sinto tomar-me de prazer divino
Por ver que ao teu esforço a natureza
Descobriu por inteiro os seus arcanos.
Mostrei-te já dos atomos a essencia,
E quão differem entre si nas formas;
Como em voo veloz move-os no espaço

De tendencia espontanea o moto eterno,
E d'elles tudo assim crear-se pode.
Do animo, e da alma agora a essencia cumpre
Clarear nos versos meus e pôr em ruinas
O horrido medo do Acheronte avaro,
Que a vida humana no amago perturba.
Tudo da negra cor tinge da morte,
Nenhum puro prazer deixa gosar-nos.
Homens há que dirão que a doença e infamia
Devem temer-se mais que o horror da morte;
Que é igual á do sangue a essencia da alma;
E que as nossas lições lhes são inuteis.
Mas adverte que mais isto depende
De vã jactancia, ou de ambição de gloria
Do que da convicção, que a alma lhes encha.
Os mesmos homens se os proscreve a patria,
Se os mancha infame crime e vem-se ausentes
Da social vida, e os punge acerba magua;
Com tudo vivem onde a pena os leva:
Lá não se privam de funereas pompas,
Tiram sagrado sangue a ovelhas fuscas,
Aos deuses do orco, e aos manes sacrificam,
E com mais força n'elles o infortunio
A vã superstição as mentes volve.
Em perigoso lance, em sorte adversa
O homem observa, então é bem que o julgues,
Então do peito rompem-lhe as verdades,
Tomba a mascara, e vê-se ás claras o homem.
Das honras a ambição, o anhelo avaro,
Que obrigam tanto os miseraveis homens

A transcender as metas da justiça,
E a fazer crimes, ou soccorro dar-lhes;
Que noite, e dia os tem no affan penoso
Para em grandes riquezas se engolfarem;
São da existencia penetrantes golpes:
Mais que tudo os abria da morte o medo.
A indigencia, o despreso, o nome infame
Destroem a doçura e a paz da vida;
Quase que os julgam postilhões da morte:
Para d'elles fugir, e ao longe obstar-lhes
É que os homens, de futil medo opressos,
C'o sangue coterraneo as honras compram,
E, crimes sobre crimes cumulando,
Avidos multiplicam seus thesoiros;
Impios c'os funeraes do irmão jubilam;
Odeiam, temem parentaes banquetes.
Da morte o medo os invejosos rala;
Aqui se lhes antolha um em grandezas,
Cheio outro além de distincções brilhantes,
Em quanto elles no lodo e em trevas choram.
Parte por um vão nome, ou uma estatua
Perecem espontaneos, e bem vezes
Da morte o medo é tal que a alguns inspira
Tanto odio contra a vida e luz etherea
Que no insoffrido peito a morte entranham.
Olvidaram-se que essas ancias vinham
D'esse temor; que era elle o que furioso
Vexa a innocencia, as amizades quebra,
E que a piedade aos corações arranca.
Tem succedido aos infelizes homens

Os caros pais trahir, trahir a patria,
Para evitar a morte, e do orco as penas.
Quaes crianças, que de tudo hão medo á noite,
Taes nós de dia pavidos tememos
Iguaes ás delles illusorias sombras.
Com o raio solar, co'a luz diurna
Taes trevas, tal terror se não dissipa;
Mas c'o estudo tenaz da natureza.
O animo, ao qual de *mente* o nome damos,
Tem o principio em si das acções nossas,
E parte faz tão real de nós não menos
Que os pés, olhos e mãos. Em vão mil sabios
Crem que o animo logar não tem distincto;
Ma s que é theor, de que o corpo em vida gosa,
Ao qual os gregos *harmonia* chamam
Porque nos faz viver, não toma espaço:
Que do corpo não é parte a saude,
Porém sim da existencia uma das formas,
Sendo o animo de todo assim julgado.
Reputo este pensar um grande absurdo.
O corpo, embrulho externo, ás vezes soffre
Em quanto, no interior, prazer sentimos;
E, ao contrario, se afflige o animo ás vezes
Em quanto folga com saude o corpo.
Tal ás vezes a dor os pés invade
Sem que a cabeça lhe resinta o impulso.
De mais, se o brando somno occupa os membros,
E sem sentidos jaz prostrado o corpo;
Com tudo existe em nós quem n'esse estado
De mil modos se agita, e em si recebe

Afflictivas moções, moções ovantes.
Para veres que existe a alma nos membros,
E que *harmonia* tal não forma a vida;
Vê que, se privas de algum membro o corpo,
A vida sempre aos mais com tudo resta.
Mas se certo calor decresce um tanto,
Se algum mais ar expiras do que é dado,
Logo ella entrega á morte os orgãos todos.
Conclue pois que do organismo as partes
Em formas e usos entre si differem,
Que umas mais que outras nos sistém a vida:
E que são d'ella os principaes agentes
O ar, e o calor, que derradeiros fogem
Dos animaes os restos moribundos.
  Já que do animo e da alma achou-se a essencia,
E que são partes integrantes do homem;
A palavra *harmonia* volte aos gregos,
Que, faltos de expressões em novo assumpto,
Quiçá de occultas fontes a trouxeram,
Ou do arduo cume do Helicon sonoro:
Guardem-na elles; mas tu meu canto indaga.
  Da forte e estreita união do animo e da alma
Uma substancia identica resulta;
Mas n'ella o juizo, e em todo o corpo, impera,
A séde tendo no intimo do peito:
De animo e mente o nome dá-lhe o vulgo.
Ali o nectar do prazer gostamos,
Ali palpitam o terror e o susto:
Logo o vital principio ali se ostenta.
A alma se espalha pelos membros todos.

E cede, e move-se ao querer do juizo;
Elle, que, a só privilegiada essencia,
Comsigo folga, e se entretém comsigo
Quando do corpo e da alma o uso descansa.
Como olhos e cabeça ás vezes doem
Sem que o resto do corpo se resinta;
Assim o animo folga ou soffre ás vezes
Sem que se altere pelos membros a alma.
Porém se algum terror commove a mente,
Toda nos membros logo a alma se agita;
De suor e pallidez se cobre o corpo,
Turbam-se os olhos, e gagueja a lingua,
Retine o ouvido, morre a voz nos labios,
E relaxam-se languidos os membros:
Há vezes que o terror produz a morte.
Tão forte é a juncção do animo e da alma
Que ella transmitte as impressões ao corpo
Tão depressa lhas dê do animo o impulso.
  Do animo e da alma eis pois corporea a essencia:
Ao ver que elles os membros nos agitam,
Mudam o rosto, ao somno o corpo arrancam,
E quanto há no homem a seu grado regem;
Acções, que não existem sem contacto,
Contacto, que sem corpo não existe;
Ingenua confissão fazer não cumpre
Que ambos são de corporea natureza?
  Suas funcções c'o corpo a alma reparte,
Nunca sem elle as impressões precebe.
Se pelos nervos e ossos encravado
O horrido dardo nos não rouba a vida;

Languor com tudo nos invade os membros,
Suave pendor ao chão os arremessa,
E refreada ardencia, urdida na alma,
Dá-nos de nos erguer desejo dubio:
Da alma é logo corporea a natureza
Porque os impulsos ressentiu do dardo.
 Da alma a corporea essencia em que consiste,
Deque partes se forma, vou expor-te:
Ponho em principio que é dos homens a alma
De elementos subtis subtil composto.
Pensa, e vel-o-hás. Nada há que iguale a pressa
Com que a alma os planos seus lança e pratica.
Mais activo do que ella a natureza
Nenhum corpo ostentou: como é tão mobil
Devem formal-a globulos mui tenues,
Que a mais leve impulsão movel-os possa.
A agua, mal se tocou, bole e fluctua
Por ser de subtis atomos composta:
O mel, mais consistente, é mais inerte,
Corre com mais vagar, umas com outras
Melhor suas moleculas se prendem;
Porque estas, que as compõem, menos polidas,
Menos ligeiras são, menos globosas.
Semente de papoilas posta em rumas
A viração mais leve tas desmancha;
Mas nada pode a se lhe oppor de encontro
Feixes de lanças, marachões de pedras.
Mostram-se em proporção moveis os corpos
Ao polimento seu e tenuidade;
Porém são mais morosos quanto ostentam

Aspereza maior, maior volume.
  Sendo a alma de tão mobil natureza
Cumpre que seja de atomos composta
Tenuissimos, polidos, globulares.
Este principio, oh Memmio, tens de vel-o
Em muitas occasiões de util recurso.
  De outra experiencia se deduz qual seja
A tenue contextura e essencia da alma,
E o pouco espaço que encheria, havendo
Para se condensar possivel modo.
Quando no ocio da morte o homem se encer
Desamparado já do animo e da alma,
Vês que nada perdeu no peso ou forma:
Leva a morte o calor e o sentimento,
Tudo mais deixa intacto. Logo cumpre
Que a alma, unida ás entranhas, veias, ner
Seja de tenues atomos composta:
Pois que, do corpo se indo, resta o corpo
O mesmo em forma, em gravidade o mesmo
Quando o espirito ao vinho se evapora,
E dos perfumes no ar se esvai o aroma,
Ou dos manjares o sabor se perde;
Vinho, perfumes e manjares ficam
Tendo, aos de entes iguaes, peso e figura,
Porque os succos e aromas são dos corpos
As mais subtis e diminutas partes.
Concluo pois que da alma e animo a essencia
Mui tenues elementos a organisam,
Pois que, indo-se ella, o corpo é o mesmo em peso.
  Simples não julgues a substancia da alma.

Exhala o moribundo uma aura tenue
Com calor, e o calor traz ar comsigo,
Corpos por natureza unidos sempre.
Logo são raras do calor as partes,
E entre ellas do ar os atomos penetram.
  Eis da alma agora triplice a substancia,
Mas a criar sensações inda não basta:
Não concebe a razão que esse composto
Ideas forme, raciocinios teça.
Quarta substancia attribuir-lhe cumpre;
Não tem nome; igualar nada há que possa
Seus atomos polidos, moveis, tenues;
Della é que mana o sentimento, a vida:
De minimas porções ella composta
Agita-se a primeira, e o moto imprime
Ao ar, aura e calor de seu inertes:
Daqui resulta o movimento ao todo,
O sangue pulsa, sentem as entranhas;
Daqui nas osseas intimas medullas
O prazer ou a dor caminho se abrem.
  Turba-se tudo assim que a quarta essencia
Penetra a dor, ou bate um rijo impulso;
Não há sitio onde a vida se mantenha,
E da alma decomposta as partes rompem
Pelos meatos do corpo, que acham francos.
Porém as mais das vezes este impulso
Do corpo as superficies não transpassa,
Por isso á vida a duração se alonga.
  Agora de que modo, com que laços
Estas substancias entre si se prendam

Da vida os caracteres ostentando,
Prohibe-me, em contrario a meus desejos,
Expor-te a inopia do romance patrio:
Mas todavia, o mais que obter eu possa,
Dir-te-hei desses objectos o resumo.
Destas quatro substancias os principios
No mesmo espaço movem-se de accordo,
Nada há que possa um do outro separal-os:
São varias forças n'um só corpo unidas.
Como dos animaes há nas entranhas
Calor, sabor e cheiro proprios dellas,
De cuja união resulta um todo accorde;
Assim o ar, o calor, a aura latente
Só uma essencia combinados formam,
Na qual esse poder motor se ingere,
Do movimento imprime-lhe o balanço,
De sensações as visceras lhe dota.
Este poder motor, de todo occulto,
Dos nossos orgãos no intimo se entranha:
Nada há que mais de nós no amago esteja;
A propria alma em rigor é elle da alma.
Bem como intimamente se misturam
Do nosso corpo pelas partes todas
Do animo e da alma as tacitas substancias,
Visto que dellas entram na textura
Elementos tenuissimos e poucos;
Assim este motor, que não tem nome,
E de elementos minimos constando,
Jaz latente, domina em todo o corpo,
A propria alma em rigor sendo elle da alma.

Por igualdade de razões occorre
Que, posto o ar, o calor, a aura latente
Combinados no corpo a vida espalhem,
Podendo ser um mais ou menos que outros,
Sempre delles um todo em fim resulta.
Se do ar, aura e calor se perde o nexo,
Provém de tal desequilibrio a morte.
No animo as iras o calor accende;
Com seu ardente impulso ferve o sangue,
E o furibundo olhar faiscas solta.
A aura, substancia por extremo fria,
Do temor se acompanha, e delle á força
Membros e corpo em convulsões agita.
O ar, que tranquilla natureza assume,
De placidez nos enche o peito todo,
Pelo semblante nosso a paz dibucha.
O calor accumula-se naquelles
Que mostram coração muito irritavel,
E animo fero que de prompto se ira:
Á testa desta classe o leão figura,
Todo violencia, valentia todo;
Do peito horriveis urros lhe rebentam:
Da ira conter os impetos não pode.
A aura esfria nos veados os alentos,
Vapor gelado ás visceras lhes manda,
Com que lhes estremecem corpo e membros.
Pelo ar gosam os bões placida vida;
Nem da ira os pungem repellões accesos
Por entre turbilhões de cegas sombras;
Nem do pavor gelado os entorpecem

Os dardos que entram dentro das medullas:
O boi por tanto collocado fica
Entre o timido veado e o leão sanhudo.
Assim succede aos homens. Pode o ensino
As indoles polir de alguns d'entre elles;
Conserva-lhes porém sempre os vestigios
Que nelles poz a mão da natureza.
Nem de todo arrancar julgues possivel
As propensões que aos vicios nos compellem;
Nem que este deixe de entregar-se ás iras,
O outro de prompto succumbir ao medo,
Aquelle de pensar de um dado objecto
Com mais condescendencia do que é justo.
Entre si, sobre pontos numerosos,
Dos homens muito as indoles differem,
E os costumes que dellas se originam.
De phenomenos taes eu não me atrevo
Expor agora as escondidas causas,
Nem procurar os nomes tão diversos
Que ás figuras pertencem dos principios
Que dão de coisas variedade tanta.
Mas, em vista dos factos, não duvido
Poder dizer que tanto se atenuam,
Da razão pela força, pelo ensino,
Os vestigios que impoz a natureza,
Que nada nos impede o goso puro
Da vida que nos ceos os deuses passam.
A alma é contida pelo corpo todo;
Ella mesma o protege, ella o resguarda;
Uma unica raiz ambos segura;

Não pode um do outro, sem morrer, soltar-se.
Do mesmo modo que não é possivel
Do incenso á rama arrebatar o aroma
Sem por igual destrir-lhe a natureza;
A substancia tambem do animo e da alma
Não é possivel arrancar do corpo,
Sem serem logo aniquilados ambos.
Os elementos seus, desde que existem,
Entre si por tal modo se entrelaçam
Que a mesma vida de um é vida do outro.
Nada por si sem a alma o corpo vale,
Nada pode sentir a alma sem corpo;
Porém as acções de ambos combinadas
Accendem-nos da vida a luz nos orgãos.
Jamais o corpo de per si se gera,
Nem cresce, ou se mantém depois da morte.
A agua perde o calor que recebera,
Nem por isso se estraga; a mesma fica:
Porém os membros de que nós constamos
Não podem supportar a ausencia da alma;
Tão depressa ella os desampara, morrem;
Promptamente desfazem-se, apodrecem.
Desde o começo da existencia de ambos
A alma e o corpo a sentir se costumaram
Do vital movimento os mutuos choques:
Mesmo não pode no materno seio
A alma ausentar-se do corporeo embrulho,
Sem que de prompto se effeitue a morte.
Unem-se as causas da existencia de ambos,
De ambos unir-se a natureza deve.

Se alguem pois quer negar que o corpo sinta,
E crer que é da alma, pelo corpo exparsa,
Exclusiva funcção o sentimento,
Verdades ousa combater distinctas.
Alguem dirá — Mas como sente o corpo,
Se da alma unida co'elle é só que vemos
Do sentimento a acção manifestar-se;
Se do corpo se esvai o sentimento
Assim que se dá nelle a ausencia da alma? —
Deixa elle de sentir porque, na vida
Tendo perdido o que não lhe era proprio,
Perdeu na morte as relações por que elle
A faculdade de sentir gosava.
Dizer que aos olhos ver não é possivel;
Que elles, iguaes a portas encerradas,
Servem para a alma ver, é grande absurdo
Pelos proprios sentidos comprovado.
Delles para o eixo attrahe a acção dos olhos.
As imagens que assim nelle convergem.
Supportar não podemos luz activa,
Que os actos da visão tambem perturba:
Logo os olhos não são somente portas;
Se o fossem, susceptiveis não seriam
De causar na visão esses transtornos.
De mais, se dessas portas não passassem,
Melhor devia ver a alma sem olhos
Que estorvos só assim lhe apresentavam.
Não tenhas por verdade o que pretende
De Democrito a sciencia respeitavel,
Ensinando que os atomos nos membros

São tantos da alma como os há do corpo
Uns com outros unindo-se dest'arte.
Muito mais tenues são da alma os principios
Do que esses de que o corpo e os orgãos constam:
Em numero menor tambem os tenho,
E que raros nos membros se desparzem.
Assim pois quantos atomos do corpo
Capazes são de sensações formarem,
Tantos atomos da alma os acompanham:
Eis quanto assegurar nos é possivel.
Não sentimos o pó que a nós se prende,
Nem a cor com que ornamos o semblante,
Nem a nevoa nocturna, e as tenues teias
Que as aranhas nos lançam nos caminhos;
Nem sentimos tão pouco os seus despojos
Que cahem sobre nós a cada passo,
Nem as pennas das aves, nem os flocos
Que da sua substancia solta o cardo;
Corpos que todos lentamente descem
Pela leveza sua embaraçados:
Sobre a pelle passear-nos não sentimos
O tenue insecto que por ella roja,
Nem o mosquito que nos poisa nella.
Por tanto, muitos atomos corporeos,
De que consta dos membros a textura,
Em nós primeiro devem agitar-se,
Do que os atomos da alma tão dispersos
Possam de tal agitação sentir-se,
E de prompto occorrer para de accordo
Suas mutuas acções levar a effeito.

Para o edificio sustentar da vida,
Para da vida dirigir os actos,
O animo pode mais do que a alma pode:
A ella, um instante só, não é possivel,
Sem o animo e o juizo, estar nos membros;
Porém com elles de repente vai-se
Pelas regiões ethereas, e abandona
Da morte ao frio os membros regelados.
Sempre conseguem desfructar a vida
Os que do juizo e do animo se apossam;
Inda mesmo que o corpo se lhes trunque
Perdida a alma em redor, cerceos os membros,
Vivem, e inspiram nas ethereas auras
A pura flamma do vital fomento:
Se totalmente se não privam da alma,
Sempre conservam permanente a vida.
Podes os olhos lacerar em roda;
Porém se deixas a pupilla intacta,
Em todo o seu vigor mantém-se a vista:
Do olho não estragando o inteiro globo,
Poderás em redor cortar-lhe tudo;
Se lhe deixares a pupila illesa
Terás a vista sempre inalteravel.
Mas se a media região offendes do olho
Posto que tão pequena se afigure,
Não obstante que intacto e transparente
Nas outras partes o orgão se te mostra,
Morre subito a vista, e as trevas nascem.
Assim do animo e da alma as leis se ligam.
Sabe agora que os animos e as almas

Juntos c'os animaes nascem e morrem;
Verdades estas que muito há se estudam,
Que dulcissimo esforço em fim descobre,
E que eu te explano em sonorosos versos
Da attenção tua certamente dignos.
De ambas estas substancias resultando
Em rigor uma só por tão unidas,
Suppõe-nas tu no mesmo nome inclusas;
Da alma mortal quanto eu entenda expor-te,
Do animo observa que tambem te fallo.
Já demonstrado vem que atomos súbtis
Entram na formação da subtil alma:
Devem pois ser muito menores nella
Do que os atomos da agua, nevoa e fumo;
Pois que a mobilidade que lhes vemos
Pela mais leve causa mais se exalta;
Pois que se move tão depressa a impellem
Das nevoas e do fumo os simulacros;
E igualmente os que em sonhos divisamos
Quando o aroma das aras se evapora,
E se eleva das victimas o fumo;
Simulacros que são de taes objectos.
Assim, se vês de um vaso esmigalhado
A agua fugir que se continha nelle,
E a nevoa e o fumo por esse ar sumir-se;
Crê que de teor igual a alma se evolve,
E que perece muito mais depressa
Do que seus elementos se dissolvam,
Mal que dos membros todos se separa.
Quando arruinado por um dado impulso,

Ou de sangue por perdas inanido,
O corpo, que se mostra o vaso da alma,
Poderá por ventura em si retel-a
Do ar pelo auxilio, fluido inda mais rero
Que o mesmo corpo de sustel-a improprio?
  Vemos a alma nascer e o corpo unidos.
Crescer e envelhecer de igual maneira.
Tenro e sem forças é na infancia o corpo,
E os mesmos factos observamos na alma:
Assim que fortalece a idade os membros,
Amplia-se a razão, a alma se activa:
Quando o corpo dos annos cede á força
E os membros vão tremendo enfraquecidos,
Claudica o ingenho, a acção da lingua e da alma
Torna-se irregular, definha tudo
Tudo tambem ao mesmo tempo acaba.
Logo, então cumpre que a alma se dissolva,
Bem como o fumo, nas regiões dos ares;
Pois que igualmente com o corpo a vemos,
Como disse, nascer, crescer, sumir-se.
  De mais, como se vê que o corpo invadem
Intensas dores, afflictivas doenças;
Do mesmo modo se introduzem na alma
Duros cuidados, a tristeza, o susto,
Que a fazem por igual sujeita á morte.
  Nas doenças que do corpo a mole abalam
O animo a cada passo se transtorna;
Demente o mostra a falla delirante:
De olhos fechados, descahida a fronte
Outras vezes a torpido lethargo

Cede o corpo, e no entanto a alma se abysma
Na profunda mudez de somno eterno;
Não conhece as feições, a voz não ouve
Dos circunstantes que avidos se esforçam,
Em torrentes de lagrimas banhados,
Para lhe restituir da vida o goso.
Logo, se na alma penetrar consegue
O contagio da doença, é pois forçoso
Que se confesse real a morte da alma.
Do que nós somos, bem nos assegura
A perdição de tantos, e que é certo
Que *a doença e a dor a morte nos preparam*.
Por fim, do vinho quando a activa força
O homem domina, e seu calor intenso
Pelas veas disperso lhe circula,
Porque dos membros o gravame é tanto?
Porque tremem os joelhos, tarda a lingua,
Os olhos nadam, a alma se entorpece?
Porque se lhe ouvem gritos, pranto, injurias
E as mais desordens que a tudo isto seguem
E donde estes phonomenos dimanam,
Se não por que do vinho a activa força
Perturba a alma 'no corpo em que reside?
Assim pois, quanto se perturba e altera
De certo há de morrer, não mais durando,
Logo que o meio, que o circunda, o abale
Com violencia que de antes lhe era estranh
De mais, alguem por muitas vezes vemos
Com forte doença subita opprimido,
Aos impulsos do raio comparada,

Em redondo cahir, na boca escumas,
Tremor nos membros, suspiroso o peito:
Estirados os nervos se lhe torcem,
Arqueja, e em movimentos inconstantes
Os fatigados membros sempre agita.
Succede assim por que nos membros solta
Da enfermidade a força a alma confunde,
Como do mar as ondas escumosas
Dos rijos ventos pelo impulso fervem.
Então o afflicto corpo a dor comprime;
O gemido a traduz, pondo-se em massa
Quantos principios para a voz concorrem,
E assim unidos para fora rompem
Onde sahida usual se lhes franquea.
É a perturbação do animo e da alma
Que a demencia produz, quando despegam
Um do outro, compellidos de um só damno.
Mas tanto que da doença a causa afroixa,
Restituido aos canaes só proprios delle
O humor corrupto donde o mal provinha;
Começa o doente cambaleando a erguer-se,
E recobrando vai de pouco a pouco
Da razão toda e dos sentidos o uso.
Vê que por tantas doenças combatida,
Mais digna cada qual de lamentar-se,
A alma se agita no seu mesmo corpo:
Crerás que desse corpo então sahida
Póde ella subsistir desamparada
No meio do ar, exposta aos rijos ventos?
  Enfermam alma e corpo, e ambos se curam,

Ambos vemos ceder á Medicina;
A condição mortal prova isto na alma.
Mudar-lhe as normas, addições fazer-lhe,
Tirar-lhe partes, só assim se pode
Na alma que temos produzir mudanças,
Como ás outras substancias acontece:
Mas o que é immortal não lhe é possivel
Crescer com addicções, mudar de normas,
Nem perder a porção de menos vulto.
O que uma vez sahiu de seus limites
Morreu logo, deixou de ser o que era.
A alma, ou da doença no rigor labore,
Ou feliz Medicina a livre della,
Mortal como te disse, a essencia mostra.
Assim se oppõe aos erros a verdade,
Por prendel-os lhes feixa as portas todas,
E de seus sofismados argumentos
Toma a refutação, victoria alcança.
O homem ás vezes pouco a pouco vai-se,
E membro a membro as sensações o deixam.
Nos pés primeiro lividos se fazem
Dedos e unhas; depois caminha a morte
Pelos pés, pelas pernas; sobe, avança
E vai deixando o seu gelado trilho.
Como a alma se divide, e não lhe é dado
N'um mesmo tempo persistir inteira,
Por mortal desde então julgal-a cumpre.
Se encolher-se tu pensas que ella pode
Suas partes a um ponto dirigindo,
Juntando as sensações dos membros todos;

Neste ponto devia certamente,
Que em si concentra tantas forças da alma,
Ver-se de sensações maior effeito.
Mas como nada se percebe disto,
Deve ella, como se assentou ha pouco,
Para fora correr dilacerada;
Por consequencia é victima da morte.
Se por um pouco te concedo esse erro,
Que a alma se pode agglomerar no corpo
Dos que membro por membro vão morrendo;
Mesmo assim cumpre que mortal a julgues.
Nada importa de certo que ella morra
Ou nas auras ligeiras dispersada,
Ou contrahida em massa; ambos os modos
Mostram que as sensações a mais vão sempre
Do homem desamparando o inteiro corpo,
E lentamente se lhe some a vida.
  A alma do homem é delle uma das partes,
Em logar certo permanece fixa,
Aos ouvidos, aos olhos similhante,
E aos mais sentidos, que da vida os usos
Em tempos proprios entre si exercem.
Do mesmo modo que não é possivel
Que as mãos, olhos, nariz, de nós á parte,
De sensações e de existencia gosem;
Antes sim dentro de mui curto espaço
Apodridão miserrima succumbem:
Ter existencia e sentimento no homem,
Não pode assim tambem a alma sem corpo
Que certo é della o verdadeiro vaso,

Ou mais interno, mais potente nucleo,
Pois que uma só substancia ambos integram.
  A alma e o corpo entre si ambos unidos
Mostram de vida a duração e o nexo:
Não pode só por si a alma sem corpo
Dos vitaes movimentos occupar-se;
Privado de alma o corpo nunca pode
Usar dos orgãos seus, mostrar que vive.
Se da orbita arrancado, e ao longe posto,
De ver o olho perdeu a faculdade;
Seguindo o mesmo teor, nem alma e juizo
De per si poderão pensar, mover-se.
Pelas veas, entranhas, nervos e ossos
Do corpo na extensão contidos se acham
Os elementos seus, que nunca podem
De acção vital gosar delle afastados,
Acção que, inclusos nelle, manifestam;
Mas que, dispersos na região dos ares,
Do corpo ausentes já, completa a morte,
Mostral-a nunca mais lhes é possivel,
Pois que as antigas relações perderam.
O ar poderia ser corpo animado,
Se nelle a alma podesse contrahir-se
Para que a acção vital se executasse,
Como a mostrava o corpo antes nos nervos.
Logo por tanto, dissolvido o corpo,
E delle a aura vital sendo expellida,
É forçoso dizer que extinctos jazem
O nexo da alma, as relações do juizo,
Effeitos dois que liga uma só causa.

O corpo não supporta a ausencia da alma
Sem que apodreça e exhale odor corrupto:
Porque duvidarás que a alma se solte
Do intimo delle, similhante ao fumo?
E por ventura o tão enorme estrago,
Em que, da podridão prea asquerosa,
Transformado cahiu o inteiro corpo,
Não demonstra que da alma os elementos,
Que a construcção e o nexo lhe mantinham,
Deslocados agora se lhe escapam
Por quantas aberturas se lhe observa,
Por quantos poros nelle o facto mostra?
Repara pois que são as provas muitas
Da alma, em tenues particulas desfeita,
Abandonar a maquina de corpo,
Tendo antes sido decomposta nelle
E indo depois nadar no aereo fluido.
Muitas vezes tambem a alma se abala,
Inda dentro dos terminos da vida,
Parecendo que vai abandonal-os,
A causas poderosas succumbindo:
A maquina do corpo se relaxa,
Debeis descahem as feições do rosto
Como se a morte ali fora imminente,
E os membros como exsangues, decepados,
Parece que do corpo estão cahindo.
Do desmaio eis aqui a fiel pintura
Quando o uso dos sentidos se suspende:
Então receosas do organismo as forças
Entram compactas em batalha extrema

Para manter os vinculos da vida:
Então da alma e do juizo a tanto sobe
A commoção terrivel, que ambos elles
Pereceriam com o proprio corpo
Se um pouco mais violenta fosse a causa.
Julgar em vista disto como podes
Que, do corpo expellida, fraca, inerme,
Desamparada na extensão dos ares,
A alma possa existir, não digo eterna,
Porém somente por um curto instante?
  Ninguem que morra mostra que percebe
Do corpo a alma sahir-lhe illesa e salva,
Nem da garganta ao paladar subir-lhe.
Posta n'uma região determinada,
Ella extingue-se ali, como succede
Aos mais sentidos que em seu proprio poiso,
Como é constante a todos, se aniquilam.
Ora, se alma immortal a nossa fora,
Nunca no acto da morte gemeria
Porque a dissolução ia tragal-a;
Mas folgaria mais, bem como a cobra,
Vendo-se livre, o involuvro deixando,
Ou como o veado annoso as hasteas perde.
  Porque a mente e a razão se não declaram
Sem distincção nos pés, nas mãos, na fronte,
E antes cada uma permanece fixa
Em marcada região, em propria sede?
Se não há sitios permanentes, onde
Nascer cada funcção somente caiba,
E depois de nascida onde ella dure;

De muitos modos, pelos membros todos
Porque não se perverte a ordem seguida?
Após a causa se declara o effeito:
Assim nos rios não se gera a flamma,
Nem no centro do fogo nasce o gelo.
  Se a alma immortal por natureza fosse,
E sentisse do corpo separada,
Era mister tambem, segundo penso,
Cinco sentidos inherentes dar-lhe.
Não podemos suppol-a de outro modo
Do Acheronte vagando nas ribeiras:
Da prisca idade os poetas e os pintores
Por essa causa as almas nos transmittem
Pelos cinco sentidos adornadas.
A alma fora da corpo em si não mostra
Nem olhos, nem nariz, nem mãos, nem braços;
Seja em que corpo for, o ouvido, a lingua
Nem sentir, nem viver, sem alma podem.
  Como sentimos pelo corpo inteiro
Vitaes funcções, que todo inteiro o animam,
Se um golpe forte subito vibrado
Pelo meio o partisse, separando
Cada metade de uma banda e de outra,
Duvida haver não pode em que partida
Em duas a alma cahiria logo
Co'as metades do corpo juntamente.
Ora, o que pode dividir-se em partes,
Jus alcançar não pode ao ser de eterno.
  Constante é que no forte das batalhas
Os falciferos carros cortam membros

Com ligeireza tal que dor não causam,
Mesmo quando na terra já palpitam
Quentes inda esses membros decepados;
Seja isto ou por que a golpe de instantaneo
A propriedade sensitiva abole;
Ou por que, absorta em calculos de gerra,
A alma emprega nas horridas matanças
Só como simples maquinas os membros.
Este não dá por que esmagados lhe andam
Pelas horriveis foices, pelas rodas,
Entre os feros corseis, seu braço esquerdo,
E o broquel com que os golpes aparava.
Outro, instando em trepar por esse muro,
Não percebe que a dextra lhe cortaram.
Outro erguer-se pretende sobre o coixa
Depois de decepada, quando em terra
Meche inda o pé os dedos moribundo.
E quando já no pó longe do corpo
Vai rolando a cabeça ensanguentada,
De vida e de calor gosa inda o tronco,
O vulto inda se anima, os olhos se abrem,
Té que os restantes da alma se evaporem.
Se desta cobra, que assanhada vibra
A lingua contra ti ameaçadora,
Cercear poderes em diversas partes
Com bruido ferro a cauda em quanto fica
Todo o dianteiro corpo como intacto;
Então verás que as partes divididas
Pelo recente golpe inda serpeiam,
E atro veneno para o chão atiram;

E que ella mesma, revirando a bocca,
Os dentes crava na porção ferida
Para apertal-a, a ver se a dor lhe abranda.
Diremos nós que nas fracções cortadas
Há tantas almas como o conto dellas?
Desta theoria a consequencia fora
Que cada corpo de animal teria
Pluralidade não prefixa de almas.
Logo a só que se dava então na cobra
Foi della com o corpo dividida:
Logo alma e corpo de mortaes não passam,
Visto que em partes dividir-se podem.
Se a alma constasse de immortal essencia,
E á nascença do corpo a elle se unisse;
Como a vida anterior jamais nos lembra,
Como nem temos das acções passadas
A mais tenue noção, nenhum vestigio?
Mas se da alma o poder tanto se altera
Que as passadas acções lhe esqueçam todas,
Pouco, julgo eu, da morte isto differe.
Assim, as almas que existiram antes,
Morreram todas; e ás de agora cumpre
Essencia dar de formação recente.
Demais se, já formado estando o corpo,
Da alma o poder vivificante lhe entra
Quando chegamos aos portaes da vida;
Não de certo veriamos crescel-a
Nos membros, pelo corpo, em todo o sangue;
Mas, como n'uma jaula, lhe cumpria
Por si e para si viver á parte

Sem precisar que a mantivesse o corpo.
Assim, diga-se pois uma e mil vezes
Que não deixam de ter principio as almas,
Nem de sujeitas ser ás leis da morte.
Não pode sustentar-se que se entranhem
Dos nossos corpos na intima textura,
Quaes a experiencia ali nol-as demonstra,
Substancias que lhes são de todo estranhas.
Encorporam-se ali ellas por certo
Nas visceras, nas veias, nervos e ossos,
E até nos dentes, como a doença o indica,
O frio com que os punge a agua gelada,
E as asperas pedrinhas, que de envolta
Na massa alimentar com dor mastigam.
Em tão forte juncção, crer-se não pode
Que ellas, salvas e incolumes, se livrem
Das articulações, dos nervos e ossos
Que tão intimamente em si as prendem,
Se da alma pensas que ella se derrama,
Como liquido estranho, em nossos membros;
Tanto mais facilmente há de extinguir-se
Quanto mais pelo corpo se insinue.
Tudo que se derrama liquescido,
Cahe em dissolução; logo, perece.
A alma pois repartir-se há de por força
Por todos os canaes do corpo vivo:
Assim os digeridos alimentos
Por todos esses membros se repartem.
Ora, se então os alimentos mudam
Do que eram de antes para essencia nova;

Do animo e da alma por igual a essencia,
Que inteira no principio invade o corpo,
Tanto por elle todo se derrama,
E as particulas suas se attenuam
Pelos canaes mais finos circulando,
Que em nova essencia converter-se deve.
Da alma a substancia pois, que impera agora
Em nosso corpo, nos nasceu da antiga
Que morreu attenuada em nossos membros.
A alma, por tanto, que não é privada
Do dia em que encetou sua existencia
Isentar-se igualmente não lhe cumpre
Do dia em que há de vir colhel-a a morte.
  Da alma alguns elementos por ventura
Depois da morte em nosso corpo ficam?
Se ficam, impossivel é que gose
Das qualidades de immortal, perdendo
Porção das partes que a compunham de antes:
Se não ficam, e inteira se retira
Dos membros que cordiaes lhe restituem
Quanto della no corpo circulava;
Dos cadaveres pois por que motivo
Fervem com vermes as entranhas podres?
Donde a alluvião provém de taes insectos
Que, de ossos e de sangue não constando,
Fluctuam pelas carnes tumescentes?
  Se acaso crês que as almas destes vermes,
Como estranhas substancias, se insinuam
Por esses corpos a que juntas ficam;
Se não reparas por que então concorrem

Tantas mil almas de animaes ao sitio
Donde uma só acaba de afastar-se?
Todavia uma duvida parece
Ter jus a dirigir duas perguntas:
As almas destes vermes são que escolhem
Os embriões por ventura em que fabriquem
As moradas que tem de recebel-as?
Ou entram desde logo em corpos onde
Perfeita construcção se lhes franqueia?
Não se atina por que ellas se cansassem
Em taes moradas fabricar: sem corpo
Por onde é seu prazer divagam ellas
De doenças e de frio e fome a salvo,
Incommodos que o corpo mais ressente
E que da alma a substancia só alcançam
Em razão do contacto que ambos liga.
Ora, ás almas porém supponha-se util
Corpos formar que de mansão lhes sirvam:
Para isto obterem, forças não se observam.
Não se assevere pois que é dado ás almas
Formar para uso seu corpos e membros,
Nem tam pouco occupar corpos em que haja
Perfeita construcção já de antes prompta;
Pois que não pode subtileza alguma
Razões provar de nexo, de consenso
Já da alma, já do corpo entre as substancias.
  Porque dos leões a feridade horrivel
Sempre na especie sua está patente?
Porque é commum por transmissão herdada
A's rapozas o dolo, a fuga aos cervos

Que a patria timidez sempre amedronta ?
Por que as mais qualidades similhantes
Desde a nascença aos corpos nos in-herem
Como nelles geradas e nascidas,
Se não por que em cada ente, em cada especie
Cresce com todo o corpo a força da alma ?
Se fosse a alma immortal, se ella podesse
Mudar de poiso de um para outro corpo;
Veriamos então variar immenso
De quanto vive os naturaes costumes:
Bem vezes fugiria o cão da Hyrcania
Mal que o cervo cornigero avistasse;
Tremeria pelo ar o açor medroso
Logo que vir para elle a pomba visse;
Ver-se-hia certo embrutecer-se os homens,
Brilhar nos brutos a razão humana.
  Labora em erro o que dizer se atreve
Que pode a alma, immortal sempre ficando,
Moldar-se ao corpo para o qual se muda.
Quanto passa por intima mudança,
Cahe em dissolução; logo, perece:
Todas as suas partes se transtornam,
Da ordem que tinham totalmente sahem:
Assim nos membros dissolver-se devem,
E morrer a final ao corpo juntas.
Se dizer ousam que as humanas almas
Para corpos humanos só transmigram,
Pergunto; como neste uma alma sabia
Vai n'outro corpo figurar de nescia;
Como o infante não tem prudencia de homem;

Como o potro a pericia não ostenta
Que o soberbo cavallo desenvolve;
Se não por que em cada ente, em cada especie
Cresce com todo o corpo a força de alma?
Se avançam, por esforço derradeiro,
Que remoçam as almas nas crianças;
Então que as almas são mortaes confessam,
Pois que não pode tal mudança dar-se
Sem que se perca o sentimento, a vida
Que em tão subido teor antes gosavam.
  E como há de poder a par do corpo
A alma obter a attitude culminante
Da fortaleza e perfeição devidas,
Se em ambos é a duração diversa?
Por que de proprio moto na velhice
Todos os membros seus ella abandona?
Por ventura receia conservar-se
N'um corpo em que haja podridão infecta,
Ou que edificio tal, já desfalcado
Por longos annos, lhe desabe em cima?
Porém de damnos totalmente isentas
Devem julgar-se as immortaes substancias.
  É ridiculo crer que as almas venham
Espreitar, no momento imprescriptivel,
Dos animaes a copula, a nascença:
Que de immortaes um numero infinito
Seriamente contendam, se debatam,
De um embrião mortal girando em torno,
Para alcançar a valida importancia
Da primasia de insinuar-se nelle;

Salvo se as almas entre si ajustam,
Para evitarem accendida guerra,
Que a primeira que chegue pressurosa
Seja a que logo delle a posse alcance.
Não se observam as arvores nos ares,
No mar as nuvens, pelo campo os peixes,
Fluido nas pedras, pelos troncos sangue;
Collocação existe destinada
Onde cada ente se mantenha e cresça.
Assim, nascer sem corpo a alma não pode,
Nem tão pouco existir sem sangue e nervos.
Se ella tanto podesse, inda mais facil
Nos pés, nos hombros existir lhe fôra,
Na cabeça, ou do corpo em outra parte;
Pois que a final passava-se tudo isto
Sendo o mesmo homem, a mansão a mesma.
Por tanto, se nos consta haver disposto
No corpo nosso um sitio, onde as substancias
Do animo e da alma unicamente possam
Residencia fazer, tomar volume;
Com mais forte razão affirmaremos
Que ellas, em parte alguma além do corpo,
Nunca de certo nascem, nunca existem.
Confessem pois, que, quando o corpo morre,
A' morte por igual a alma succumbe,
No corpo todo inteiro aniquilada.
Juntar o que é mortal ao que é eterno,
Entre ambos admittir consenso mutuo.
Reciprocas funcções, é alta insania.
Que coisas entre si julgar-se podem

Mais distinctas, diversas, discrepantes
Do que as mortaes que tão depressa acabam,
E as immortaes que eternamente duram?
Juntal-as, é querer que ambas tolerem
Em mutua repugnancia horriveis damnos.
  Toda a substancia que immortal se ostente
Dotada ser de solidez lhe cumpre,
Que aos choques todos valida resista,
Que não consinta que a penetre nada,
Que os seus atomos tenha unidos sempre;
Taes da materia vemos os principios
De cuja essencia te fallei ha pouco:
Ou cumpre-lhe de choques isentar-se
Em quanto lhe durar sua existencia;
Tal se nos mostra o vacuo que impalpavel
Todas as impulsões nelle sepulta:
Ou cumpre-lhe evitar que o cerque em roda
Espaço algum a que lançados sejam
Seus fragmentos a poeira reduzidos;
Tal eterno parece este universo,
Além do qual nenhum espaço existe
Onde seus estilhaços se derramem,
Nem corpos há com a devida força
Para batel-o, aluil-o, dissolvel-o.
Mas, como já te disse, a essencia da alma
Solidez absoluta não possue;
Visto que parte faz de tudo o vacuo:
Nem é vacuo tam pouco; do universo
Na infinita extensão corpos não faltam
Que em turbilhão violento a alma contundam

Ao risco expondo-a de total ruina:
Nem deixa em fim de haver na natureza
Espaço immensuravel onde possam
Das almas dispersar-se os elementos,
Ou de outro modo perecer, sumir-se.
Por tanto, claro está que para as almas
Nunca se feicham os portões da morte.
Crendo que ella immortal julgar-se deve,
Por que se considera guarnecida
Contra os agentes que arruinal-a possam;
Ou por que nada de nocivo a investe;
Ou por que, quando o mal a procurasse,
De qualquer modo fora repellido
Antes que nos ferisse o seu estrago;
Fora isso da razão ficar mui longe.
Além das doenças de que o corpo geme,
E que acção tão directa exercem na alma,
Os successos a ralam do futuro
C'o flagello do susto, dos cuidados;
Ralam-na as más acções que commettera
Pelo decurso dos passados annos.
Junta o delirio, doença propria della,
E da lembrança a perda lastimosa;
Junta os terrores que horridos se afundam
Do lethargo nas ondas denegridas.
Logo, pelo que hei dito, a morte é nada,
Não nos pertencem os terrores della,
Assim que por mortal tenhamos a alma.
Nunca afflicções de certo nos pungiram
Quando no tempo antigo o inteiro mundo

Tremeu e retremeu horrorisado
De guerra universal ao forte impulso,
Cujo estrondo abrangeu a área dos astros:
Por toda a parte então nos invadiam
Africanos exercitos immensos,
Estando em suspensão os povos todos
A ver de qual dos dois Roma ou Carthago
Dominal-os havia em mar, em terra.
Por igual, quando já não existirmos,
Feita a separação do corpo e da alma
De cuja união a vida nos resulta,
Nada mais, pois que nada já seremos,
Pode ter sobre nós qualquer influxo,
Nem sensação alguma dispertar-nos,
Inda que totalmente se confundam
Em pleno estrago os ceos, a terra, os mares.
Se depois que deixou do corpo a sede,
Sentir do animo e da alma a esencia pode;
Nós com esse sentir mais nada temos,
Nós que constamos do commum enlace
Com que alma e corpo um todo constituem.
Se o tempo as partes integrantes nossas
Depois da morte colligir podesse,
Pondo-as de novo como estão agora;
E se igualmente pela vez segunda
Nos fora concedida a lua da vida;
Competir-nos devia este successo,
Tende-se totalmente interrompido
O fio, a serie da existencia nossa?
Antes de nós sentirmos que vivemos,

O que em nós se passou que nos importa ?
Que dor agora se nos crava na alma
Pelo que há de fazer de nosso corpo
A crueldade dos seculos futuros ?
Do preterito tempo o immenso espaço
Se attentamente ponderar quizeres,
Ser-te-há facil colher quanto hajam sido
Variados da materia os movimentos;
E que bem vezes poderão ter vindo
Aos termos de hoje os elementos della,
Porém faz-se impossivel que a memoria
Tal serie de phenomenos nos lembre,
Vista a pausa que teve a nossa vida,
Visto que os movimentos da materia
Ás soltas sempre direcção seguiam
Que das vitaes funcções muito distava.
  Quem tem de supportar um mal futuro
Cumpre que exista no prefixo tempo
Em que deve esse mal verificar-se,
Vemos pois que eximil-o pode a morte
Desses damnos soffrer se antes o mata,
Damnos que sobre nós pairam continuos.
Devemos logo ter como evidente
Que nada de temivel há na morte,
Que não pode soffrer quem não existe;
Que não differe o que jamais foi nada
Desse outro a quem, por força imprescriptivel,
Privou da mortal vida a morte eterna.
  Quando desesperar-se um homem vires
Pelo que lhe farão depois da morte,

Como de vermes ser podre alimento,
Ou de o queimarem flammas crepitantes,
Ou de ser pelas feras devorado;
Fica sabendo que não é sincero,
E que no coração reserva occultos
Certos prejuizos que indagar não ousa:
Posto que negue crer que haja quem sinta
Depois que a morte o reduziu a nada.
Porém o que elle prometteu não cumpre,
Não abandona totalmente a vida,
E uma porção de si, sem que isso cuide,
Faz que á sua existencia sobreviva:
Quando imagina alguem que o seu cadaver
Será pasto das feras, dos abutres,
E deplora essa misera desgraça;
É que elle em si se crê, mesmo já morto:
Não assume valor de desprender-se
Do corpo seu que a corrupção invade;
De pé bem junto delle se colloca
Seus proprios sentimentos lhe prestando;
E faz de conta então que inda é quem era.
Feroz indignação daqui lhe emana
Por que mortal compareceu no mundo:
Elle não vê que a verdadeira morte
Não consente que outro-elle sobreviva
Para a partida lugubre chorar-lhe,
De pé lá junto do prostrado corpo;
Para obstar que o traspasse a dor ardente
E o deslacerem as ferinas garras.
Se na morte se julga como horrivel

Pelos dentes das feras ser tragado,
Não vejo menos ser que o fogo torre
O cadaver que ás flammas se arremessa;
Que o mel o curta; que o congele o frio
N'uma campa de pedra encarcerado:
Que de terra alguns montes o comprimam
Calcado pelos pés dos viandantes.
Mas dir-te-hás tu: — Não mais minha familia
Tem de me receber cheia de goso,
Nem minha esposa que a virtude endeusa;
Não mais hão de correr meus doces filhos
Aos braços de seu pai buscar mil beijos,
De alegria meu peito transbordando.
Nunca mais poderás servir de amparo
Á tua gloria que honraria illustre
Tanto a ti como aos teus. — Oh triste! oh triste!
Quantas doçuras a existencia adornam
Conseguiu usurpar-te um dia infesto. —
Mas não lhe ajuntas: — que jamais te afflige
De tudo isto a saudade dolorosa;
Verdade que se na alma bem pesares,
Se da sua importancia te convences,
O animo teu por fim te desassombra
De quanto é afflicção, de quanto é susto.
Tu pelo bem da morte adormeceste,
E os seculos por vir hão de encontra-te
Assim mesmo, de pena e dor isento:
Mas nós juntos a ti, em chamas posto,
Choramos-te em extremo inconsolaveis,
E tempo algum do peito nos arranca

A dor eterna que por ti nos punge.
Pergunto agora: — aqui o que há de amargo?
Se vem dar tudo n'um tranquillo somno
Quem pois deva affligir-se em lucto eterno?
  Os homens, quando se entretém ovantes,
Empunham copos em que espuma o vinho;
Com florida coroa a fronte obumbram,
E do intimo do peito assim exclamam:
— O tempo do prazer na vida do homem
Dura pouco; aproveite-se; que nunca,
Depois de ir-se, é possivel revocal-o. —
Pois passa-lhes então pela memoria
Que da morte nas vascas sede urente
Lhes abrase, lhes torre o peito afflicto,
Ou venha outro desejo atormental-os?
  Ninguem de sí, de sua vida cuida
Quando quietos lhe dormem corpo e mente;
Assim, quando nos tome eterno somno,
Nenhum desejo nosso nos afflige.
Ora, das sensações os elementos,
Em quanto ao somno os membros entregamos,
Nem tanto delles andam erradios
Que ao despertarmos não possamos logo
Á sua affeita direcção trazel-os.
Devemos logo em menos ter a morte,
Se o menos dar-se pode no que é nada.
Então nos elementos da materia
Segue-se á morte confusão mais grave:
A ninguem despertar se vê possivel
Mal da vida o tocou a fria pausa.

Por fim, se de repente a voz erguesse
A Natureza, que preside a tudo,
E assim nossa fraqueza corrigisse: —
« Mortal, porque, na vida que te resta,
« Te dás com tal excesso á dor, ao pranto?
« Indo a morrer por que choroso gemes?
« Atégora se a vida te foi grata,
« Se os teus prazeres se não tem sumido,
« Qual fluido posto em cantaro furado,
« E assim desagradaveis não morreram;
« Porque razão da vida não te apartas,
« Qual convidado que da mesa se ergue
« Das iguarias festivaes repleto?
« Porque com placidez te não resignas,
« Oh louco, a teres quietação segura?
« Mas se os prazeres que gosaste se acham
« Por teu desleixo esperdiçados, mortos,
« Se a vida só desgostos te franquea;
« Por que aos males passados tu te esforças
« Outros juntar que morrerão os mesmos,
« Sem um vislumbre de prazer te darem?
« Porque não crês que o fim da tua vida
« É igualmente o fim de teus desgostos?
« Daqui por diante, crê, por mais que eu lide
« Nada acharei que jubilar-te possa:
« Sempre as mesmas serão as coisas todas.
« Se inda o teu corpo os annos não desfalcam,
« Se inda os teus membros de languor não tremem;
« Todavia convence-te que tudo
« Sempre há de ser o que tem sido sempre,

« Mesmo a durar-te seculos a vida,
« Ou, mais ainda, se jamais morresses. —
A isto que responder, se não que é justo
O litigio que assim nestas verdades
Se resolveu propor a Natureza ?
Mas sendo um miseravel que deplora
Com excessiva dor da morte o assalto ;
Com quanta mais razão e voz mais dura
Ella o reproche disparar devia ?
« Daqui, demente, tira-me esse pranto,
(Cheia de indignação ella dissera)
« Não te occupem taes queixas ; são inuteis. —
Se fosse um velho, curvo sob os annos,
Que murmurasse por lhe vir a morte :
« Tu, que da vida » — assim dir-lhe-ia irada —
« Os prazeres gosar todos podeste,
« Por que hoje, oh mentecapto, te lastimas ?
« Desejas sempre os bens que não possues,
« Dos que são proprios teus não fazes caso :
« Assim só meia vida tens vivido
« De dissabores horridos cortada ;
« E a morte, a ti que nem pensavas nella,
« Se apressa em te encontrar antes que possas
« Saciar toda a avidez que hoje te punge,
« C'o a idade tua o que é incompativel
« Resignado abandona, e deixa os outros
« Gosarem delle ; assim o ordena o fado. —
Com jus, segundo opino, a Natureza
Com jus por este modo dirigira
Seu proceder, admoestações, conselhos.

Cede o passo a decrepita velhice
Ao brilhante verdor da mocidade:
Sempre assim foi; sempre será: os entes
Uns dos outros á custa se reparam:
Do Barathro, do Tartaro profundo
No abysmo negro não se some nada.
Cumpre que de hoje as gerações franqueem
Os nucleos vivos ás futuras raças,
Que igualmente, depois que a vida gosem,
Hão de seguir-lhes sem fallencia os passos.
Nem menos morrerão os entes de hoje,
Do que morreram os passados entes.
De nascer nunca deixa um ente de outro:
A todos se concede o uso da vida;
Ninguem de propriedade obtel-a pode.
  Repara quanto para nós é nada
Essa alluvião de seculos sem conto
Que, antes de nós nascermos, tem passado:
A Natureza expõe-nos nesse espelho
O que hão de ser os seculos futuros.
Por tanto, o que há de apparecer de horrivel
Depois que á vida nos succeda a morte?
Em relação aos outros que morreram
O que de horrivel presenciamos hoje?
Nada mais há que ver que um somno eterno.
  Todo o horror que no Tartaro profundo
A tradicção dos credulos relata,
É na vida que nós o resentimos.
Mente a fama, de Tantalo assellando
Que elle misero teme a ingente rocha

Que do ar suspensa esmigalhal-o ameaça,
Todo gelado de terrivel susto:
Mas é certo que o vão pavor dos deuses
O peito dos mortaes rala na vida,
Julgando que dos deuses lhes emana
O que nada mais é que obre do acaso.
Nem tão pouco é verdade que estendido
Ticyo esteja na margem do Acheronte,
Comendo-lhe as entranhas os abutres,
Não achariam nesse vasto peito,
Estando a roer por toda a eternidade,
O que a final de pasto lhes servisse,
Inda que de tal corpo a massa enorme,
Que geiras nove com seus membros tapa,
Occupasse da terra o espaço inteiro;
Nem para dor eterna elle avondara,
Porém é Ticyo que os abutres roem
Aquelle que entre nós o amor prosterna,
O que os cuidados devorantes ralam,
O que as paixões terriveis atormentam.
Temos na vida Sisypho ante os olhos
No que decide as fasces e as segures
Pedir ao povo, que o repelle sempre
E em tristeza mortal sempre o deixando.
Honras pedir, que são por certo nada,
E que jamais a conseguir se chegam,
Não obstante os durissimos trabalhos
Que para as alcançar se tem soffrido;
Equivale a rolar penedo enorme
Pelo alcantil de um monte até ao cimo.

Donde cahe de novo despenhado
E' corre ampla extensão pela campina.
Da alma nutrir os sofregos desejos,
De alimentos enchel-a os mais gostosos,
Sempre isto, sem porém fartal-a nunca;
Das annuaes estações que andam em roda
Gosar os fructos, desfructar os mimos,
Sem que elles os caprichos satisfaçam;
Entendo ser a imagem das donzellas,
Das quaes se conta que, na florea edade
Vasos sem fundo encher de agua querendo,
Della nunca poderam arrazal-os.
O Cerbero trifauce, as sevas Furias,
O tenebroso Tartaro que expelle
Da bocca uma alluvião de horriveis flammas,
Nunca existiram, e existir não podem.
Mas das penas, em vida, o afflicto medo
Em referencia aos crimes perpetrados,
É de maldades tantas o castigo.
São taes penas os carceres, o fogo,
As polés, os algozes, os flagellos,
As torturas, o pez; mas se faltassem,
A consciencia medrosa se ergueria
Armada c'os aculeos dos remorsos,
E rasgaria o peito dos culpados.
De mais. não pode conhecer-se o termo
Imposto a tanto mal, a penas tantas;
Teme-se mesmo que os aggrave a morte.
Assim pois dos estupidos a vida
Delles se torna o verdadeiro inferno.

Nisto, injusto mortal, reflecte attento:
Anco virtuoso á luz fechou da vida
Os olhos seus: de rei tão excellente,
Tu, em tudo que é bom, quanto não distas?
Os outros reis da terra e potentados
Que de grandes nações os guias foram,
Pagaram, sim, á morte igual tributo.
Esse mesmo que outr'hora aos largos mares
O seio penetrou para sobre elles
Os exercitos seus levar seguros;
Que, do selgado abysmo despresando
O immenso risco, as estrondosas furias,
A seus soldados ensinou o modo
De afoitos sobre as ondas caminharem;
Morreu; sua alma abandonou-lhe o corpo.
Scipião, raio da guerra, que a Carthago
Com suas armas, com seu nome assusta,
Tornou seus ossos a entregar á terra,
Como o fez o menor de seus escravos.
Das artes e das sciencias lhes ajunta
Os inventores que eternisa a fama;
Ajunta-lhes das musas os consocios
Dos quaes o sceptro empunha o illustre Homero;
Todos no somno do sepulcro jazem.
Democrito por fim, vendo que os annos
Do juizo seu lhe mostram a fraqueza,
Mui por seu gosto se entregou á morte.
Morre o mesmo Epicuro, elle, que tanto
Por seu genio excedeu a humana raça;
E soube a tódos offuscar o brilho,

Como o sol quando nasce um veo estende
Por cima das estrellas luminosas.
E indignar-te-hás por que morrer te cumpre!
E podes inda duvidar que morres?
Vivo inda tu não vês que a propria vida
Quase, quase da morte não differe?
De teus dias não sentes que dormindo
A mais extensa parte vas passando;
Que, mesmo estando despertado, dormes;
Que nunca sonhos de occupar-te deixam;
Que de continuo a mente se te assusta
C'o um bando de phantasticos terrores?
Não vês que as mais das vezes não atinas
C'o as causas de que os males se te geram;
Que mil cuidados misero te assaltam;
Que tens sobre elles sempre o animo incerto?
Se acaso aos homens concedido fosse
Conhecer donde os males lhes provinham,
Como no animo sentem o gravame
Que com tanta dureza os cansa e afflige;
Não passaria, como estamos vendo,
De asperos males tão cortada vida.
Quer cada qual desconhecer quem seja,
Mas procura por si a cada instante:
Não pára n'um logar como querendo
De seu pesado fardo assim livrar-se.
Seu sumptuoso palacio este abandona
Porque não pode estar ali contente;
Mas subito regressa, resentindo
Que tão mal fora está como está nelle.

Outro, com rapidez precipitada,
Vai entranhar-se n'uma quinta sua,
Como levando auxilio a casa que arde:
Mas o aborrecimento o toma logo
Tão depressa os portaes da quinta cruza,
Então, ou dá-se a carregado somno.
Em que esquecer-se de si mesmo busca,
Ou já para a cidade á pressa volta.
Cada um foge de si por tal maneira;
Mas, vendo que evitar-se não alcança,
Resigna-se aos tormentos, ás angustias:
De sua doença as causas não conhece.
Se elle pensasse bem, punha de parte
As frivolas questões; somente instando
Das coisas em sondar a Natureza;
Visto que aqui de uma hora não se trata
Mas do tempo que, tendo o seu principio
No momento da morte, se prolonga
Pelo ambito sem fim da eternidade.
Porém que amor da vida tão estulto
Nos obriga, nos lances arriscados,
Sem animo a tremer, cheios de susto?
A vida dos mortaes tem fim marcado,
Não se lhe foge, não: mal que elle sôa,
Sem demora allegar partir lhes cumpre.
Temos estado aqui neste orbe sempre,
Nelle hemos até sempre demorar-nos:
Nenhum novo prazer a Natureza
Produzirá que a vida nos adoce.
O bem que desejamos e não temos,

Pelo mais superior o reputamos;
Depois de o termos, desejamos outro:
Por este modo sempre nos abrasa
A mesma sede de allongar a vida.
A duvida em que estamos inda acresce
Sobre os eventos que o porvir nos traga.
  Não se deduz da duração da morte
O tempo em que na vida nos mantemos:
Ninguem pode fazer, por mais que viva,
Que o tempo de estar morto se lhe encurte.
Mesmo que muitos seculos podesses,
Em quanto vivo fosses, ir contando,
Sempre te esperaria eterna morte.
Aquelle que acabou no dia de hoje,
Morto não estará por menos tempo
Do que esse que morreu há longos annos.

NOTAS

DO

CANTO III.

Honra da Grecia, que o primeiro ousaste
Soltar tão clara luz em trevas tantas,
Abrindo a estrada aos commodos da vida;
Eu te sigo, Epicuro, e passo a passo
Sobre os vestigios teus meu trilho allongo.

v. 1.

Neste magnifico principio do terceiro canto, Lucrecio ajunta uma nova prova de enthusiasmo que o domina pelo grande homem, a que elle chama seu mestre e seu guia. Parece haver o poeta guardado todos os segredos da arte para conservar interesse n'um ob-

jecto tão frequentemente arido. Este canto, o mais admirado de toda a antiguidade, foi por ella considerado como o maior esforço do genio: os modernos, que quase sempre tem deixado de conhecer Lucrecio, como que tem ignorado as bellezas encerradas neste canto; todavia disse Voltaire. — « Há em Lucrecio um ad« miravel terceiro canto que eu traduzirei, ou então « não terei forças para fazel-o. » Voltaire não cumpriu a palavra; por que seria? A sua versão bastaria para attrahir sobre o original a admiração de que elle é digno.

Homens há que dirão que a doença e infamia
Devem temer-se mais que o horror da morte;
Que é igual á do sangue a essencia da alma;
E que as nossas lições lhes são inuteis.
v. 49.

Tem dado muito que fazer aos commentadores a intelligencia do verso

Et se seire animi naturam, sanguis esse;

Lucrecio designa aqui o systema de Empedocles, que considerava as nossas almas como o mais puro sangue dos nossos corpos. Assim, claro fica o verso. Cicero, nas Tusc., quœst. 1.ª, diz que Empedocles pensa ser a alma sangue vindo do coração — *animum... cordi saffusum sanginem*. — Virg., Eneida Lib. 9, diz que

um guerreiro ferido vomita a alma purpuria, lançando sangue pela bocca—*purpuream vomit ille animam*. —Segundo Aristoteles era esta tambem a opinião de Critias; mas ella data de mais longe. Os livros sagrados dão a natureza do sangue ás almas dos brutos. Abstenda-vos,—dizia Moisés aos judeos, de comer sangue: pois que o sangue dos animaes lhes serve de alma: não comereis pois a sua alma com a sua carne.—*Hoc solum cave, ne sanguinem comedas*: sanguis *enem eorum pro anima est*: et idcirco non debet animam *comedere cum carnibus*. Deut, cap. 12, v. 23.—*Quia anima carnis in sànguine est. Anima enim omnis carnis in sansanguine est*: *unde dixi filiis Israel*—*sanguinem universæ carnis non comedites, quia anima carnis in sanguine est*.—Levit. cap. 17, v. 11, e 13.

Durante tres mil annos a intelligencia humana, entregue a si, tem-se fatigado com innumeraveis hypotheses, com systemas oppostos sobre o que seja a alma, e tem-se fatigado em vão.—Dicearca nega absolutamente a existencia da alma, sustentando que ella não é mais que uma configuração (disposição, arranjo das particulas da materias) de que resulta o sentimento. Segundo Thales, é uma natureza por si mesma em movimento. Segundo Platão, é uma essencia que se move; é um numero, dizia Xenocrates: é uma entelechia, diz Aristoteles. Pythagoras fez della uma harmonia; Possidonio, uma idéa; Hippocrates, um espirito subtil espalhado por todo o corpo; Heraclido do Ponto, uma luz; Heraclito, uma faisca da essencia das estrellas: cada philosopho criou-a a seu modo. Depois de haver-se disputado sobre a sua natureza, disputou-se sobre a sede que ella occupa.

Simonides, Hippocrates, Galeno, Plinio, os dois Senecas, os epicureos, os saduceos entre os judeos, criam-na mortal; os estoicos concediam-lhe uma mui longa vida, mas que tinha um termo. A opinião da mortalidade da alma parecia tão indifferente que ninguem a dissimulava; Cesar confessava-a em pleno senado; Cicero em suas obras philosophicas; Seneca proclamava-a no theatro.

Se acreditarmos Cicero, foi Phereces o syrio que o primeiro ensinou aos gregos que a alma existia desde toda a eternidade, e devia existir para sempre. Pythagoras acreditou este systema, que foi adoptado por Thales, Anaxagoras, Diogenes, Platão, etc. — Este dogma, promettendo uma segunda existencia, devia ter muitos partidistas; os homens são quase sempre devorados pela sede da vida, e acceitam de boa vontade a esperança que se lhes offerece de eternisal-a. Esta crença inspirou o maior enthusiasmo; Hegesias a ensinou em Cyrene, e seus numerosos discipulos mataram-se uns aos outros para libertarem suas almas das prisões terrestes que as encerravam: Cleombroto de Ambracia precipitou-se do alto de uma torre. Esta mania apossou-se de todos os espiritos fracos: os seus progressos assustaram tanto que Ptolomeu Philadelpho prohibiu que se ensinasse esta doutrina, cujo effeito se havia tornado perigoso.

Das honras a ambição, o anhelo avaro,
Que obrigam tanto os miseraveis homens
A transcender as metas da justiça,
E a fazer crimes ou soccorro dar-lhes;
Que noite e día os tem no afan penoso
Para em grandes riquezas se engolpharem;
São da existencia penetrantes golpes:
Mais que tudo os abriu da morte o medo.
v. 69.

Este magnifico pedaço de Moral que os commentadores tem todos admirado sem o entenderem, na opinião de Lagrange, é difficil a comprehender á primeira vista. Não se concebe facilmente como o temor da morte faz nascer nos homens a avareza, a ambição, a inveja, todos os vicios em uma palavra, e subjuga os corações ao ponto de inspirar a alguns homens a aversão da vida, e o projecto de matar-se; idéa que Plutarco attribue tambem a Arcesilas. Para entender estas ideas, era preciso transportar-se aos seculos da antiga Mythologia, e attender bem ás descripções dos infernos feitas pelos poetas. Então este pedaço, bem longe de ser considerado como uma vã declamação, parecerá cheio de significação e de Philosophia. Com effeito, a ignominia, o despreso e a pobreza eram realmente considerados como o cortejo da morte. Era um dos axiomas fundamentaes da Theologia pagã. Eis aqui por que Virgilio, no seu canto 6.°, colloca de sentinella á porta dos infernos, não somente o lucto, os cuidados, as doenças, a velhice, o medo, mas tambem a fome e a pobreza.

Vestibulum ante ipsum, primisque in faucibus Orci,
Luctus et ultrices posuere cubilia Curæ;
Pallentesque habitant Morbi, tristisque Senectus,
Et Metus, et malesuada Fames, ac turpis Egestas,
Terribiles visu formæ, Lethumque, Laborque;
Tum consanguineus Lethi Sopor, et mala mentis
Gaudia, mortiferumque adverso in limine Bellum,
Ferreique Eumenidum thalami, et Discordia demens
Vipereum crinem vittis innexa cruentis.

Junto do duro portico, e da entrada
Do negro inferno, o Pranto inerte assiste,
Tem a Dor vingativa sua morada,
A Doença pallida, a Velhice triste:
O Medo, e a Fome mal aconselhada.
E tambem a Pobreza torpe existe,
Visões terriveis, e da mesma sorte,
Com o improbo Trabalho, a fria Morte.

Mais aqui o Somno está, parente estreito
Da Morte, e os Gostos vãos do pensamento,
De fronte a mortal Guerra, e o ferreo leito
Das Eumenides tem seu proprio assento;
A Discordia feroz, e sem respeito,
Poz a par della seu alojamento,
Os cabellos de viboras — furiosas
Apertadas com fitas sanguinosas.

Franco Barreto — 1600.

Junto ao limen, no portico do Averno
Começa a ver-se o assento pavoroso
Do vingador Remorso, e horrrido Lucto:
Mais lá, pallida, afflicta mora a Doença,
Triste a Velhice, sordida a Penuria,
A Fome mal-suasiva, o o Affan, o Medo;
A Morte horrenda, o Somno, irmão da Morte,
E do crime o Prazer: fronteiros ficam
A Guerra, os ferreos thalamos das Furias,
E a Discordia sem-tino, que se ufana
Com fitas cruentas, e viperea coma.

Lima Leitão. — 1819.

Ante o mesmo vestibulo, e nas fauces
Primeiras do Orco, posto os seus assentos
Tem o Lucto, e os Remorços vingadores;
Moram ali as pallidas Doenças,
E a triste Senectude, o Medo, e a Fome
Conselheira do mal, torpe Indigencia
(Spectros á vista horriveis), e o Trabalho,
E a Morte: logo o Somno irmão da Morte,
E os Regosijos de animo damnado.
Defronte do lumiar aposentada
A Guerra está mortifera, e das Furias
Estão os ferreos thalamos, e a insana
Discordia c'os cabellos viperinos
Em sanguinosas infulas.

Barreto Feio. — 1847.

Todos os moralistas da antiguidade tinham por fim destruir um prejuizo tão funesto, publicando altamente que os altos cargos, as honras, as riquezas não impediam os estragos que a morte faz. Horacio dizia:

Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas
Regumque turres.

A mais bella imitação deste pensamento de Horacio é devida a Malherbe, que disse, fallando da morte:

Le pauvre, en sa cabane où le chaume le couvre,
Est soumis à ses lois;
Et la garde qui veille aux barrières du Louvre,
N'en défend pas nos rois.

Mas Lucrecio tinha-o prevenido não menos elegantemente dizendo neste poema, C. 2.°, v, 41.

Nem com mais promptidão a febre ardente
Do corpo te sairá se te recostas
Em tapetes de purpura pintados
Do que em plebeos estofos estendido.

. . . . *Em vão mil sabios*
Crem que o animo logar não tem distincto;
Mas que é theor, de que o corpo em vida gosa,
Ao qual os gregos HARMONIA *chamam*
Por que nos faz viver, não toma espaço:
. . . .
Reputo este pensar um grande absurdo.
v. 112.

É digno de meditar-se a nota que a esta passagem poz Lagrange: para isso a ponho aqui palavra por palavra. — Este systema mal apresentado, e mal atacado por Platão no seu Phedon, era um dos mais engenhosos que podiam imaginar pagãos entregues a seus proprios raciocinios. Não era a alma, como se tem acreditado, mas sim o pensamento, a que chamavam *harmonia* neste systema. Eis aqui uma contradicção de menos. O nome de harmonia vem de que o corpo era tido como um grande instrumento, cujo jogo (ou acção organica) dava o pensamento Acreditava-se, como já o notei em outra parte, que todas as aggregações da natureza eram mais ou menos capazes de sentir, segundo era a maior ou menor perfeição de sua composição: os animaes mais do que as arvores, e os homens mais que os animaes: tinha-se em vista que sendo todos os corpos naturalmente sonoros, são mais ou menos harmoniosos segundo a differença de sua conformação. Mas o que cumpre sobre tudo considerar é que se entendia por *harmonia* um grupo de sons quaesquer, e não somente o perfeito acordo, como o entenderam Platão e Lucrecio. Esta distincção resolve muitas difficuldades, faz o systema muito mais fecundo, e susceptivel de um parallelo pelo menos assaz especioso. É por haver despresado esta distincção, que Platão combate fracamente um systema, cuja inteira extensão elle não havia comprehendido. É preciso que Lucrecio tambem não a tenha entendido para atacar uma hypothese em que se faz o pensamento o resultado do jogo da materia. Porque se obstinava elle a querer uma segunda substancia incluida na maquina viva, a qual, não sendo immaterial, nada podia ex-

plicar que não explicasse o corpo só por si? Não era isto multiplicar entidades sem precisão? O systema da harmonia não ia a seu fim mais directamente e pela via a mais curta? Não era elle a consequencia a mais natural do Epicurismo? Se Epicuro, para produzir as cores, os sons, os cheiros, etc., não admittia uma especie de corpos particulares, uma substancia particular destinada a este uso, mas acreditava ao contrario que os mesmos atomos, diversamente arranjados, produziam as cores, os sons, os cheiros, etc; não devia Lucrecio, para explicar o pensamento, admittir uma substancia particular, sensivel e pensante, mas fazer resultar dos atomos mesmo do corpo o pensamento que elle considerava como a modificação de um todo material. Isto, ainda que falso, teria sido mais consequente.

Do animo e da alma eis pois corporea a essencia:
Ao ver que elles os membros nos agitam,
Mudam o rosto, ao somno o corpo arrancam,
E quanto há no homem a seu grado regem;
Acções, que não existem sem contacto,
Contacto, que sem corpo não existe;
Ingenua confissão fazer não cumpre
Que ambos são de corporea natureza?
v. 179.

Quanto mais se reflecte, mais duvida há em crer que os antigos não tenham tido alguma idéa da *espiritualidade*, da *incorporalidade*, e da *immaterialidade*

da alma. Não que a razão lhes tenha fornecido noções tãs claras e tão precisas como as que devemos á revelação; mas tinham elles subtilisado tanto, haviam de tal sorte attenuado, por assim dizer, a natureza da alma, que não seria para admirar o terem elles chegado ao ultimo gráo de tenuidade. O que há de seguro é que elles estavam para ali em caminho.

Tinham já reconhecido uma primeira materia sem figura e extensão: admittiam idéas que não podem vir-nos pelos sentidos, e que não tem o seu archetypo na natureza corporea. Elles tinham imaginado um *vehiculo* da alma, uma substancia media, necessaria para facilitar a acção e a reacção entre o espirito e o corpo, Em fim porque Lucrecio se acreditava obrigado a provar que a alma é material, se a opinião contria não tivesse sido adoptada por alguns philosophos? As idéas geralmente recebidas são principios que se não provam, mas de que se tiram consequencias. Não se ignora o que tem dito todos os sabios sobre este ponto da Philosophia antiga: não se ignora que se offerecem muitas passagens de Timeo de Locres, de Platão, de Aristoteles, etc., etc., que dão á alma corpo e extensão, Mas sabe-se igualmente que a espiritualidade é uma idéa tão fugitiva e tão delicada, que, por pouca que seja a demora que nella se tenha, logo ella perde a sua simplicidade e se mistura com a idéa do corpo.

Faz-se honra demasiada aos antigos e ao espirito humano em geral, não ousando suppor que elles se tenham contradicto: todavia as suas obras estão cheias de contradicções: devia essa ser naturalmente a sorte dos primeiros metaphysicos. Há mais: ou hão-de suppor-se todos atheos, ou há de reconhecer-se que elles

se contradisseram, e que não attingiram todas as consequencias de seus principios. Não póde deixar de dizer-se que se tem dado nimia importancia á questão do facto sobre a historia da espiritualidade. Imaginaram os christãos que o dogma da immaterialidade adquiriria um novo gráo de força provando que elle lhes fora transmittido pelos antigos; como se a revelação e a autoridade infallivel da Igreja não fosse uma base bastante solida. Os incredulos, ao contrario, tem-se persuadido que a sua causa seria melhor se provassem que a idéa da immaterialidade é uma idéa nova, devida somente ao christianismo. Deviam ver uns e outros que a autoridade dos antigos não faz mais a respeito deste dogma do que a respeito de muitos outros, dos quaes a razão havia feito presentir alguns vislumbres aos pagãos, antes que o Espirito-Santo tivesse exigido para estes mesmos dogmas o sacrificio da nossa razão.

Se pelos nervos e ossos encravado
O horrido dardo nos não rouba a vida;
Languor comtudo nos invade os membros,
Suave pendor ao chão nos arremessa,
E refreada ardencia, urdida na alma,
Dá-nos de nos erguer desejo dubio.

v. 189.

Estes quatro ultimos versos portuguezes correspondem aos tres seguintes do original:

Attamen insequitur languor, terrœque petitus
Suavis, et in terra mentis qui gignitur œstus,
Interdumque quasi exsurgendi incerta voluntas.

Não atino porque os commentadores tem levado tanto tempo a achar o sentido destes tres versos, tão naturaes e tão faceis de entender. Bayle inseriu na sua *Republica das lettras* em 1687 uma longa dissertação que os analysava. É a sua expressão essencialmente poetica que terá embaraçado os traductores: a ellipse e a metaphora que encerram ter-lhes-há enganado a rotina escolastica. Estes versos provam a que gráo de perfeição Lucrecio tem tão frequentemente elevado o seu estylo. — *Æstus mentis,* — *petitus terrœ,* — *exsurgendi incerta voluntas* — são expressões ousadas e pictorescas.

Simples não julgues a substancia da alma
Exhala o moribundo uma aura tenue
Com calor, e o calor traz ar comsigo,
Corpos por natureza unidos sempre.
Logo, são raras do calor as partes,
E entre ellas do ar os atomos penetram.
v. 250.

Ninguem há hoje que não veja quanto toda esta theoria da alma humana é falsa e inintelligivel. O que é o sopro, — pergunta Lagrange, — se não o ar posto em agitação? — *Spiritus quem græci nostrique eodem vocabulo aera appellant* — diz Plinio o naturalista. Mas eu valendo-me da immediata analogia que a lingua portugueza tem com a latina, não recorri ao *sopro* — *soufle* — a que os francezes recorreram em razão da escassez da sua lingoa (quanto a este termo); usei da palavra — *aura* — que é tão portugueza como latina, e que está no texto,

Tenuis enim quædam moribundus deserit aura,
Mista vapore; ....

Verão os entendedores se com effeito fiz bem, como me parece. — Lagrange, perguntando o que é o calor se não a modificação de um objecto quente, pronuncia-se por esta opinião; ao passo que Lucrecio faz do calor uma entidade á parte. E hoje que se confessa que a sensação de calor é devida a uma causa occulta a que todavia se dá o nome de *calorico*, por ventura não se propende mais para a opinião de Lucrecio posto que tão antiga, dizendo-se *calorico livre ou raionante* — *calorico latente ou especifico*?

Antes de chegar á idéa de uma substancia não extensa, os philosophos haviam passado por todos os gráos da materia a mais subtil. Uns recorriam ao ar: esta era a opinião de Pythagoras que chamava á alma *uma parcella do ar.* Era esta mesma a doutrina de Hippocrates que a definia — *espirito tenue, disperso pelo corpo.* — Santo Agostinho que possuia idéas infinitamen-

te mais elevadas sobre a natureza da alma humana, reconhece todavia que o ar modificado de certo modo pode produzir nos animos o sentimento e a memoria. Outros philosophos consideravam a alma como um fogo rapido: era este o sentimento de Heraclito, de Epicharmo, de Zeno. Outros, achando estas materias ainda muito grosseiras, deram largas á sua imaginação, e mais inintelligiveis se fizeram.

Critolao o peripathetico formava a alma de uma *quinta-essencia*: Thales definia-a — *substancia sempre em movimento, e movendo-se por si*: Pythagoras chama-lhe *numero que por si se move*. Platão diz que ella é — *uma substancia intelligente e que se move por si segundo o seu numero harmonico*: Aristoteles por seu vocabulo — *enthelegia* — é ainda mais inintelligivel e barbaro.

Eis da alma agora triplice a substancia,
Mas a criar sensações inda não basta:
Não concebe a razão que esse composto
Idéas forme, raciocinios teça.
Quarta substancia attribuir-lhe cumpre;
Não tem nome; igualar nada há que possa
Seus atomos polidos, moveis, tenues;
Della é que mana o sentimento, a vida.
v. 256.

Eis aqui Lucrecio pagando tributo á idéa da espiritualidade da alma, como sem o querer. Depois de

haver attenuado a materia ao *supra summum*, vê que della não podem sahir as idéas e os raciocinios: admitte então uma ultima substancia, a que não sabe dar nome, e cuja tenuidade excede quanto se possa comprehender, devendo só della manar os actos da vida. Que mais se pode exigir em um pagão, que quer ser coherente e que nem se quer pensa na existencia, nem se quer na possibilidade de uma revelação divina?

Epicuro via que a unidade deve ser o principio constitutivo da alma, do *ser mysterioso* que compara, que julga, que raciona, etc. Eis por que Lucrecio não quer que os principios da alma se separem, nem que obrem cada um de seu lado. Procura simplificar o mais que pode o ajuntamento grosseiro de seus quatro elementos. Mas como de outro lado há de dizer mais abaixo que a differença dos caracteres e dos temperamentos provém de haver algum dos elementos que domina sobre os outros, vê-se obrigado a perturbar um pouco esse concerto, essa proporção. Todavia, elle ajunta que apezar desta desigualdade, a harmonia se conserva sempre, e que a unidade se não altera por isso.—Lucrecio é mui obscuro neste pedaço—*Atque aliis aliud subsit magis emineatque*—*ut quiddam fieri videatur de omnibus unum*: põe elle a culpa á sua lingua; mas a verdadeira razão era o elle não se entender a si.—Este reparo, aliás rigoroso, é de Lagrange.

A' testa desta classe o leão figura,
Todo violencia, valentia todo;
Do peito horriveis urros lhe rebentam,
Da ira conter os impetos não pode.
v. 330.

Os tres versos do original seguintes, a que correspondem estas quatro da versão, passam por serem dos mais energicos da poesia latina, principalmente o ultimo:

Quo genere in primis vis est violenta leonum,
Pectora qui fremitu rumpunt plerumque gementes
Nec capere irarum fluctus in pectore possunt.

O gosto e a ousadia concertaram-se aqui para marcar os limites até onde o genio podia chegar com o seu vôo. — Virgilio, Horacio, Ovidio imitaram esta brilhante metaphora; mas nenhum destes grandes poetas passou além do seu modelo.

.... *Pode o ensino*
As indoles polir de alguns dentre elles; (os homens)
Conserva-lhes porém sempre os vestigios
Que nelles poz a mão da natureza.
Nem de todo arrancar julgues possivel
As propensões que aos vicios nos compellem;
v. 344.

E mais abaixo

Mas, em vista dos factos, não duvido
Poder dizer que tanto se attenuam,
Da razão pela força, pelo ensino,
Os vestigios que impoz a natureza,
Que nada nos impede o goso puro
Da vida que nos ceos os deuses passam.
v. 362.

Alguns commentadores entendem esta passagem de outro modo: eis a construcção que para isso fazem dos ultimos versos. — *Vestigia parvula naturarum linqui, quæ ratio naqueat dictis depellere usque adeo, ut nihil impediat vitam dis dignam degere.* — «Subsistem «sempre na alma rastos imperceptiveis que a razão não «pode fazer desapparecer a ponto de nada nos impe«dir que gosemos uma vida digna dos deuses.» — Julgo como Lagrange não haver precisão de advertir que tal construcção é forçada, e mostra um sentido repugnante.

Alguem dirá — Mas como sente o corpo,
Se da alma unida co' elle é só que vemos
Do sentimento a acção manifestar-se;
Se do corpo se esvai o sentimento
Assim que se dá nelle a ausencia da alma?
v. 405.

Aos tres versos do original seguintes, a que correspondem estes cinco da versão, tem os commentadores querido juntar muita confusão; posto que sejam claros.

Quid sit enim corpus sentire, quis afferet unquam,
Si non ipsa palam quod res dedit ac docuit nos?
At, dimissa anima, corpus caret undique sensu:

Lucrecio provou acima que a alma e o corpo, de por si só, não podem sentir, um sem o outro: da união delles é que nos provém o sentimento; como se vê nos seguintes versos da traducção,

Porém as acções de ambos combinadas
Accendem-nos da vida a luz nos orgãos,
v. 283.

correspondentes aos dois seguintes do original

Sed communibus inter eos conflatur utrinque
Motibus accensus nobis per viscera sensus.

Segue-se evidentemente daqui que é o corpo que sente por intermedio da alma. Assim, dizer que o sentimento é a modificação somente da alma, dessa substancia espiri ual que está disseminada pelos membros, é combater contra a evidencia. — Como se pode provar que o corpo sente, se não pelos principios que a evidencia nos ensina a estabelecer, isto é, pela união intima da alma com o corpo, que acabamos de provar sem replica?

Dizer que aos olhos ver não é possivel;
Que elles, iguaes a portas encerradas,
Servem para a alma ver, é grande absurdo
Pelos proprios sentidos comprovado.
v. 414.

Lucrecio ataca neste logar a Epicharmo e a Aristoteles, que pensavam que não eram os olhos, mas a propria alma que via pelos olhos, — *Mens videt* — *mens audit* — diz Aristoteles. — *Non anima ipsa, in oculi extremo, sed in parte interna existit* —: torna a dizer em outra parte.

Delles para o eixo attrahe a acção dos olhos
As imagens que assim nelle convergem.
v. 418.

O verso do original a que correspondem estes dois da versão, e que é o seguinte,

Sensus enim trahit at que acies detrudit ad ipsas;

é claro e mui consequente com a doutrina que Lucrecio estabeleceu no quarto canto. Refere-se evidentemente á maneira por que a visão se opera no systema de Epicuro por meio dos simulacros. Todavia os commentadores não o tem entendido, mas como que

deram todos as mãos para rejeital-o como um verso supposto ou alterado. Lambino chega a propor que se risque por que exprime uma idéa falsa.

Nem a cor com que ornamos o semblante,
v. 442.

Lucrecio falla aqui da cor de que as mulheres e os peralvilhos pintavam a cara para embranquecel-a e corál-a. É notavel o que Petronio disse de um delles — *corriam-lhe pela cara abaixo rigueiras de suor, que por entre as rugas tanta greda traziam que figuravam a humidade de uma parede ressumando cheia de greda.* Horacio diz quase o mesmo de uma velha que o queria namorar.

Sabe agora que os animos e as almas
Juntos c'os animaes nascem e morrem;
Verdades estas que muito há se estudam,
Que dulcissimo esforço emfim descobre,
E que eu te explano em sonorosos versos
Da attenção tua certamente dignos.
v. 490.

Não se pode duvidar que um grande numero de philosophos antigos tenham reconhecido a immortalidade da alma. O desejo de viver depois da morte, e de prolongar a existencia além dos limites naturaes; esta nobre ambição que caracterisa as almas livres, e que é o mais poderoso insentivo da virtude, tinha penetrado estes corações generosos, e dignos de uma outra vida, assás profundamente para se realisar nelles e persuadir-lhes que gosariam alem do tumulo as honras que se faziam á sua memoria. — Veja-se a nota ao v. 49.

É singular que dois dogmas contradictorios, um doce e consolador, outro terrivel e temeroso, o dogma da immortalidade da alma, e o da destruição della e do mundo, hajam produzido quase os mesmos effeitos na sociedade, e tenham sido prohibidos ambos pelos imperantes, como doutrinas capazes de perturbar o repoiso publico.

Se a alma constasse de immortal essencia,
E á nascença do corpo a elle se unisse;
Como a vida anterior jamais nos lembra,
Como nem temos das acções passadas
A mais tenue noção, nenhum vestigio?
v. 833.

Não é sem razão que Lucrecio reune aqui os dois dogmas da immortalidade e da preexistencia das al-

mas com o fim de derribal-as com o mesmo *golpe*. De todos os philosophos que viveram antes do *christianismo*, nenhum sustentou a immortalidade da *alma*, *sem* estabelecer-lhe primeiro a preexistencia: um destes dogmas era tido como a consequencia natural do outro. Acreditava-se que a alma devia existir para sempre, por que sempre tinha existido: e estava-se persuadido pelo contrario, que concedendo que ella tivesse sido gerada com o corpo, não havia direito para negar que ella viesse a morrer com elle.

«A nossa alma, — diz Platão, — existia em alguma «parte antes de estar nesta forma de homem: eis «aqui porque eu não duvido que ella seja immortal.» — Synesio, ainda que christão, tendo sido instruido nesta Philosophia, não se decidia a desapproval-a posto que instado pelo offerecimento de um bispado: — «nunca acreditaria — disse elle — que a minha alma «tenha nascido juntamente com meu corpo.» — Le Clerc ajunta que então era-se tão indulgente em materias destas, ou que havia tanto desejo de ter bons falladores nos pulpitos, que não somente se lhes tolerava esta doutrina, mas que a consagraram, ainda que declarou não crer na ressurreição dos corpos. Ainda que o systema da metempsycose não esteja especialmente condemnado pela religião christã, o Concilio de Trento decide todavia formalmente que Deus *cria* cada alma quando o corpo que ella deve *habilitar* está sufficientemente organisado. Assim, em nossa religião, é unicamente na vontade de Deus que está fundada a immortalidade da alma, que cumpre não confundir com a *incorruptibilidade*.

De certo, o raciocinio de Lucrecio tem aqui tanto

de justo como de profundo: não se pode suppor origem a um objecto immortal, e se a alma tivesse existido de toda a eternidade, esta pura intelligencia, como o observa Lucrecio, teria devido lembrar-se de seus destinos passados. A decisão do Concilio de Trento é conforme á opinião do poeta: ensina ella que a alma é criada por Deus no instante mesmo da formação do corpo. Esta verdade que nos esclarece a nós, não podia guiar Lucrecio: examinando de perto o seu systema, considerando a situação onde elle se achava, e as ideas admittidas sobre a alma em seu seculo, convencer-nos-hemos de que Lucrecio estava muito menos afastado, do que parece, do caminho da verdade. Admittindo que a alma podesse ter uma forma, devia elle assignar-lhe um termo: compondo-a em parte de objectos materiaes, devia prever-lhe a dissolução. Em Lucrecio, esta dissolução somente respeita á forma e á mistura que se suppunha na natureza da alma: porém elle reconhece como eternas as porções que a compõem; e esta parte tão pura, tão subtil, que elle faz subir para os ceos, não poderá ella ser considerada como emanação immortal sahida do seio de Deus para dar a vida a nossos corpos, e que, depois de sua destruição, se reune á sua origem?

Os antigos, fosse qual fosse a sua opinião sobre o poder dos deuses, nunca concederam á alma uma immortalidade perfeita; não a dotaram, nos infernos, de prazeres ou de effeições pronunciadas: a alma de Achilles, que Ulysses consegue fazer fallar, não dá muito agradavel idéa da sorte das sombras nos Campos Elysios. — « *Não procures consolar-me por que per-* « *di a vida* — responde o filho de Thetis ao rei de Ilha-

« co (Odyss. Liv. II): *eu estimaria mais ser o escravo « do mais vil dos homens do que reinar sobre os mortos.* — Os antigos somente tiveram noções vagas sobre a sorte futura: estava reservado á religião christã mostrar aos homens os meios empregados pela divindade para dar a seus escolhidos uma felicidade eterna.

Dos cadaveres pois por que motivo
Fervem com vermes as entranhas podres?
Donde a alluvião provém de taes insectos
Que, de ossos e de sangue não constando,
Fluctuam pelas carnes tumescentes?

v. 902.

Lucrecio está quase de accordo com uma grande parte dos nossos physicos modernos, cujas experiencias as mais positivas tem provado que a putrefacção produz animalculos: esta opinião é das mais antigas. A etymologia de uma expressão instrue-nos muitas veves da natureza do objecto para o qual ella foi criada: assim as palavras *fœtens et fœtus*, das quaes uma significa o cheiro de um corpo que se corrompe, e a outra um ente vivo que principia a formar-se, tem evidentemente uma etymologia commum.

Todos sabem que Néedham descobriu, com o auxilio do microscopio, enguias na farinha diluida em agua. Esta mesma experiencia foi repetida em Allemanha por Dellins, que não somente percebeu as en-

guias de Néedham, mas até percebeu as partes mais imperceptiveis de seus corpos, como as partes da geração. Para firmar-se cada vez mais em verdade tão importante, fez a experiencia seguinte: guardou caldo de carneiro em um vaso fechado hermeticamente. Passado um mez descobriu neste caldo, animalculos assaz similhantes aos que Leder tinha percebido nos ovos de barbo. Não se dirá de certo que vieram insectos pôr ovos no caldo; pois que o vaso que o continha estava hermeticamente fechado, nem que os havia antes no caldo que tinha ali sido introduzido com gráo de calor bastante consideravel para matar todo o animal que ali estivesse vivo. O mesmo observador repetiu a sua experiencia por todos os modos imaginaveis, e poude convencer-se cada vez mais de que era unicamente pela putrefacção e pelo desenvolvimento dos succos, e não de ovos prexistentes, que estes animalculos provinham.

Se o tempo as partes integrantes nossas
Depois da morte colligir podesse,
Pondo-as de novo como estão agora;
E se igualmente pela vez segunda
Nos fora concedida a luz da vida;
v. 1112.

Lucrecio parece fazer aqui allusão ao *grande anno*, ao *anno periodico*, doutrina temivel e extrava-

vgante que deve a origem á Astrologia, e que é quase tão antiga como ella. Todas as seitas de philosophos estavam imbuidos desta opinião. Nascida entre os Caldeos, tinha-se espalhado em toda a Asia, havia penetrado no Egypto, e tinha sido recebida com enthusiasmo pelo druidas e sacerdotes do norte, aos quaes ella servia de novo freio para sujeitar os espiritos: os gregos haviam-na communicado aos romanos; e praza a Deus que as doscobertas uteis nos tivessem sido transmittidas tão fielmente como o foi este dogma absurdo por uma tradição constante, perpetuada de seculos em seculos! Entendia-se por este anno a revolução inteira do ceo, isto é, a volta de todos os astros a um mesmo ponto fixo do firmamento. Não se estava de accordo sobre a duração deste periodo. Uns restringiam-no a cinco mil annos, outros davam-lhe dez mil, alguns milhões. Mas reuniam-se em crer que no fim deste grande anno o mundo devia renovar-se, e tornar a existir de novo não somente com as mesmas leis, mas ainda com a mesma forma e as mesmas circunstancias que antes. Os mesmos homens deviam ser reproduzidos novamente para terem uma vida similhante áquella que haviam já passado para tornarem a fazer na terra o mesmo papel e estar sujeitos ao mesmo encadeamento de circnnstancias. É este o sentido que alguns interpretes dão a esta passagem do Ecclesiaste: *Quid est quod fuit? Ipsum quod futurum est.— Quid est quod faciendum est? Ipsum quod factum est.— Nihil sub sole novum, nec valet quisquam dicere: hoc recens est. Iam enim præcesserit in sæculis quæ fucrunt ante nos.* — O hinverno deste grande anno era um diluvio, e o seu estio devia ser um abrasamento. Vê-se, co-

mo o nota o autor da Antiguidade sem veo, que esta divisão era tirada do anno solar, na qual o capricornio é o primeiro signo do hinverno, estação commummente chuvosa, e o caranguejo o primeiro signo do estio, estação de calor e de sequidão.

Devidia-se ainda este grande anno em quatro idades, como se divide o anno commum em quatro estações. Contava-se uma idade de oiro, uma idade de prata, uma idade de bronze, uma idade de ferro, Comparava-se este phenomeno aos da vida humana. A Natureza renovada estava ao principio em um estado de fraqueza e de infancia, donde ella chegava gradualmente a um estado de perfeição e belleza, seguido de um estado de vigor e de força, ao qual succedia a velhice e em fim a destruição. Tanto succedia no moral como no physico. O genero humano começava pela innocencia, elevava-se ás virtudes as mais horoicas, aperfeiçoava-se nas sciencias e nas artes, corrompia-se depois, degenerava, vinha a perder a força, o genio, a virtude, estado funesto que terminava pela dissolução. Eis aqui porque a corrupção do seculo autorisava a annunciar o fim do mundo. — *Mundus ipse jam loquitir* — diz S. Cypriano — *et occasum sui rerum labentium probatione testatur. Decrescit in arvis agricola, in mari nauta, miles in castris, innocentia in foro, justitia in judicio, in amicitiis concordia, in artibus peritia, in moribus disciplina.* — Virgilio apresenta um quadro inteiramente contrario, mas conforme ás mesmas idéas nestes versos da 4.ª Ecloga:

Ultima cumeï venit jam carminis ætas;
Magnus ab integro sæculorum nascitur ordo;
Jam redit et Virgo, redeunt saturnia regna.

Findou o prazo a predicção de Cumas:
Grande serie de seculos renasce.
Já de Astrea e Saturno os reinos voltam.
Versão de L. L. — 1851.

« Mortal, por que na vida que te resta,
« Te dás com tal excesso á dor, ao pranto?

Esta prosopopea, em que a Natureza apparece personificada com tanta grandeza e energia, mostra uma elevação de tal sublimidade que faz della uma das mais magnificas concepções do genio poetico. A antiguidade e os tempos de hoje pensam a este respeito do mesmo modo.

Todo o horror que no Tartaro profundo
A tradição dos credulos relata
E' na vida que nós o resentimos.

Nesta explicação ingenhosa dos supplicios dos infernos, considerados como emblematicos, Lucrecio aproveita a occasião de desenvolver a pureza de sua Moral: os seus preceitos nobres e tocantes tem sido os objectos de numerosas imitações. Quase que não há escriptor celebre que não os tenha ido beber em Lucrecio. Esta passagem deste poeta.

Sed metus in vita pœnarum pro malefactis
Est insignibus. . . . .

não deixou certamente de ser meditada por Santo Ambrosio quando reflexionou assim: — *Ante oculos ejus semper est error proprius, et momentis omnibus culpa pulsat conscientiam, nec quiescere, nec oblivisci sinit; velut gravis censor, exagitat se terrore perpetuo.*

Depois da descripção allegorica dos infernos por Lucrecio, agradecerá certamente ver a pintura horrorosa que Virgilio fez della no 6.° canto da Eneida: eil-a aqui.

Olha Eneas então: á sestra encara,
Debaixo de uma abobada de penhas,
Vasto recinto, envolto em triple muro.
Com torrentes de flamma arrebatado
O infernal Phlegethonte o abraça em roda,
Penedias horrisonas volvendo.
É magestosa a colossal portada;
Tem por umbraes columnas de diamante:
Não há homem, nem deus que a desmantele.
Lá se ergue ás auras um torreão de ferro,
Onde a feroz Tesiphone assentada,
C'um manto aos hombros que goteja sangue,
Guarda o limen á lerta dia e noite.
Eis se ouvem ais, lá stala o açoite horrendo,
Lá os ferreos grilhões de rojo tinem.
. . . .
. . . .
No entanto se abrem os portões do Averno
Em perro gonzo horrisonos rodando.
Vês no limen que horrenda sentinella?
Não a achas pavorosa? — Torna a virgem. —
A Hydra lá dentro está, mais sevo monstro;
Abre cincoenta fauces denegridas.

O Tartaro é tão fundo que se entranha
Distancia dupla na mudez das sombras
Da que vai delle á abobada estrellada.
Dos raios pelo impulso repellidos
Os enormes Titeãs, filhos da Terra,
Lá na ima profundez volvem-se a rojo.
Lá vi os dois Aloidas corpulentos,
Que o ceo alto co'as mãos rasgar tentaram
E expulsar Jove do superno throno.
Vi Salmoneu soffrendo horridas penas
Por que imitar ousou, descomedido,
Ao empyreo os trovões, a Jove os raios.
Um facho sacudindo ia elle ovante,
Levado por corseis quatro e soberbos
Por entre os graios, de Elide nos muros,
Para si exigindo a honra dos deuses.
Insano! Que imitava em bronzeo coche,
E dos corseis co'a rapida carreira,
Do raio acceso o estrondo inimitavel.
Mas Jove omnipotente lá das nuvens
Vibrou (facho não foi de luz formosa)
Um raio verdadeiro e co'elle abate
Em torvo turbilhão o deus fingido.
Da Terra, mãi commum, Ticyo gerado
Lá estava estendido em geiras nove:
Um terrivel açor de rostro adhunco
Rala-lhe lento as immortaes entranhas,
Que para eterna punição pullulam;
Sempre pascendo no alto peito mora;
Não tem descanso as fibras renovadas.
Nomearei Pirithoo, Ixion, Lapythas?
Sobre elles negra rocha a cahir prestes
De ameaça eterna lhes opprime as almas.

Delles á vista luzem cubiçosos
Estrados de oiro, leitos de delicias,
Com regio luxo preparadas mesas:
Mas encostada a mais atroz das furias
Lá todo o goso asperrima lhes veda
Com a tremenda voz, co'o acceso facho.
Versão de L. L. — 1819.

Esse mesmo que outr'hora aos largos mares
O seio penetrou para sobre elles
Os exercitos seus levar seguros:
v. 1398.

Xerxes 1.º, quinto rei da Persia, e segundo filho de Dario.

Morre o mesmo Epicuro, elle que tanto
Por seu genio excedeu a humana raça,
E soube a todos offuscar o brilho,
Como o sol quando nasce um veo estende
Por cima das estrellas luminosas.

Esta comparação de que Lucrecio se serve com muita arte para pagar a Epicuro o seu tributo acostumado de elogios, tem ao mesmo tempo o sublime de imagem e de estylo: muitos escriptores lh'o tem imitado.

INDICE

Das materias contidas nos primeiros tres cantos de Lucrecio que entram neste primeiro volume, copiado da versão italiana de Marchetti.

Canto 1.°

Canto 2.°

Canto 3.º

FIM DO 1.º VOLUME.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS

DO 1.° VOLUME DO LUCRECIO.

Pede-se ao benigno leitor se digne começar por tomar conhecimento destas erratas e de suas emendas, afim de ir fazendo as precisas correcções em leitura de tanta ponderação.

Pag.	*Lin. ou versos.*	*Erros.*	*Emendas.*
IX	20	irabalho.	trabalho.
XII	14	em verso franccz.	em verso francez;
		de La Blanc de Guillet.	a de La Blanc de Guilet.
10	28	etherias	ethereas.
13	12	longiquo.	longinquo
17	5	aerias.	aereos
18	25	accupam.	occupam
30	19	vesdades.	verdades
32		780.	850.
	30	devidos.	devidas
43	23	De abjecto.	De objecto
45	23	a molle.	a mole

Pag.	*Lin. ou versos.*	*Erros.*	*Emendas.*
48	21	suffrcienies.	sufficientes
54	1—7	Legendre..	Lagrange.
55	4—7	Legendre..	Lagrange.
59	15	totias.	*totius*
62	7	anniquilação.	aniquilação
74	8	advinhar	adevinhar
83a95		Canto 1.	Canto II
83	13	fngir-te.	fugir-te
	21	explendor.	esplendor
85	21	aerio.	aereo
87	7	Ne emtanto.	No emtanto
89	7	o ambaleiam.	bambaleiam
91	20	certo.	certa
95	22	mudas.	mudos
103	28	longiquas	longinquas
109	24	falso	falso.
110	5	resume.	resume,
116	8	pupila.	pupilla
120	12	observa-se,.	observa-se
132	10	vedes?.	vedes,
149	11	advinhadores	adevinhadores
155	5	pupila.	pupilla
171	23	infurtunio.	infortunio
172	6	abria.	abriu
	11	opressos.	oppressor
174	11	sistém.	sustém
175	28	precebe.	percebe
177	11	se encer.	se encerra
	16	veas,.	veas, nervos

Pag.	*Lin. ou versos.*	*Erros.*	*Emendas.*
	19	o mesmo..........	o mesmo.
179	3	expor-te..........	expor-lo
180	27	bões..........	bois
185	22	pupila..........	pupilla
187	4	rero..........	raro
188	20	seguen..........	seguem
	27	estranh.	estranha
189	30	e ambos se..........	e ambas se curam,
190	14	Mortal..........	Mortal,
191	27	Apodridão..........	A podridão
192	4	de vida..........	da vida
194	22	involuvro..........	involucro
205	30	eommettera..........	commettera
206	26	a lua..........	a luz
	28	Tende-se..........	Tendo-se
212	24	te punge,..........	te punge.
213	27	A tradicção..........	A tradição
214	6	obre..........	obra
216	11	selgado..........	salgado
221	11	de enthusiasmo.....	do enthusiasmo
222	19	*sanguis*..........	*sanguinis*
223	1	purpuria..........	purpurea
	6	Abstenda-vos.......	Abstende-vos
	13	*sansangine*..........	*sanguine*
225		Notas do Canto II....	Notas do Canto III
229		Id..........	id.
231		Notas do Canto I....	id.
233	no fim	13..........	12
234	12	*muribundus*..........	*muribundos*
237	7	estas..........	estes.
238	12	*naqueat*..........	*nequeat*

